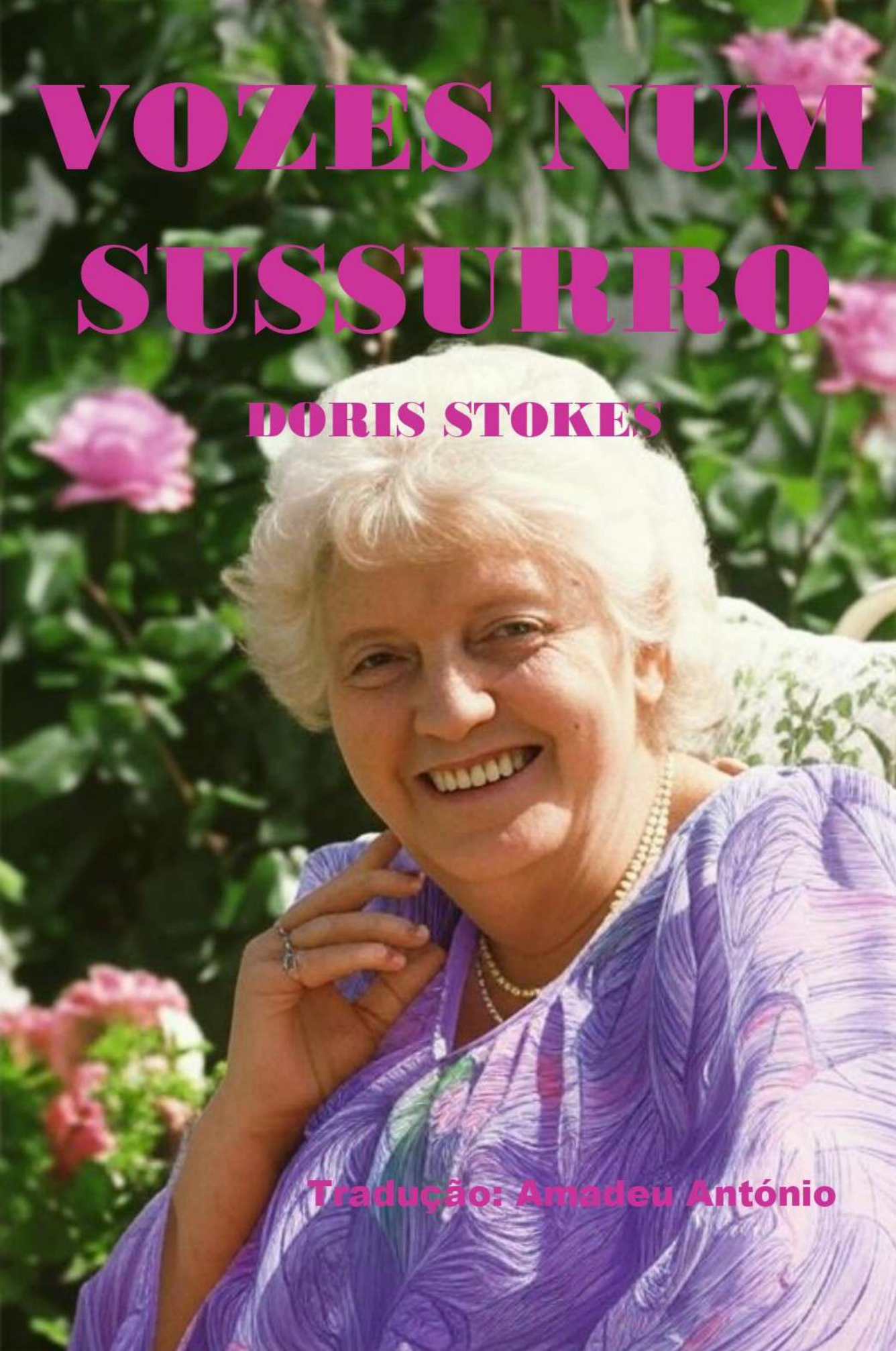
VOZES NUM SUSSURRO

DORIS STOKES



Tradução: Amadeu António

VOZES NUM SUSSURRO

Não te pares à minha sepultura e chores... Eu não estou lá — não durmo, Sou mil ventos que sopram, Sou a neve que cai suavemente, Sou as chuvas suaves que caem, Sou os campos de cereais a amadurecer. Estou no silêncio da manhã, Estou na corrida graciosa De belas aves em voo circular, Sou o brilho das estrelas da noite. Estou nas flores que desabrocham Estou num quarto silencioso. Estou nos pássaros que cantam, Estou em cada coisa encantadora. Não te pares à minha sepultura e chores — Eu não morri... Mary E. Frye 1932

CAPÍTULO 1

Era um dia quente de verão da primeira vez que vi a casa. «Vem ver isto, Doris», disse Laurie e eu subi a rua, ofegante um pouco porque o calor rebatia nas pedras do pavimento e fazia o ar tremeluzir e o que eu realmente desejava era uma cadeira à sombra para descansar as costas e uma bebida longa e fresca. Mas então vi-a e por um momento o calor dissipou-se.

Recuada da estrada e numa encosta de modo que se olhava para baixo para ela, a casa era azul e branca com pequenas janelas em treliça que brilhavam ao sol e uma faixa de jardim em chamas com rosas. Havia portões azuis a condizer dobrados ordenadamente sobre a entrada inclinada e uma bonita porta da frente ao estilo de chalé. «Oh, é linda!», exclamei de deleite, e depois com uma pontada percebi que uma casa tão encantadora como esta seria demasiado cara para mim. «Oh, Laurie», disse eu, subitamente desiludida, «quem me dera não a ter visto. Nunca poderia pagar isso.» Mas o Laurie não é de desistir facilmente. Encolheu os ombros e sorriu o seu sorriso imparável. «Bem, vamos ver, não é...»

Era uma sensação estranha, esta caça à casa pela primeira vez na minha idade. No passado, o John e eu tínhamos sempre ficado muito gratos por qualquer alojamento alugado que nos oferecessem. Podia não parecer algo saído de uma revista brilhante, mas enchíamo-lo com as nossas coisas, púnhamos os nossos quadros nas paredes e tornávamo-lo lar. Agora, subitamente ter uma escolha era um pouco desconcertante. E este negócio de entrar no lar de alguém e vaguear a inspecionar a decoração — bem,

simplesmente não me conseguia habituar. Parecia sempre tão rude de alguma forma dizer que não.

No entanto, tinha de ser feito. Era a resposta a um problema que me preocupava há meses. Quando o John e eu viemos para Londres, conseguimos arranjar um apartamento num bloco para ex-combatentes deficientes porque o John é um veterano deficiente de Arnhem. Não era um palácio — na verdade, algumas pessoas diziam que os blocos eram feios — mas era confortável e conveniente e depressa o tornámos acolhedor. Até fizemos um jardim em miniatura à porta da frente com fileiras de plantas em vasos ao longo da varanda e nas noites de verão o John e eu podíamos sentar-nos ali em espreguiçadeiras entre os nossos gerânios e impatiens *(Alegria-do-lar)* e fingir que estávamos no campo.

Em 1982 as coisas melhoraram ainda mais. À medida que os apartamentos ficavam vazios, a gestão começou a instalar casas de banho neles. Até então usávamos uma banheira de lata na cozinha, mas após uma longa espera, o John, o Terry e eu fomos mudados para o corredor para um dos apartamentos convertidos. Pagávamos um pouco mais e instalámos também um duche e após umas semanas não conseguíamos imaginar como tínhamos vivido sem ele.

A melhoria foi tão grande que o golpe que caiu logo a seguir foi duplamente inesperado. Todo o local ia ser completamente reurbanizado, disseram aos inquilinos. O nosso bloco ia ser demolido para dar lugar a um jardim. Os outros blocos iam ser modernizados e em muitos casos dois apartamentos iam ser transformados em três.

Tínhamos uma escolha. Podíamos viver num estaleiro de obras pelos próximos cinco anos enquanto esperávamos por um apartamento num dos outros blocos ficar disponível — embora não pudessem garantir que teríamos outro lugar com dois quartos — ou podíamos encontrar outro lar.

Agora o mundo espiritual sempre me disse para não me preocupar — apenas confiar e seremos providos. Mas não conseguia evitar preocupar-me. Como poderia fazer as minhas sessões com o barulho das obras o dia todo? E como poderíamos pôr o Terry na rua se no fim de cinco anos só nos oferecessem um apartamento de um quarto? A casa móvel que tínhamos comprado como retiro no campo podia ser uma solução, mas estava escondida num pequeno recanto tranquilo perto de Ashford em Kent. Encantadora para férias, mas seria muito incómodo continuar o meu trabalho de lá.

Deitava-me acordada à noite a perguntar-me o que raio íamos fazer, e tudo o que Ramanov, o meu guia espiritual, dizia era «Confia, criança.» O que era muito bom para ele, mas para mim era mais fácil dizer do que fazer.

O John, que não é um preocupadão como eu, parecia igualmente despreocupado. «Não te preocupes, amor», costumava dizer reconfortantemente. «Vai resolver-se. Vais ver.»

Mas eu não via. Os meses passavam e nada parecia acontecer exceto que desenvolvi umas costas muito más. Londres tornava-se muito quente e poeirenta da forma como sempre fica no verão e o John e eu ficámos muito contentes quando as nossas férias chegaram e pudemos ir para a caravana por um pouco de ar fresco.

E então quando menos esperava, o mundo espiritual interveio. Era um dia nublado e as minhas costas estavam a dar-me cabo, por isso quando o John disse que achava que podia ir dar uma volta de bicicleta disse-lhe para ir porque tudo o que me apetecia era sentar-me com uma bolsa de água quente. No entanto, mal o John pedalou para longe e eu estava aborrecida. Tinha acabado o meu livro no dia anterior e não tinha mais nada para ler. Não havia ninguém por perto para falar e nada na TV.

Desanimadamente, brinquei com os botões do controlo remoto. O Terry ligara-nos ao Oracle e estava sempre a olhar para ele, mas eu nunca o usara. Pergunto-me se consigo ver as estrelas do Russell Grant?, pensei. Sempre gosto de horóscopos. Carreguei em alguns botões e folhas de informação começaram a piscar pelo ecrã mas metade era grego para mim e não havia nada que se parecesse com um horóscopo.

Impacientemente carreguei em mais botões e então subitamente uma das páginas brilhantes chamou-me a atenção. Não tinha nada a ver com Capricórnio. Era uma lista de propriedades à venda num agente imobiliário de Londres, e uma das casas no sul de Londres tinha três quartos e era surpreendentemente barata.

Fiz uma conta rápida mental. Se vendêssemos a caravana e adicionássemos as nossas poupanças de vida achava que podíamos pagar a casa. Seria a resposta a todos os nossos problemas.

Excitadamente disquei o número do Laurie. Acho que não vos apresentei o Laurie. É a adição mais recente à nossa equipa. Dizer que é o meu manager soa bastante grandioso e não é mesmo assim. Nos últimos dois anos o meu trabalho aumentou tanto que com aparições pessoais, rádio

e TV, bem como as minhas sessões normais, não conseguia lidar com toda a organização. As pessoas continuavam a dizer que precisas de um manager, Doris, mas soava tão oficial que hesitei. Então um dia fui apresentada ao Laurie O'Leary, e demo-nos bem imediatamente. O Laurie na verdade abandonara uma carreira de gestão por uma vida mais pacífica mas quando viu a confusão em que eu estava decidiu voltar à gestão para me ajudar. Por isso agora o Laurie cuida das marcações, trata dos arranjos de viagem e de todos os outros pormenores que ocupam tanto tempo. É muito mais do que um manager. É como um da família.

De qualquer forma, ao telefone naquela manhã disse-lhe que lera sobre esta casa que achava que podia pagar.

«Está bem, Doris», disse ele, «venho buscar-te amanhã e levo-te a vê-la.»

Bem, o John não se importou. «Se te convém a ti, rapariga, convém-me a mim», disse ele. Mas não queria interromper as férias para ir arrastar-se por uma casa. Preferia muito mais mexer nas rosas dele no jardim da caravana. E na verdade sabia que se sentiria como um sobressalente — afinal as mulheres interessam-se muito mais por esse tipo de coisa do que os homens.

Em vez disso, a Nancy, a nossa boa amiga e vizinha dos apartamentos, disse que vinha comigo. Como se viu, a primeira casa não era certa. Um casal jovem vivia lá e tinham trabalhado muito nela mas era demasiado artística para mim. Havia uma sala branca nua com um sofá e prateleiras chamativas. Tinham despido as portas até à madeira nua e construído uma grande lareira de pedra. Estava lindamente feito e teria sido perfeito para um casal jovem mas não para uma antiquada como eu.

Vagueei a fazer ruídos educados mas a Nancy, abençoado o coração dela, é um pouco direta.

«Bem, isso tem de sair para começar», disse ela abanando a cabeça para a lareira. E, «Oh não, não gostas daquelas portas, pois não, Doris? Têm de ser pintadas.»

Era óbvio que teríamos de gastar uma fortuna em decoração para a pôr ao nosso gosto e suponho que o casal jovem não ficou muito contente com a ideia de arrancarmos todas as melhorias deles. Acho que foi um alívio geral quando expliquei que não era bem para nós.

A área era muito simpática, no entanto: conveniente para as lojas e o centro de Londres mas verde e aberta com árvores e flores em todos os

jardins e o campo a uma viagem fácil. O Laurie verificou com outro agente imobiliário e desta vez tivemos sorte. A primeira casa para onde fomos enviados era muito simpática mas de alguma forma não parecia certa.

«Pensamos nisso», prometi. As minhas costas estavam a matar-me a esta altura e estava bastante preparada para ir para casa de novo mas foi quando o Laurie me chamou para olhar para a casa azul e branca que encontrara.

Apaixonei-me por ela no local.

«Vá lá então, vamos dar uma olhadela dentro», disse ele ignorando os meus protestos sobre a despesa e o facto de não termos marcação.

Uma senhora minúscula abriu a porta e quando me viu os olhos dela abriram-se de espanto.

«Oh, Doris Stokes!», ofegou ela. «Nunca pensei conhecê-la.»

Chamava-se Hilda e levou-nos pela casa tagarelando alegremente. A casa era tão linda por dentro como por fora. Havia uma cozinha bonita com bancadas à volta — nada mais de tentar equilibrar meia dúzia de pratos na mesa da cozinha — havia portas de pátio a dar para o jardim e uma casa de banho espaçosa. A casa de banho era um pouco um problema porque era no rés do chão.

«Não há forma de descer as escadas com as pernas cruzadas logo de manhã!», disse eu duvidosamente.

«Não te preocupes com isso, Doris, podias pôr um lavabo no quarto», disse o Laurie.

O outro problema era que com as minhas costas más mal conseguia levantar um pé do chão quanto mais enfrentar aquelas escadas. Não importa, disseram os outros, olhavam os quartos por mim.

Eles subiram a bater os pés e a Hilda e eu ficámos a conversar no hall. Era um hall particularmente simpático. Quadrado e arejado com um tapete azul rico e sol a entrar pelas janelas de cada lado da porta da frente.

«Gosto mesmo deste hall, e um tapete tão bonito.» Estava a dizer, quando pelo canto do olho vi um borrão de movimento. Alguém mais subia as escadas para o quarto. Era um homem velho frágil, mais alto do que a Hilda e bastante curvado e pela forma como se arrastava de degrau em degrau, puxando pesadamente pelo corrimão, adivinhei que tinha dificuldade em andar. Um flash de intuição disse-me que este era o marido da Hilda e substancial como parecia — era uma pessoa espírito.

«Desculpe, amor», disse eu subitamente à Hilda, «mas o seu marido era inválido?»

«Bem, sim era», disse ela surpreendida.

«Pensei que sim», e olhei de volta para as escadas. Estavam completamente vazias. O homem desaparecera. Por isso tinha razão. Passara para o outro lado mas voltava de tempos a tempos para visitar a mulher e a antiga casa dele. Bem, isso estava bem para mim. Nunca me importei de partilhar um lugar com pessoas espírito desde que não se tornem um incómodo.

Houve muito barulho lá em cima e depois os outros, inconfundivelmente deste mundo, desceram a bater os pés.

«Os quartos são lindos, Doris», disse a Nancy, «e o da frente dá diretamente para aquele pequeno relvado lá fora.»

Mas ainda hesitei. Adoraria a casa. Não precisava de subir as escadas para saber que seria feliz ali mas não tinha a certeza absoluta de que a podíamos pagar.

A Hilda deve ter lido a minha mente. «Olhe, Doris», disse ela, «gostaria de pensar que vive aqui. Como é para si baixo o preço.»

«Ela leva-a!», disse o Laurie instantaneamente.

No caminho para casa claro que as dúvidas instalaram-se. Oh céus, o que fiz?, continuei a pensar. As nossas poupanças de vida e nem subi as escadas. Espero estar a fazer o certo. Os nossos amigos no parque de casas móveis achavam que estávamos loucos. Ali estavam eles a vender as casas para se mudarem para casas móveis e ali estávamos nós a vender a nossa casa móvel para nos mudarmos para uma casa. Na nossa idade! Mas então o John e eu sempre fomos impulsivos. Casámo-nos uma semana após nos conhecermos e todos acharam que estávamos loucos então. Na verdade, não conseguia convencer a minha família de que não era uma brincadeira. Quando descobriram após o casamento que éramos muito a sério abanaram as cabeças em reprovação e disseram que não duraria. No entanto aqui estamos 40 anos depois, ainda fortes.

Sabe-se que se está a fazer o certo quando tudo corre bem, no entanto, e depressa foi óbvio que o mundo espiritual queria que tivéssemos esta casa. O lado legal passou sem qualquer problema e mesmo quando tentávamos decidir uma data de mudança, outro golpe de sorte veio ao nosso encontro. Estava a falar ao telefone com a revista Woman's Own um

dia e disse-lhes que lhes daria a minha nova morada o mais depressa possível.

«Tenho a minha casa finalmente!», disse eu feliz.

«Oh maravilhoso», disseram eles, «deixa-nos projetá-la para ti, não deixas?»

Projetá-la para mim? A ideia de ter uma casa projetada nunca me passara pela cabeça, mas quanto mais pensava nisso mais excitante parecia. Era verdade que os esquemas de cores da Hilda não combinariam muito bem com os nossos móveis, mas não faço ideia de decoração. Desde que um lugar esteja limpo e confortável sou feliz. Mas se alguém mais resolvesse as cartas de tintas e papel de parede... bem, sim, seria muito simpático ter tudo a combinar e coordenado de cores, como dizem hoje em dia.

Bem, a casa tornou-se legalmente nossa no final do verão, mas adiamos a data da mudança para dezembro para dar tempo para a decoração ser feita. Pelo meio, fomos lá de novo com Deborah, apelidada Dobs, da Woman's Own, para discutir as cores. A Dobs tinha grandes planos. Não conseguia imaginar bem o que ela queria dizer metade do tempo, mas parecia saber do que falava, por isso pensei que era melhor deixá-la prosseguir. Nesta altura, no entanto, ainda não tinha subido as escadas e a Dobs foi muito insistente em que o fizesse.

«Vá lá, Doris, tem de vir lá acima», disse ela. «Tenho de lhe mostrar o que tenho em mente.»

As minhas costas ainda latejavam e não tinha escadas há doze anos, mas parecia ridículo, por isso prendi a respiração e corri para elas. Subi aquelas escadas como se estivesse num arame e quando cheguei ao topo virei-me e vi que toda a gente se matava a rir.

«Subiu aquelas escadas como uma criança de dois anos!», riu a Dobs.

Não consegui deixar de sorrir. «Sim, bem, não me atrevi a parar», confessei. «Se tivesse ficado sem fôlego a meio caminho teria ficado presa.»

A fase de planeamento não demorou muito, porque o John e eu estávamos prestes a partir na digressão de promoção do meu livro Uma Multidão de Vozes. Íamos estar fora três semanas e quando voltássemos íamos diretamente para a nossa nova casa. O Terry ia organizar tudo, disse ele. Empacotava todas as nossas coisas e arranjava toda a mudança. Devo admitir que estava um pouco apreensiva. Temia nunca mais conseguir

encontrar nada, mas o Terry disse-me para não me preocupar. Era bastante capaz de gerir.

Bem, o John e eu partimos na digressão, mas de volta à casa as coisas estavam longe de tranquilas. A primeira coisa que soubemos foi quando o Steve, o eletricista, se recusou a trabalhar no lugar sozinho. Não diria muito sobre isso, mas percebemos que ouvia ruídos estranhos quando ninguém estava lá e as ferramentas dele estavam sempre a ser movidas. Nunca as encontrava onde as deixara.

O Laurie foi o seguinte a perceber que algo estranho acontecia. Ele e o Steve saíram da casa juntos uma noite e antes de partirem desligaram as luzes na rede, como medida de segurança adicional. Bateram com a porta da frente, foram para o carro e ao olharem para trás notaram que a luz estava acesa no sótão.

Aturdidos, voltaram e verificaram. Mas a eletricidade ainda estava desligada na rede. Intrigado, o Laurie subiu ao sótão e apagou a luz. Depois trancaram de novo e saíram. Quando chegaram ao carro, a luz do sótão piscava brilhantemente. Voltaram, bastante nervosos a esta altura, e apagaram a luz mais uma vez, e desta vez dirigiram-se para o carro quase a correr.

«Vá lá, Steve, vamos embora pelo amor de Deus», disse o Laurie, «ou ficamos aqui a noite toda.» E afastaram-se a toda a velocidade sem olhar para trás.

Cerca de uma hora depois, o Terry passou pela casa a caminho de casa do trabalho. Depois telefonou ao Laurie.

«Sabias que deixaste a luz do sótão acesa?», perguntou.

Finalmente o Terry descobriu por si mesmo o que queriam dizer. Chegando primeiro à casa uma manhã, entrou, trancou a porta atrás de si e vagueou para a sala de estar para ver o que os decoradores tinham feito. Mas enquanto ali estava a admirar a pintura, ouviu a porta da frente bater de novo. Pensando que era o Laurie enfiou a cabeça no hall para dizer olá mas para surpresa dele o hall estava vazio. A porta da frente estava escancarada e ninguém à vista.

Irritado, o Terry fechou a porta e estava a entrar na cozinha quando veio um grande estrondo de cima. Uma luz portátil num cabo longo soltara-se sem razão aparente e viera esmagar-se no chão.

Em visitas posteriores à casa com o Laurie e o Steve, os três ficaram sobressaltados por mais estrondos inexplicáveis e até o som de passos a atravessar as tábuas acima quando toda a gente estava em baixo.

No final tornou-se uma piada. Batizaram o visitante invisível de George e quando ele se tornava particularmente incómodo o Terry dizia: «Oh, para com isso, George, ou solto a velha em cima de ti!»

Curiosamente, desde que o John e eu nos mudámos o George tem estado bastante pacífico. Ocasionalmente uma porta abre-se silenciosamente e fecha-se de novo quando não há ninguém visível e dizemos: «Olá, como estás.»

Recentemente decidi que era tempo de termos uma conversa para esclarecer as coisas, por isso esperei até a porta da sala de estar se abrir sozinha e então confrontei o George.

«A tua mulher já não vive aqui», disse-lhe porque tinha a certeza de que era o marido da Hilda, e no caso de estar confuso expliquei para onde ela fora. «Agora é a nossa casa», acrescentei gentilmente.

Ele disse que o nome dele não era George mas Edward, apelidado Ted, e a casa costumava pertencer-lhe. Não conseguia compreender porque estávamos ali a arrancar o papel de parede dele e a bater nas coisas. Uma vez que expliquei pareceu bastante contente.

«Não nos importamos que apareças quando quiseres, Ted», disse eu, «mas não movas as coisas. Torna a vida tão difícil.»

E não houve problemas desde então. O Ted aparece de tempos a tempos mas não nos incomoda nada.

Não há muito tempo tivemos outro visitante espírito também. Não acho que sejamos particularmente incomuns nisso. Acho que provavelmente a maioria das casas é visitada por ocupantes anteriores e pessoas que estavam intimamente ligadas ao edifício, é só que a maioria das pessoas não se apercebe, ou descarta ruídos estranhos e correntes de ar inexplicáveis como o vento, ou as pessoas da porta ao lado.

De qualquer forma, nesta ocasião particular tínhamos tido uns pedreiros a construir um muro de jardim e pus uma tira de plástico na sala de estar para proteger o tapete das botas enlameadas deles. Estava sentada ali junto à lareira a relaxar antes de ir para a cama quando ouvi passos bastante distintos a atravessar o plástico. Toda a gente já estava na cama e o som definitivamente veio de apenas uns centímetros de distância. Além

disso, um pé descia muito mais pesadamente do que o outro por isso soube que esta pessoa andava com uma bengala ou um coxear pronunciado.

«Quem é?», perguntei.

«Reggie», disse uma voz de homem e depois os passos desvaneceram e ele foi-se.

Reggie?, pensei. Que estranho. Tinha a certeza de que o homem que morava aqui dissera que se chamava Ted. Por isso no dia seguinte quando a nossa vizinha da porta ao lado Margaret veio, perguntei-lhe sobre isso.

«O homem que morava aqui andava pesadamente de um lado?»

«Oh não», disse Margaret, «era inválido. Nunca o via andar. Estava ou numa cadeira ou na cama.»

«Isso é estranho», disse eu, «ouvi um homem andar pela minha sala de estar e ele descia muito pesadamente num pé por isso deve ter tido um coxear ou andava com uma bengala. Disse que se chamava Reggie.»

Para meu espanto a Margaret desatou a chorar. «É o meu marido», sussurrou limpando os olhos. «Acabou de descrever o meu Reggie.»

Por isso agora sabemos que o marido da Margaret veio dar uma olhadela a nós para verificar se somos o tipo de pessoas que serão simpáticas para a mulher dele.

Foi certamente maravilhoso voltar da nossa digressão para uma casa nova encantadora. O Terry fizera muito bem com a mudança e, embora ainda haja uma ou duas coisas que não encontrei, praticamente tudo estava em segurança num pedaço. A Dobs fizera maravilhas e durante semanas continuei a vaguear a lembrar-me de que este lugar magnífico realmente nos pertencia e não teríamos de o deixar em breve e ir para casa. Ainda parece um pouco irreal.

A *pièce de résistance* da Dobs foi o meu quarto que foi feito como um lindo bolo de aniversário em rosa e branco com portas de espelho nos roupeiros ao longo de uma parede inteira para o fazer parecer duas vezes maior. Quando ela sugerira os espelhos e todos os outros pormenores não fazia a mais pequena ideia de como ficaria e devo dizer que quando vi o resultado final fiquei estupefacta — da melhor maneira possível!

Sentei-me ali na minha cadeira rosa com o folho à volta da base e olhei para mim nos espelhos, todos os meus oitenta e sete quilos e meio e disse: «Sessenta e cinco! Podias ter precisado disto, rapariga, quando tinhas vinte e cinco! Todos estes travesseiros com folhos e almofadas espalhadas

e laços de cetim rosa nas imagens, e tudo o que eles têm para olhar é a Doris na cama sem dentes e as pastilhas para a indigestão!»

Estava a aparecer no TV AM com o Derek Jameson pouco depois disto e não consegui deixar de contar ao Derek sobre o meu quarto bonito e os espelhos. O Derek é um homem terra-a-terra direto com um grande sentido de humor e soube que ele apreciaria a piada.

«Bem, sabes, Doris, há vinte e cinco anos aqueles espelhos teriam feito algum bem à tua vida sexual», riu ele, e claro que fiquei outra vez às gargalhadas.

Algumas semanas depois no nosso aniversário de casamento o homem das entregas veio à porta com dois pacotes. Um era uma única rosa vermelha numa caixa longa e plana com um cartão a dizer: Feliz Aniversário, John e Doris, do Derek Jameson. O outro era uma caixa quadrada que dizia: Feliz Aniversário, John e Doris e os roupeiros. Também do Derek Jameson.

E os roupeiros?, disse para mim mesma. O que queria dizer com isso? Intrigada rasguei o papel de embrulho. Dentro estava uma caixa carmesim com duas borlas pretas no topo. O que raio poderia ser?

«Achas que é uma orquídea?», perguntei-me em voz alta.

O Laurie que acabara de aparecer sugeriu que podia ser papelaria. O John não fazia ideia.

Por isso abri a caixa e dentro estava um cinto de ligas de renda preta, um par de meias de seda pretas e um objeto minúsculo e vaporoso que o Laurie explicou ser uma tanga. As borlas pretas que pensara serem para abrir a caixa eram na verdade para ir nos peitos!

Que visão para os roupeiros teria sido, se ao menos tivesse conseguido vesti-los!

CAPÍTULO 2

Foi um verão muito agitado aquele verão de 84 antes de nos mudarmos para a nossa nova casa, e por acaso encontrámo-nos envolvidos numa tragédia que comoveu todo o país.

O tempo estava muito quente aquele ano e por isso o John e eu, que não nos adaptamos bem ao calor, tentávamos escapar para a nossa casa móvel sempre que podíamos. Ficava sempre contente quando podia trabalhar da caravana em vez do nosso apartamento abafado em Londres, e uma semana em particular a caravana provou-se especialmente conveniente porque ia fazer uma demonstração em Tunbridge Wells — logo ali na estrada.

O espetáculo correu bem e depois senti-me muito esgotada, da forma como sempre fico, e sentei-me no meu camarim a beber chá enquanto o clamor das vozes espíritas se desvanecia e o mundo comum do dia a dia se restabelecia no primeiro plano da minha mente. Havia muita gente a andar de um lado para o outro a mordiscar sanduíches mas não notei ninguém em particular até o Laurie vir ter comigo.

«Doris, gostaria de te apresentar um velho amigo meu, Ted Roffey.»

O Ted era um homem magro, elegante, vivia na área e o Laurie enviara-lhe bilhetes para o espetáculo. Parecia ter-se divertido e foi muito simpático. Nunca vira nada assim, disse, fascinante. Certamente fazia pensar. Depois guiou um casal jovem na minha direção.

«Estão a morrer por te conhecer, Doris», disse ele. «Este é o meu sobrinho Tony e a mulher Janet.»

Eram um casal encantador. Muito jovens, morenos e um pouco tímidos e a Janet claro estava grávida de barrigão. Uma mulher grávida é uma visão maravilhosa, sempre penso, tão cheia de esperança para o futuro, e no entanto quando olhei para a Janet foi como se uma nuvem passasse rapidamente sobre o sol. Houve uma frieza súbita e senti medo por ela sem razão que pudesse nomear. Olhei para ela com atenção tentando perceber o que estava errado e notei que usava sapatos de salto alto.

«Querias tirar esses sapatos, amor, e pôr uns rasos», disse eu. «Basta ires ao chão...»

O Tony que estava ligeiramente atrás, pôs os braços à volta dela. «Compro-lhe uns rasos amanhã, Doris», prometeu e ao dizê-lo inclinou-se

para a frente e beijou o topo da cabeça dela e ali estava de novo. Aquela pontada rápida de medo. Ali e ido de novo, antes de o poder identificar.

«Isso mesmo. Dá-lhe todo o amor que puderes», disse eu sem perceber o que dizia. «Vai precisar de todo o amor que lhe puderes dar nos próximos meses.»

Eles só sorriram um para o outro, tão jovens e tão apaixonados, e o Tony roçou o cabelo dela com os lábios de novo. Não perceberam quão a sério eu falava. Mas como poderiam? Nem eu sabia bem o que queria dizer. Tudo o que sabia era que sempre que olhava para a Janet queria ir pôr os braços à volta dela e apoiá-la de alguma forma. Tinha a certeza de que havia algo errado algures. No entanto parecia a imagem da saúde e o Ted disse que os médicos estavam muito satisfeitos com ela.

Oh para de ser imaginativa, Stokes, disse a mim mesma severamente. Estás a imaginar coisas. O que precisas é de outra chávena de chá. E fui encher a chaleira, empurrando aquela sombra firmemente para o fundo da mente.

Meia hora depois ao deixar o teatro, a Janet tropeçou numa pedra irregular do pavimento e caiu diretamente.

Felizmente não houve mal feito, mas o Ted e o Tony, lembrando-se do meu aviso, fizeram-na tirar os sapatos ali mesmo e andar o resto do caminho para o carro de meias nos pés. De certa forma fiquei aliviada. Talvez fosse só o perigo potencial dos saltos altos dela que captara.

Semanas passaram e por fim veio a notícia de que o bebé nascera. A Janet tivera uma menina e iam chamá-la Hollie. Mãe e bebé estavam bem, disseram-nos. Era boa notícia, claro, mas não bania a sensação de que havia algo errado algures. Todos os dias, quando pensava nos Roffeys e na pequena Hollie aquela sombra parecia crescer mais forte.

Bem, não vou telefonar e preocupá-los, disse a mim mesma, estás só a ser demasiado imaginativa por causa do John Michael. E é verdade que após perder o meu próprio bebé aos 5 meses, sempre contive mentalmente a respiração sobre os bebés dos outros até fazerem um ano. Pode parecer ilógico, mas tendo a sentir que qualquer coisa pode acontecer nos primeiros 12 meses de vida. Uma vez que um bebé atinge um ano, solto um suspiro de alívio e sinto que está seguramente a caminho.

Então um dia abri o jornal e lá estava uma história sobre o bebé que se tornaria o paciente de transplante cardíaco mais jovem do mundo. Era uma menina e chamava-se Hollie Roffey. O jornal escorregou-me dos dedos e

com uma sensação fria de afundamento, percebi que era isto que sentira desde o início. Aparentemente ao nascer, a Hollie parecera bastante normal e saudável, mas à medida que os dias passavam a cor dela não parecia bem certa e foi levada para testes.

No dia em que o Tony e a Janet esperavam levá-la para casa os resultados chegaram. Disseram-lhes que o lado esquerdo do coração da Hollie faltava. O defeito era demasiado drástico para tentar uma reparação. A única hipótese de sobrevivência da Hollie era um transplante cardíaco — se se pudesse encontrar um dador adequado.

Toda a gente trabalhou muito para salvar a pequena Hollie. Quando telefonei ao Ted, já se tinha encontrado um dador e a família estava no hospital a andar pelos corredores e a beber café forte enquanto a operação decorria. O filho do Ted, Simon, atendeu o telefone.

«Simon, não quero intrometer-me», disse eu, «podias só dizer ao teu pai que liguei e que estamos a rezar pela Hollie.»

Não sei como os Roffeys passaram os dias seguintes. Foi um tempo tão tenso. O sofrimento da pequena Hollie tocou todo o país. Os jornais, rádio e televisão traziam histórias regulares sobre ela e a sua luta corajosa pela vida derretia os corações mais frios. Incrivelmente para uma coisinha tão frágil aguentou-se 17 dias após a operação. Era uma lutadora nata.

A certa altura pareceu recuperar, começou a mamar e todos os sinais eram esperançosos. Toda a nação conteve a respiração. Pelo país fora as pessoas torciam pela Hollie.

O Tony e a Janet tinham passado todos os dias no hospital, mas por fim o estado da Hollie era tão encorajador que foram persuadidos a ir para casa descansar. Tragicamente, enquanto estavam fora o bebé piorou e antes de conseguirem voltar ao hospital ela partira.

O John e eu estávamos na caravana quando ouvimos a notícia. Não fiquei surpreendida, no entanto ao mesmo tempo foi um choque e senti-me desesperadamente triste pelo pobre Tony e pela Janet. Sabia exatamente como se deviam sentir. Era a história do John Michael de novo.

Sei que algumas pessoas se afastam da tragédia. Não sabem o que dizer por isso não dizem nada e até se ouve falar de pessoas que atravessam a rua em vez de enfrentar alguém que sofreu um luto. No entanto, a coisa estranha é que, se se enfrentar, as palavras vêm e significa tanto para os enlutados saber que as pessoas se importam.

Nem me ocorreu não entrar em contacto. Tristemente, disquei o número do Ted.

«Ted, lamento tanto», disse eu quando atendeu.

Ao som da minha voz pareceu aliviado.

«Oh, Doris. O Tony e a Janet estão aqui connosco agora. Podemos vir? Posso ir buscar-te?»

Como poderia recusar? Mal meia hora depois o Ted chegou e levou-nos de volta para casa dele. Acho que ficou muito contente por o John e eu estarmos em Kent naquele dia porque estava a achar difícil reconfortar a Janet e o Tony.

Estavam num estado terrível como qualquer um estaria. Pus os braços à volta de ambos, depois sentei-os e tentei falar com eles. Não sei quanto do que disse realmente chegou, mas falámos cerca de 3 horas.

«Ouve, querido, a Hollie não está morta», disse eu. «E fez mais na sua curta vida do que todos nós juntos poderíamos fazer em noventa anos. Abriu o caminho para mostrar que estas operações podem ser feitas em bebés minúsculos. Graças a ela, quem sabe quantas vidas serão salvas. Fiquem orgulhosos por terem sido escolhidos para ser os pais dela.»

É estranho como em tempos de tragédia as pessoas muitas vezes se concentram num pequeno detalhe que parece ganhar uma importância desproporcional ao horror maior do que aconteceu. Com o Tony era o cabelo do bebé dele. Angustiado como estava, estava particularmente perturbado porque lhe tinham rapado a cabeça à Hollie.

«Era tão bonita, Doris», soluçou ele, «mas raparam-lhe a cabeça. Porque tiveram de lhe cortar o cabelo?»

Não queria mesmo uma resposta médica, claro, embora sem dúvida houvesse uma.

«Olha Tony, não importa», disse eu, «agora está bonita de novo. Tem todo o cabelo de volta do outro lado. Aquela não era a Hollie que viste quando voltaste ao hospital, só o velho casaco dela.»

Nem tentei fazer uma sessão para eles. Era demasiado cedo. O desgosto é natural, faz parte do processo de cura e acho que é melhor deixá-lo sair e ajustar-se um pouco à perda antes de contactar um médium. No caso dos Roffey, no entanto, o mundo espiritual queria esclarecer aquele pequeno ponto.

Subitamente enquanto falava senti um pequeno solavanco como se algo fosse posto no meu colo. Olhei para baixo e lá estava a Hollie. Agora

adoro bebés e todos me parecem bonitos, mas a Hollie era uma das crianças mais bonitas que já vi. Gorgolejava feliz para si mesma e a cabeça dela era uma massa de caracolinhos vermelho-dourados, lustrosos como uma castanha nova.

«Ali, não é linda?», disse uma voz de mulher. «Diz ao Tony que pode acreditar em mim que ela tem todo o cabelo de volta agora e estou a cuidar dela.»

Era a avó do Tony e passei a mensagem com prazer. Só uma coisa me intrigava. O cabelo vermelho-dourado. Tanto o Tony como a Janet eram morenos e esperaria que a Hollie fosse morena como eles ou então loira bebé com o tipo de cabelo que escurece à medida que a criança cresce. No entanto, o cabelo da Hollie era ousado e distintivo e bastante diferente dos pais.

Foi só uns dias depois quando conheci o irmão do Tony que descobri a resposta. Mal vi a cabeça cobre profunda dele a vir na minha direção percebi que a cor corria na família, e por alguma razão passara ao lado do Tony.

Mas o suplício dos Roffey estava longe de acabar. O corpo do bebé foi levado para os agentes funerários e o Tony e a Janet arranjaram vê-la lá. Contaram-me sobre isto e continuaram a pairar até que por fim percebi o que tinham deixado por dizer.

«Querem pedir-me para ir convosco?»

Trocaram olhares aliviados. «Seria impor demasiado pedir-lhe?», disse o Tony.

«Nem um pouco, amor. Venham buscar-nos quando estiverem prontos.»

Bem, foi uma experiência que nunca esquecerei. Não conseguia acreditar. Parámos à frente de uma loja de bicicletas, e ao lado havia uma janela, nua exceto por uma jarra com umas poucas flores artificiais poeirentas. Entrámos e um homem emergiu das sombras no fundo.

«Viemos ver o nosso bebé», disse o Tony dolorosamente enquanto a Janet se agarrava à minha mão.

«Oh sim», disse o homem. «Sigam-me.» E levou-nos pela porta das traseiras, através de um pátio cheio de bicicletas velhas, para uma salinha desolada no fim.

«Ali dentro», disse o homem recuando.

O Tony e a Janet, bastante entorpecidos, não se mexeram. «Importa-se de entrar primeiro, Doris?», sussurrou a Janet.

«Sim, está bem amor», disse eu e ainda bem que o fiz. A primeira coisa que vi ao ajustar os olhos à luz foi uma caixinha branca minúscula não maior do que uma caixa de sapatos, e um cravo morto deitado no topo. Felizmente antes de sairmos da caravana aquela manhã cortara um botão de rosa branca, mesmo a começar a abrir e, rápido como um relâmpago, tirei o cravo e pus o botão de rosa no lugar. E depois ali estavam aqueles dois pobres miúdos ao meu lado, o Tony a repetir: «Não é justo. Simplesmente não é justo», vezes sem conta enquanto a Janet soluçava o coração.

Não havia nada a fazer, claro, nunca há, e por fim beijei o pobre rosto frio, incompreensível e toquei no braço da Janet.

«Vá lá, amor», disse eu gentilmente. «É só o velho casaco dela. Ela não está aí, sabes. Está segura e feliz.»

E, finalmente, persuadimo-los a afastar-se daquele lugar sombrio e levámo-los para casa.

Ainda havia o funeral para passar e temia-o. O Tony e a Janet queriam-nos lá e não os desapontaríamos por nada no mundo, mas todo o episódio triste trazia de volta memórias tão vívidas da perda do John Michael que achava muito doloroso. Afinal, uma caixinha branca dolorosamente pequena parece-se muito com outra e dia e noite dava por mim a reviver os piores momentos da minha vida.

«Agora ouçam», disse ao Tony e à Janet mesmo antes do funeral. «A pior parte é quando veem aquela caixinha desaparecer na terra. Continuem a dizer a vós mesmos que não é a Hollie. A Hollie está segura.»

Mas foi um caso de partir o coração mesmo assim. Houve um momento terrível quando dois homens robustos entraram na capela com esta caixinha branca patética carregada numa tira de lona entre eles. Havia algo de absurdo em duas figuras tão corpulentas a partilhar um fardo tão minúsculo. Porque não poderia um deles simplesmente ter carregado o caixão nos braços?, interroguei-me. No funeral do John Michael tínhamos um menino pequeno loiro de caracóis a carregar a caixinha do meu bebé nos braços. Era simples, tocante e apropriado. Não se precisa de pompa e cerimónia para um bebé inocente.

No entanto, embora fosse triste, aquele funeral sublinhou que criança especial a Hollie era e como em apenas uns poucos dias curtos conquistara o afeto de tantas pessoas. A igreja estava lotada e tributos florais

magníficos chegavam de todo o país. A sepultura da Hollie parecia estar num tapete de flores e a esse mar flamejante de cor o John e eu adicionámos a nossa própria pequena contribuição. Tínhamos cortado todos os botões de todos os roseirais brancos no nosso jardim, embrulhado-os num guardanapo branco e adicionado um pequeno cartão. Para a Hollie. Não conheceste o mundo mas o mundo inteiro te conheceu.

Depois, de volta à casa do Ted, a Janet e eu passeámos no jardim enquanto ela tentava acalmar-se. Era um dia quente e multidões de enlutados saíram para um pouco de ar. Caminhámos lentamente para trás e para a frente e subitamente através da tagarelice ouvi distintamente:

«Não me interessa o que dizes. A Hollie não está lá. Lê os livros da Doris Stokes. Estou a dizer-te...»

Não consegui deixar de sorrir. Que simpático saber que as minhas palavras não tinham caído em ouvidos surdos. Dirigi-me ao falante, um homem de rosto agradável de meia-idade para lhe agradecer pela recomendação mas mesmo quando cheguei a ele ele notou-me.

As palavras dele morreram, o queixo caiu e a pele dele ficou um pouco pálida sob o bronzeado.

«M-m-m-mas é ela. É a Doris Stokes. De onde veio?», gaguejou como se pensasse que materializara do ar rarefeito.

«Vim ao funeral», disse eu, «sou amiga da família.»

Pareceu aliviado e a cor saudável dele voltou.

«Bem, Doris! Que encantador conhecê-la. Venha falar connosco.»

A Janet e eu juntámo-nos ao grupo e embora não tivesse pretendido trabalhar, o dia já fora demasiado emocional, descobri que a mulher do homem chegara invisível do mundo espiritual e queria mandar-lhe o amor dela.

«E manda o meu amor à nossa Mary», disse ela, «e quanto a ele, diz-lhe para falar com a Mary. Não falam há anos.»

Aparentemente houvera algum tipo de desacordo familiar e o homem zangara-se com a cunhada. À medida que os anos passavam tornava-se mais difícil para qualquer um deles quebrar o gelo e embora por vezes fossem às mesmas funções, comportavam-se como se nunca se tivessem conhecido. Descobriu-se que a Mary também estava no funeral e o empurrão do outro lado foi tudo o que precisavam. Antes do fim da tarde aquele homem estava agachado ao lado da cadeira da Mary, envergonhadamente a compensar anos de silêncio.

Uma vez que as pessoas descobrem que sou médium estão geralmente cheias de perguntas e após um bocado um dos outros homens no grupo, Micky Dallon que estivera a ouvir em silêncio, finalmente ganhou coragem para levantar um assunto que devia estar a incomodá-lo há algum tempo.

«Quando a minha mãe estava a morrer sentei-me com ela a segurar-lhe a mão», disse ele, «e a certa altura quis saltar e chamar o médico, mas ao mesmo tempo não queria deixá-la. No final fiquei com a mãe e ela morreu. Desde então pergunto-me se fiz o certo. Se tivesse chamado o médico então, talvez a pudéssemos ter salvado.»

Abanei a cabeça vigorosamente.

«Não, amor. Fizeste bem em ficar e reconfortá-la. Não teria feito diferença quem chamasses. Se era o momento da tua mãe passar para o outro lado tinha de ir e ninguém o poderia impedir.»

O Micky pareceu satisfeito e a conversa prosseguiu mas não conseguia concentrar-me no que diziam. Uma mulher juntara-se a nós e inclinava-se para a frente para sussurrar-me.

«Manda o meu amor ao Micky», murmurou ela.

«Quem és tu?», perguntei.

«É a Lilian», disse ela e foi-se.

«Desculpem interromper», disse eu calmamente em voz alta, «mas acabei de receber algo para o Micky. Não é muito. A Lilian manda o amor dela, é só isso.»

Era a mensagem mais minúscula mas o efeito foi espantoso. A cor simplesmente esvaiu-se do rosto do Micky Dallon e ficou tão branco que pensei que pudesse desmaiar.

«É um nome tão incomum...», balbuciou ele através de lábios pálidos, «nunca poderias ter adivinhado que o nome da minha mãe era Lilian...» e afastou-se aos tropeções para arranjar uma bebida para acalmar os nervos.

Há duas sequelas para a história do Tony e da Janet, uma bastante estranha e inexplicável, a outra perfeitamente explicável e terra-a-terra mas igualmente maravilhosa.

A primeira ocorreu durante aquele mesmo verão longo e quente. Os Roffey passaram bastante tempo connosco na nossa casa móvel e naturalmente o assunto da Hollie surgia frequentemente. O Tony parecia particularmente angustiado. Não conseguia aceitar a tragédia de todo.

«Acredito em ti, Doris», disse ele vezes sem conta. «Acredito em tudo o que dizes mas se ao menos me pudessem dar um sinal de que o meu bebé está bem, então poderia descansar.»

As palavras dele costumavam dilacerar-me porque queria ajudar mas não havia nada que pudesse fazer. Afinal sou só humana. Podia passar mensagens que ouvia, e dizer-lhe o que sabia sobre a vida do outro lado mas quanto a sinais que ele pudesse ver por si mesmo, bem isso estava completamente fora das minhas mãos.

«Bem, Tony, sê paciente», era tudo o que podia aconselhar. «Se acharem que precisas de um sinal, talvez te mandem um. Quem sabe?»

Uma ou duas semanas depois, quando as minhas costas estavam menos dolorosas, decidi prosseguir com algumas tarefas domésticas na caravana. Tirei o nosso conjunto de mesas e estava a dar-lhes um bom polimento quando, de repente, larguei o pano do pó de surpresa. Ali, na mesa que usávamos mais, o padrão da madeira tinha-se rearranjado – é a única forma de o descrever – na face de Jesus, completa com barba e coroa de espinhos. A pequena imagem tinha cerca de dez centímetros de comprimento e estava na direção oposta ao grão da madeira e, além disso, certamente não estava lá antes. Pisquei os olhos, olhei para o lado e voltei a olhar, mas ainda lá estava.

Rapidamente, fui para o quarto onde o John estava a aspirar e toquei-lhe no braço. «Desliga isso e vem ver isto e diz-me o que vês.»

Intrigado, ele seguiu-me até à sala de estar. Sem dizer uma palavra, apontei para a mesa. O John olhou, depois franziu a testa, olhou para o lado e voltou a olhar, tal como eu tinha feito.

«É a face de Jesus», disse ele. «É isso que parece para mim. Mas nunca reparei nisso antes.»

É muito fácil deixar a imaginação fugir nestes casos e o John e eu estamos tão sintonizados que eu não podia ter a certeza de que não o estava a influenciar, por isso decidimos chamar outras opiniões.

«Se alguém souber como era aquela mesa antes, são a Phyllis e a Doreen», disse eu.

A Phyllis e a Doreen eram duas das nossas amigas no parque que costumavam arejar a caravana e dar-lhe uma limpeza rápida antes de chegarmos se tivéssemos estado ausentes durante algum tempo. Convidámo-las a entrar e, sem mencionar o que se passava, pedimos-lhes

que olhassem para a mesa. Ambas viram espontaneamente a imagem de Jesus.

«Bem, eu poli estas mesas não sei quantas vezes», disse a Phyllis, «e nunca vi isso antes.»

Finalmente, quando tínhamos ouvido exclamações de espanto suficientes para saber que não estávamos a imaginar coisas, contamos aos Roffeys. Eles vieram, olharam, e o Ted ficou tão impressionado que levou a mesa para ser fotografada.

«Bem, Tony», disse eu, «não estou a dizer que é – mas tu pediste um sinal...»

Passaram vários meses antes da segunda sequela. Eu estava muito ocupada com os preparativos para a mudança e com a digressão e, por isso, passaram algumas semanas antes de ver os Roffeys novamente. Depois, pouco antes do Natal, fiz uma demonstração muito emocionante no London Palladium (mais sobre isso depois) e, depois, para minha alegria, o Tony e a Janet entraram no camarim. Ambos pareciam bem e muito mais felizes do que da última vez que os vira e lembrei-me instantaneamente das minhas palavras de despedida no verão.

«Bem, daqui a um ano espero poder vir beber um copo convosco no vosso batizado.»

A Janet ainda estava tão esguia e ágil como sempre e, no entanto, havia algo nela...

«Sim, o bebé está a caminho», sussurrou uma voz ao meu ouvido e eu sorri para os miúdos.

«Ainda estou a manter o verão livre para o batizado», brinquei.

O Tony riu-se com arrependimento. «Não, Doris. Receio que tenhas de esperar um pouco mais. Ainda não tivemos sorte.»

Olhei para ele com surpresa. «Mas tenho a certeza de que eles...» então vi a Janet a sinalizar freneticamente atrás das costas dele e parei. «Oh, bem, não faz mal, amor», terminei debilmente, «vai acontecer no momento certo.» E deixei ficar assim. Não queria estragar a surpresa da Janet.

Com certeza, alguns dias depois, na manhã de Natal, o Tony desceu as escadas e encontrou um cartão branco simples entre os seus embrulhos coloridos.

«Querido Tony», dizia. «Desculpa, mas vais ter de esperar mais 33 semanas pelo teu presente. Com amor, Janet.»

O Tony, que devia ter celebrado bastante na noite anterior, não percebeu. «Trinta e três semanas?», disse ele intrigado, «porque é que vou ter de esperar trinta e três semanas?»

«Porque estou grávida, seu idiota!», gritou a Janet e, no segundo seguinte, ele estava a rodopiá-la, muito gentilmente, de alegria. Foi o melhor presente de Natal que podiam ter tido.

CAPÍTULO 3

O jardim da casa móvel estava lindo enquanto mostrava à Lady Michaela Denis Lyndsay tudo à nossa volta e havia o perfume de rosas. As rosas são a minha flor favorita. Tínhamos plantado dezenas de arbustos quando comprámos a caravana e agora estavam todos floridos e a florescer como loucos.

Era tão bonito que a Michaela e eu esquecemo-nos completamente das câmaras a rodar no fundo a gravar todos os movimentos e fomos derivando para o banco ao lado de uma gloriosa 'Blue Moon', conversando como se estivéssemos sozinhas.

«Oh, olha!», exclamei quando nos sentámos. «Ali está a Minnie, a mangusta!»

A falecida Minnie tinha sido um animal de estimação muito especial da Michaela e agora via-a tão claramente como via as minhas rosas, aninhada no banco contra a perna da Michaela, um borrãozinho de pelo com uma cara pontiaguda e olhos brilhantes.

«Oh, sim», disse a Michaela com deleite, «vejo-a. Ela está muitas vezes comigo, sabes.» E afagou carinhosamente a cabeça da Minnie.

Estendi a mão para afagar a Minnie eu própria e, ao fazê-lo, sorri para os cameramen. Isto deve dar uma cena linda para eles, pensei, que sorte, e então reparei que, em vez de sorrirem de volta, tinham ficado distintamente pálidos e nervosos e estavam a olhar para o banco com inquietação.

Foi quando percebi. Claro, a Minnie era invisível para eles. Devem ter pensado que tínhamos enlouquecido completamente, a afagar e a falar para um pedaço de ar vazio!

Aposto que não vão esquecer essa edição particular de Forty Minutes tão depressa! Fiquei tremendamente lisonjeada quando a BBC2 telefonou a perguntar se podiam fazer de mim o tema do programa. Como a maioria das pessoas provavelmente sabe, o programa tira o nome da duração do

tempo de ecrã que lhe é atribuído, mas leva muito mais do que quarenta minutos a fazer.

A equipa do documentário pareceu seguir-me durante semanas a filmar tudo, até que no final se tornaram como membros da família e eu mal notava as câmaras. Filmaram no nosso apartamento, na nossa casa móvel, em demonstrações públicas e serviços religiosos e até no jardim do Bert Weedon. O Bert Weedon, claro, é o guitarrista que escreveu e tocou a música de fundo no meu LP.

Não puderam usar metade do que filmaram, claro, porque devem ter gravado horas e horas de material, mas fiquei muito impressionada com o programa final. Tinham feito um documentário interessante e inteligível a partir de uma grande misturada de tópicos diferentes.

Disseram que queriam cobrir praticamente todos os aspetos do meu trabalho e crenças e certamente o fizeram. Para explicar o meu guia espiritual, Ramanov, decidiram focar na placa com o nome da casa móvel que tínhamos batizado em sua honra e depois mostrar-me a explicar a origem do nome à Michaela.

Conheço a Michaela há anos e, como ela estava em Inglaterra na altura, pensaram que seria bom se ela aparecesse. Muitas pessoas lembram-se dos maravilhosos programas de vida selvagem que ela costumava fazer com o seu primeiro marido Armand. Quando ele faleceu, ela casou-se com Sir William Lyndsay, razão pela qual é agora uma lady titulada. Sir William também está agora do outro lado e hoje em dia a Michaela vive sozinha no Quénia rodeada pelos seus amados animais selvagens. O que poucas pessoas sabem, no entanto, é que a Michaela também é médium e todos os anos vem a Londres para assistir ao jantar dançante da SAGB e visitar os seus amigos espiritualistas.

A Michaela e a Minnie acabaram por aparecer no ecrã, mas muitas outras cenas não. A certa altura, o produtor ficou bastante entusiasmado com a notícia de que eu podia fazer sessões pelo telefone.

«Acha que podia fazer uma para nós esta tarde?», perguntou. «Se escolhermos uma carta do seu saco de correio, podia telefonar-lhes e fazê-la imediatamente?»

«Posso tentar», disse eu.

Então, um da equipa mergulhou na minha pilha enorme de cartas e saiu com uma nota que incluía um número de telefone. Para ter a certeza

absoluta de que eu não sabia nada do conteúdo, ela até marcou o número ela própria e passou-me o auscultador quando o telefone foi atendido.

«Olá», disse eu à mulher do outro lado. «Aqui é a Doris Stokes. Acho que me escreveu a pedir uma sessão.»

«Oh, sim», disse ela.

«Bem», expliquei, «posso fazer uma pelo telefone se não se importar que a BBC a grave. Eles estão aqui agora a fazer um documentário.»

«Oh», disse ela, «a que horas?»

O produtor sinalizou impressionantemente.

«Tem de ser à uma e meia.»

«Oh, céus», disse a mulher, «não pode ser às quatro e meia? Eu vou ao bingo à uma e meia.»

Mas o produtor foi inflexível e a mulher parecia relutante em perder o bingo, por isso outra carta foi tirada do saco. Desta vez, sintonizei-me enquanto marcavam o número e instantaneamente ouvi o nome Doug.

«Olhem, não quero saber o que está na carta», sussurrei, «mas digam-me só, o nome Doug é mencionado?»

Eles percorreram-na rapidamente. «Sim.»

Graças a Deus. Tinha contactado a pessoa certa e não alguém ligado à equipa de TV. É tão fácil haver fios cruzados quando há muita gente por perto, porque os amigos e familiares deles no espírito estão muitas vezes tão próximos deles.

Desta vez tivemos sorte. A mulher na linha ficou encantada em ajudar e a uma e meia convinha-lhe perfeitamente. Descobriu-se que o Doug era o marido dela. Tinha apenas cinquenta e quatro anos e tinha morrido subitamente de um ataque cardíaco.

«Quem é a Jenny?», perguntei.

«A minha nora», disse a mulher.

«O Doug diz-me que estavas com a Jenny quando aconteceu.»

«Sim, estava», concordou ela.

«Eles estavam a fazer compras de Natal», disse o Doug. «Estavam na Marks and Spencers a comprar-me uma camisola quando eu parti. Tentei dizer-lhes para não se preocuparem porque eu não ia precisar dela, mas não consegui fazê-los ouvir.»

A mulher ficou estupefacta quando lhe contei o que o marido dela tinha dito.

«Foi exatamente isso que estávamos a fazer», ofegou ela quando se recompôs do espanto. «Estávamos na Marks a comprar-lhe uma camisola! Oh, fico tão contente por ele saber.»

Infelizmente, o Doug e a sua camisola nunca chegaram ao programa final, simplesmente não havia tempo, mas gostaria de lhe dizer que não está esquecido!

A demonstração que dei em Poplar saiu melhor no ecrã. Não posso dizer que todas as mensagens que dei foram mostradas no programa, mas uma boa proporção chegou lá. Houve muitas risadas naquela noite e uma mensagem em particular divertiu o público. Um par de mulheres estavam juntas ao microfone e um dos seus familiares – acho que era o pai delas – estava a tagarelar ao meu ouvido.

«E quando derrubaram a parede, tudo correu mal», resmungou ele.

«Estão a fazer obras em casa?», perguntei-lhes. «Ele está a dizer algo sobre uma parede derrubada e tudo correu mal.»

As mulheres olharam uma para a outra e riram-se.

«Sim!»

«Que confusão», continuou o homem. «E quando arranjaram os azulejos para o chão, não havia suficientes!»

Passei isto e agora as mulheres estavam praticamente em lágrimas de riso.

«Sim, mas não foram os azulejos, foi a cola que acabou!», corrigiram.

«Oh, bem, azulejos, cola, o que for, acabou e tiveram de correr à loja para comprar mais», disse o homem. «E em casa não se atreviam a mexer até a cola chegar. Que confusão! Eu saí dali até estar tudo acabado.»

Houve os habituais momentos de confusão também, que aprendi que tenho de aguentar quando estou a trabalhar com um grande público. Normalmente consigo dizer para quem é uma mensagem pela luz que vejo a brilhar perto deles, mas muitas vezes há tantas pessoas do espírito ansiosas por falar com os seus entes queridos que o lugar está cheio de luzes. Além disso, os teatros estão geralmente tão lotados, com os assentos tão próximos, que é impossível dizer exatamente qual a pessoa que procuro.

Naquela noite em Poplar, uma mulher chamada May disse-me que estava à procura de uma jovem senhora com um vestido vermelho. Havia uma luz a pairar perto de uma mulher na frente que parecia encaixar na descrição.

«Sim, devo ser eu!», gritou ela ansiosamente, correndo para a frente.

Mas eu não tinha a certeza. Algo não parecia bem certo. No fundo, alguém me deu o nome Fred.

«Conhece alguém chamado Fred, do lado do espírito?», perguntei.

Ela abanou a cabeça. Era o contacto errado. Assim que mencionei o nome Fred, o Fred em si entrou, afogando a May completamente.

«É a minha filha que quero», disse ele, «e ela está a vestir vermelho.»

De repente, apercebi-me de uma mão a acenar freneticamente perto do fundo da sala.

«Eu conheço um Fred», chamou ela.

«Estás a vestir vermelho, amor?», perguntei porque, encandeada pelas luzes, não conseguia ver o fundo.

«Sim, estou», chamou ela e veio a correr para o microfone.

Queria ter a certeza absoluta, no entanto, de que tinha encontrado a pessoa certa, por isso pedi mais identificação. «Menciona trabalhar para a Co-op», disse ele.

«Quem trabalhou para a Co-op?», perguntei.

«O meu pai», disse a rapariga espantada, «era condutor de camião de leite.»

Respirei de alívio. Tínhamos encontrado a filha do Fred.

«Diz-lhe que a Eva está aqui comigo», disse ele.

A rapariga ofegou. «É a minha mãe! Estão juntos? Oh, fico tão contente.»

«Ela é o nosso bebé», disse o Fred e podias ouvir todo o amor e afeto na voz dele. Deviam ter sido muito próximos. «E ela está a usar o anel da mãe. Tem-no posto esta noite.»

O sorriso da filha dele era deslumbrante. «Sim, tenho.»

De repente, a sala lotada desvaneceu-se e diante dos meus olhos vi um glorioso arbusto de lilases. Não a árvorezinha insignificante que se vê em tantos jardins, mas um arbusto realmente luxuriante e magnífico. Depois a imagem desapareceu. Agora, porque é que o Fred me mostrou um arbusto de lilases, perguntei-me.

«Não tens um arbusto de lilases no teu jardim, pois não?», perguntei à rapariga.

«Bem, sim. Um realmente bonito.»

«É isso», disse eu. «Acabaram de me mostrar um belo arbusto de lilases e estão a dizer que quando os lilases florescerem na primavera, corta um ramo e diz que a mãe e o pai estão aqui.»

«Oh, obrigada, vou fazer isso», assegurou-me ela com o rosto iluminado de alegria.

Toda a noite as pessoas do espírito vieram em enxurrada. Algumas eram comunicadoras maravilhosas, outras completamente dominadas pela excitação. Uma avó estava tão encantada por poder dizer à filha que tinha visto os netos que nunca vivera para conhecer na terra que tudo o que conseguia fazer era balbuciar os nomes deles vezes sem conta. «Rachel e Rebecca! Rachel e Rebecca!», repetia ela deliciada.

Outro rapaz jovem que morreu num acidente parecia pensar que o nome do seu pub favorito era toda a informação necessária para convencer a irmã de que ele estava realmente lá.

«Basta mencionar o Green Man», disse ele confiante.

E algumas mensagens pareciam intrigantes para mim, mas faziam perfeito sentido para os destinatários. A certa altura, recebi o nome Proctor e não uma, mas duas senhoras o reclamaram. Descobriu-se que eram as irmãs Proctor, um duo efervescente cheio de diversão.

«Bem, isto é muito estranho», disse-lhes, «tenho aqui uma senhora, tenho a certeza de que é uma senhora, mas estão a chamá-la Henry.»

As irmãs desabaram nos braços uma da outra, todas riso e covinhas. «Sim, é isso. É Henrietta, mas o pai sempre a chamava Henry.»

«E agora tenho outra senhora, mas estão a chamá-la George.»

As irmãs mal conseguiam falar de tanto rir. «É isso mesmo», gaguejaram, «Georgina!» e todo o teatro riu com elas.

As irmãs Proctor estavam obviamente a divertir-se imenso. Tanto que no dia seguinte, quando estavam numa viagem de um dia a Clacton, decidiram comprar-me um presente. Tinham lido nos meus livros que sou especialmente fã de rosas douradas e, ao passar por uma florista, viram exatamente o que procuravam. Um arranjo bonito de rosas na tonalidade exata que eu descrevi. O único problema era que a loja estava fechada, mas as irmãs Proctor não iam ser derrotadas por um detalhe tão pequeno. Voltaram a Clacton no dia seguinte e compraram-no.

Pouco depois da demonstração de Poplar, a equipa de Forty Minutes seguiu-me até Deal, onde eu ia fazer um serviço religioso. Tento frequentar uma igreja o mais possível porque acho que me faz bem. Lembra-me do

que se trata o meu trabalho. Os grandes teatros e as mensagens variadas são apenas uma pequena parte. O resto é tanto sobre viver a tua vida agora, como sobre a vida após a morte.

Devo dizer que os nossos serviços são geralmente bastante animados. Temos hinos e orações, claro, como outras igrejas, mas é tudo muito informal, nem um pouco mais santo do que tu. Depois, quando a parte religiosa acaba, há uma curta demonstração.

Foi lindo visitar Deal. Uma bonita pequena cidade na costa sul com o sabor salgado no ar que se sente sempre junto ao mar e uma brisa fresca a soprar. A igreja era luminosa e acolhedora e cheia de flores e a congregação estava tão apertada que é um milagre terem tido fôlego suficiente para cantar!

Após um serviço descontraído, fiz uma demonstração. Foi na altura em que sofria com as costas e os detalhes reais da demonstração desvaneceram-se, tudo o que recordo é a dor surda que esperava não se notar na minha cara. Uma coisa destaca-se, no entanto. Um rapaz veio dizendo que estava ligado à marinha e que se tinha levado a si próprio. Foi reclamado imediatamente por uma mulher na congregação, mas mais uma vez parecia ligeiramente desafinado. Muitos dos detalhes não significavam nada para ela e, embora estivesse ansiosa para que a mensagem fosse dela, tinha um sentimento inquietante de que estava a falar com o contacto errado. Mas as minhas costas doíam, o calor aumentava e outras vozes do espírito estavam a empurrar para serem ouvidas. Por isso, em vez de trabalhar nisso e tentar resolver a confusão como faço normalmente, passei para a mensagem seguinte. Devia ter sabido, no entanto, que o Ramanov não me deixaria escapar com tal descuido.

Após o serviço, reparei pelo canto do olho uma mulher e um jovem a aproximarem-se do produtor. Ficaram a falar com ele durante alguns minutos e depois ele trouxe-os até mim.

«Eles ficaram tão desapontados, Doris, por não receberem uma mensagem», disse ele e a mulher pressionou uma fotografia na minha mão.

«É ele, Doris», disse-me suplicante.

Era uma loira bonita com pele clara e cremosa, mas a expressão nos seus olhos azuis dizia-me que tinha perdido um filho. Olhei para a fotografia. Um jovem sorridente e bronzeado olhou de volta para mim e, enquanto olhava, percebi que ele estava connosco.

«Estou aqui», disse ele, «tenho tentado passar.»

«Como te chamo, filho?», perguntei silenciosamente.

«Stephen», disse ele.

«Ouço o nome Stephen», disse ao casal e o outro rapaz agarrou o braço da mulher.

«É ele. É o meu irmão!», disse ele.

«Ele está a usar todas as minhas joias e coisas», disse o Stephen, «mas não me importo. Não me serve de nada agora, pois não?»

«É verdade, estou», gritou o irmão.

O rosto da mulher iluminou-se. «Ele tem esperado por isso há um ano», disse ela. «Costumava ter medo de espíritos e coisas, mas leu os teus livros e sentiu-se certo de que podias ajudar.»

O caso não era claro, no entanto. Em torno da passagem do Stephen, sentia um grande mistério e confusão. Não era o tipo de coisa para ser abordada em cinco minutos antes do almoço, senti.

«Olhem», disse impulsivamente. «Acho que há muito para investigar aqui. Tenho um dia livre amanhã. Porque não vêm ver-me à caravana e vemos o que podemos fazer.»

Eles concordaram ansiosamente e, quando começámos a sessão, fiquei muito contente por lhes ter pedido para voltarem.

Assim que me sintonizei, o sentimento de confusão invadiu-me mais fortemente do que nunca. Este não era uma vítima comum de acidente ou sofredor de uma doença. Este pobre rapaz confuso tinha tirado a própria vida.

Escolhi as minhas palavras com cuidado numa tentativa de poupar os sentimentos da mãe.

«Há um grande mistério e confusão aqui», disse eu, «o Stephen não foi morto, foi encontrado.»

A mãe dele mordeu o lábio. «Sim, fui eu que o encontrei.»

Apanhei um vislumbre fugaz de um quarto de adolescente.

«Encontraste-o na cama dele?»

Ela abanou a cabeça. «Não, no chão do quarto dele.»

Então era por isso que ele me tinha mostrado o quarto, mas o Stephen ainda não estava pronto para discutir os detalhes. Ainda se sentia envergonhado por ter causado tanta dor à família e fugia do assunto sempre que eu o mencionava.

«Não te esqueças de me lembrar ao Gary», disse ele ignorando a minha pergunta.

«Quem é o Gary?», perguntei em voz alta.

«Um dos melhores amigos dele.»

Abordei o Stephen novamente. «Agora olha, sei que é difícil, amor», disse-lhe silenciosamente, «mas preciso mesmo de saber as tuas últimas impressões. Podes dar-me alguma ideia – o que aconteceu?»

De repente, a confusão invadiu-me e havia uma sensação desconfortável na minha cabeça. A cabeça doía-me e o peito parecia constrito.

«Sinto como se tivesse algo sobre a cabeça», disse eu pensando em voz alta, «e não consigo respirar. Ele tomou uma overdose ou algo assim?»

A mãe dele abanou a cabeça. «Não, ele deu um tiro em si próprio.»

Fiquei surpreendida. A sensação estranha na minha cabeça era uma impressão muito forte. Não nego que por vezes cometo erros, mas quando as pessoas do espírito me dão uma impressão clara, nunca está errada. A minha interpretação pode estar completamente errada, mas a impressão em si está sempre correta.

«Bem, esta sensação na minha cabeça parece muito definida», insisti.

«É engraçado dizeres isso, Doris», disse a mãe do Stephen, «porque durante um par de semanas antes de morrer, ele andava a queixar-se da cabeça.»

«Tinha metido na cabeça que havia algo errado», disse o Stephen, «devo ter enlouquecido. Que coisa estúpida a fazer. Mas sentia como se o topo da cabeça me estivesse a sair. Pensava que estava doente.»

Depois deu-me o nome Joan.

«Quem é a Joan?», perguntei.

«Sou eu», disse a mãe dele radiante.

O Stephen continuou a dizer-lhes que tocava guitarra do outro lado, o que os agradou muito.

«Ele sempre quis tocar guitarra», disse o irmão dele, «costumava ficar em frente ao espelho e fingir.»

O Stephen também começou a falar sobre um serviço de jantar, o que me intrigou um pouco porque os jovens normalmente não se preocupam com coisas assim. Não estava nada claro, no entanto, e eu não tinha a certeza do que ele queria dizer.

«Porque é que ele está a falar de um serviço de jantar?», perguntei. «Está a dizer que está ligado ao trabalho. Sabes, pratos e coisas, está a dizer.»

O irmão dele ficou encantado. «Acho que se refere a mim. Acabei de começar a trabalhar como steward. Trabalho com pratos e coisas.»

Finalmente, mesmo no fim da sessão, percebi que tinha sido o Stephen a tentar passar durante o serviço em Deal com a mensagem sobre a marinha. Estava a falar do funeral dele e queria agradecer à família pela âncora de flores que lhe tinham dado. Descobriu-se que o pai dele estava na marinha. Tinha encontrado o contacto certo por fim!

Não muito depois do documentário Forty Minutes, recebi outra chamada da BBC, mas desta vez foi da BBC Radio 2. Gostaria de fazer Desert Island Discs?, perguntaram.

Por um minuto pensei que devia haver algum engano, porque certamente só têm pessoas intelectuais em Desert Island Discs? Mas não, disseram, tinham a certeza absoluta de que queriam a Doris Stokes, a médium. Tudo o que tinha de fazer, explicaram, era escolher oito dos meus discos favoritos, discos que significavam algo especial para mim, e falar sobre eles.

Bem, parecia bastante fácil e eu adoro música. Mas quando chegou a hora de reduzir os meus favoritos a apenas oito músicas, revelou-se mais difícil do que imaginara. Justo quando pensava que tinha sido realmente implacável e reduzido a lista o mais possível, de repente lembrava-me de uma peça realmente linda que tinha esquecido e da qual não podia prescindir.

Demorei dias. Gastei páginas do meu bloco de notas com listas, listas revistas e riscadelas infinitas. Mas por fim decidi-me por oito faixas lindas.

O apresentador Roy Plomley e o produtor Derek Drescher eram homens encantadores. Convidaram o John e a mim para almoçar para planear o programa, mas expliquei que não nos sentimos confortáveis em restaurantes chiques.

«Simplesmente não conseguimos gerir uma grande refeição a meio do dia», disse ao Roy. «Preferíamos mesmo chá e sanduíches no escritório, se for a mesma coisa para ti.»

Então foi chá e sanduíches e passámos uma hora encantadora a ouvir todos os meus discos e a escolher as partes que iam tocar porque, claro, não podem tocar os discos do princípio ao fim. Depois foi hora de gravar o programa comigo a falar com o Roy entre a música.

«Aviso-vos que posso divagar», disse-lhes, mas eles pensaram que eu estava a brincar.

«Prefiro uma divagadora do que alguém que não diz uma palavra», disse o Roy e lá fomos nós.

Começámos numa nota leve. O Roy perguntou se eu tocava algum instrumento musical e expliquei que não, embora sempre tivesse querido e esperasse aprender no mundo espiritual.

«O que vais tocar?», perguntou o Roy. «Uma harpa?»

O meu primeiro disco foi One Day At A Time Sweet Jesus. Vou sempre pelas palavras e esta canção resume como aprendi a viver a minha vida desde que tive cancro. A seguir foi I Love You Just Because para o John, porque ele está sempre lá e quando estou cansada ou doente nem sempre me lembro de lhe dizer o quanto aprecio. Morning Has Broken, porque é uma canção tão bonita e capta o prazer que sinto ao ver cada nova manhã. Depois houve Mother Kelly's Doorstep que sempre me faz sorrir porque sempre que a ouço, lembra-me da vez em que o Danny La Rue veio ao palco no Birmingham Odeon para me ajudar a distribuir flores e me pôs a cantar um dueto com ele de Mother Kelly's Doorstep. Agora eu não canto uma nota, não há duas maneiras de o dizer, mas o público adorou. Acho que trataram como uma rotina de comédia!

Depois disso houve o Freddie Starr a cantar Have I Told You Lately That I Love You porque sempre que liga, faz-me uma serenata com esta canção. Depois mudei completamente o tom e toquei May The Good Lord Bless and Keep You. Algumas pessoas podem pensar que as minhas razões para escolher esta são um pouco tristes, mas eu não. Quando eu partir vou ser cremada e gostaria que esta canção fosse tocada para a minha família porque eu vou estar bem. Vou estar longe e feliz com os meus entes queridos do outro lado. São os que ficam para trás que vão precisar de ajuda e conforto.

Finalmente terminei com My Way seguido da minha própria leitura do poema que me foi dado quando eu estava de luto pela morte do meu bebé John Michael: In a Baby Castle. As palavras trouxeram-me tanto conforto na altura que gosto de as passar a toda a mãe de luto por um filho perdido, na esperança de que façam o mesmo por ela como fizeram por mim.

E de repente estava tudo acabado. O programa estava gravado e percebi que me tinha divertido imenso.

A cabeça do Derek Drescher apareceu à porta. «Aquilo demorou um pouco demais, Roy», disse ele.

Eu ri-me. «Bem, eu avisei-vos que posso divagar.»

E o Roy, abençoado seja, apenas sorriu e inclinou-se sobre a secretária. «Ah, mas uma divagação tão mágica», disse ele.

Parece que tenho estado envolvida em muitos programas ultimamente, mas com um dos mais recentes, Glass Box, que só é exibido na área da Granada TV, não tinha a certeza se chegaria ao ecrã.

O Glass Box é gravado nos estúdios de TV em Liverpool e é uma espécie de Desert Island Discs visual. A ideia é selecionar uma série de clipes de filmes que se gosta particularmente ou que lembram algum momento especial na vida e, em vez de os levar para uma ilha deserta imaginária, selá-los numa caixa de vidro para os preservar para sempre.

Tinha conhecido a apresentadora, Shelley Rohde, antes e dávamo-nos bem e depois de ter gostado tanto do Desert Island Discs, sabia que ia gostar do Glass Box. Estava ansiosa por isso. A escolha dos clipes de filmes não tinha sido tão difícil para mim porque os filmes de alguma forma não parecem ter associações tão sentimentais. Havia alguns clipes de The Dambusters para me lembrar dos meus dias na força aérea, um pedaço de Yield to the Night com a Diana Dors para me lembrar da nossa amizade e lembrar a toda a gente que atriz maravilhosa ela era, um pouco de ballet bonito porque só recentemente aprendi a apreciá-lo e finalmente uma cena de um filme de terror porque os filmes de terror me fazem rir tanto.

A coisa toda ia ser uma grande diversão, tinha a certeza.

Infelizmente, porém, Liverpool correu mal desde a noite em que chegámos. Algum tempo antes, uma menina de dez anos tinha-me escrito uma carta tocante. Tinha perdido o papá, disse-me, e sabia que eu podia falar com ele porque tinha lido os meus livros. Podia a mamã trazê-la para me ver porque ela queria dizer ao papá que o amava? Vi pelo endereço que ela não vivia muito longe de Liverpool e percebi que talvez pudéssemos combinar um encontro com a viagem do Glass Box, por isso pedi ao Laurie para ver se conseguia arranjar para ela vir ver-me ao hotel.

Ele fez isso. «Mas lembra-te de estar lá às seis horas», disse ele, «porque a Doris tem de sair às sete e meia.»

Íamos encontrar-nos com o produtor do Glass Box para planear o programa do dia seguinte e era algo que não podia ser adiado.

Bem, esperámos e esperámos. As seis horas vieram e foram e não havia sinal da menina e da mãe. Às seis e meia eu estava convencida.

«Não vêm, Laurie, tenho a certeza», disse eu.

«Mas devem vir, estavam tão ansiosas», insistiu ele.

«Talvez estejam presas no trânsito algures.»

Esperámos até às sete horas e depois tive de me trocar.

«Dá-me um grito se elas chegarem e vejo se consigo fazer algo rápido», disse eu, «mas tenho um pressentimento, Laurie. Não vêm.»

Às sete e meia até o Laurie foi forçado a admitir que eu tinha razão. E só na noite seguinte é que descobrimos o que correu mal. Tinham trocado as datas e vieram um dia atrasadas. Quando chegaram a Liverpool, eu já estava quase em casa. Senti tanta pena daquela pobre menina. Ela estava ansiosa por falar com o papá e acabou em desilusão. Ainda espero que nos possamos encontrar um dia.

Os contratempos continuaram. Naquela noite, mal a reunião acabou, o Laurie apressou-se para a cama. É muito invulgar para o Laurie porque normalmente é um notívago, mas o rosto dele estava pálido e abatido, apesar de se queixar do calor.

«Não te sentes bem, Laurie?», perguntei, «não pareces bem.»

«Oh, estou ótimo, ótimo», insistiu ele porque odeia admitir que está doente. «Só preciso de uma boa noite de sono.»

«Parece gripe para mim», disse o John quando ele se foi.

«Mas veio tão de repente», apontei. «Ele estava bem na reunião.»

Esperávamos plenamente não ver sinal do Laurie no pequeno-almoço na manhã seguinte, mas lá estava ele, tão brilhante e alegre como se nada tivesse acontecido.

«Sim, agora estou bem», disse ele. «Mas oh, senti-me mesmo mal ontem à noite. A certa altura as minhas pernas ficaram como gelatina. Mal conseguia ficar de pé.»

Bem, além de abanarmos a cabeça sobre os insetos peculiares que andam por aí nestes dias, não pensámos mais nisso. Liverpool era como o Polo Norte naquele dia com um vento que certamente soprava de um glaciar e o tempo era o principal tópico de conversa.

Mais cedo, o Laurie tinha dado um curto passeio até ao estúdio para verificar um ou dois pontos. Era só ali acima do hotel, mas o frio era tão intenso que não conseguiu enfrentar a caminhada de volta e teve de apanhar um táxi!

«Bem, se é assim tão mau, certamente não vou a pé», disse eu, «vou ficar azul quando chegar lá!»

Então ao meio-dia subimos para a nossa limusina imaculada para a viagem de dois minutos. Foram muito amáveis no estúdio e prepararam um

almoço bonito na sala de jantar dos diretores. Toda a gente atacou com fome exceto a Shelley Rohde e eu. Nenhuma de nós conseguia comer nada antes de trabalhar, por isso limitámo-nos a empurrar a comida nos pratos e a ver os outros.

Depois, por fim, a refeição acabou e levaram-me para me maquilhar. Mas a meio das escadas fiquei tonta e oscilei para a rapariga da maquilhagem que ia à frente.

«Vou ter de me agarrar ao teu ombro, amor», expliquei. «Senti-me um pouco tonta. Deve ser o calor.»

Pois estava muito quente no estúdio depois do tempo gelado lá fora.

E sentada na cadeira confortável em frente ao grande espelho de maquilhagem, sentia-me bem. A rapariga penteou-me o cabelo de forma suave e pôs rolos quentes e depois pôs-me a cara. Parecia um pouco pálida, pensei, mas o creme de base logo curou isso.

Por fim, cinco minutos antes de ser hora de ir para o chão do estúdio, fui ao lavabo das senhoras. Estava toda pronta. Só tenho de vestir o vestido e posso ir, pensava eu, quando de repente, sem aviso, as minhas pernas ficaram como gelatina e a cabeça rodopiou. Ansiosamente, agarrei-me à parede para me equilibrar.

Estava tão tonta que não achava que conseguia ficar de pé quanto mais andar calmamente para um estúdio de TV e falar de forma inteligível durante meia hora.

Com o pânico a aumentar, esperei que o ataque passasse, mas não passou.

Meu Deus, pensei, aqui estou eu com a maquilhagem posta e tudo e não vou conseguir fazer. Vão chamar-me a qualquer minuto e acho que nem consigo sair do lavabo.

Em desespero, enviei uma oração ao mundo espiritual.

«Por favor, amigos do espírito, ajudem-me só a passar esta parte. Ajudem-me só a passar esta hora. Não me importo com o que acontecer depois se conseguir fazer este programa.»

E como sempre, eles responderam. Mesmo antes de terminar a oração, a minha cabeça começou a aclarar e as pernas sentiram-se um pouco mais fortes.

Quando me chamaram para o estúdio, estava cambaleante e a alternar entre quente e frio, mas estava de pé e a andar e passei aquele programa como se nada estivesse errado comigo.

A única que teve alguma ideia foi a Shelley Rohde.

«Não te sentes muito bem, pois não, Doris?», disse ela depois.

«Oh, céus, estive horrível?», perguntei.

«De modo nenhum, correu maravilhosamente», disse ela. «Mais ninguém notou nada. É só porque somos velhas amigas e eu percebi.»

E de facto, quando vi uma cassete do programa depois, fiquei aliviada ao ver que ela tinha razão. Não pareço no meu melhor, admito. Pareço bastante cansada e abatida nos olhos e apesar da maquilhagem a minha cor não é boa. Mas acho que ninguém saberia que apenas cinco minutos antes de as câmaras começarem a rodar eu mal conseguia ficar de pé, quanto mais fazer conversa leve.

O inseto misterioso não tinha acabado comigo, claro, e a viagem de volta a Londres foi bastante miserável, mas não me podia queixar. Tinha pedido ao mundo espiritual força para me ver passar o programa e eles deram-me exatamente o que pedi.

As pessoas comentam muitas vezes sobre o quão frequentemente pareço adoecer. Bem, tudo o que posso dizer é que estou tão farta disso como qualquer um, posso-vos dizer! Não consigo entender porque pareço tão azarada nesse aspeto. Só posso pensar que é a forma do mundo espiritual me forçar a abrandar quando estou a fazer demais.

No entanto, ironicamente, quando apareci no programa Wogan não era eu que estava doente – era o Terry Wogan!

Estava cheia de apreensão quando recebi o convite para aparecer no programa. Afinal, o Terry pode ser um pouco, bem, não exatamente sarcástico, mas atrevido com os convidados e pensei que eu poderia ser um alvo ideal. No entanto, sempre tive um fraquinho pelo Terry Wogan. Acho que ele é um homem maravilhoso e por isso não pude deixar de concordar em ir ao programa só para ter a oportunidade de o conhecer!

Tinha mantido os dedos das mãos e dos pés cruzados para não apanhar uma constipação ou algo antes do programa e tive sorte. Mas quando cheguei ao estúdio, o pobre Terry estava todo corado e a fungar e a lutar para passar o programa apesar de um mau ataque de gripe.

Deu-me uma apresentação terrificante – superestrela psíquica e sabe-se lá mais o quê – e depois quando entrei ele pegou nas minhas duas mãos nas dele e beijou-me na face. Bem, mesmo na minha idade, enviou-me arrepios pela espinha!

«Terry», disse eu quando nos sentámos, «antes de começares devo dizer que acho que és maravilhoso – e sou velha o suficiente para o poder dizer!»

Ele olhou para mim com aquele brilho malicioso no olho, mas foi muito bom. Fez-me perguntas sensatas e deixou-me respondê-las. Ficou encantado quando lhe contei sobre o Sod It Club – o clube que formei com colegas sofredores de cancro com um objetivo em mente – dizer sod it, não vou ter isso, ao temido 'C'.

O Terry recostou-se na cadeira quando expliquei que Sod It não significava nada, simplesmente significava sod it.

«Pensei que tinha a ver com coisas psíquicas!», riu o Terry.

A nossa entrevista durou catorze minutos, disseram-me, e desfrutei de cada segundo. Depois encontrámo-nos com o Terry na suite de hospitalidade e percebi que ele não estava nada bem.

«Porque não passas o fim de semana na cama, amor?», perguntei.

«Gostava de poder, Doris», disse o Terry, «mas tenho de trabalhar.»

Foi uma noite muito feliz. O que gostei particularmente do programa foi que cada convidado tinha uma pessoa para tomar conta dele durante todo o tempo. Encontravam-te à porta, levavam-te ao camarim, depois à maquilhagem. Levavam-te ao set, esperavam que saísses e depois levavam-te de volta à suite de hospitalidade. Fazia-te mesmo sentir que estavam contentes por te ter no programa.

Tudo isso e o Terry Wogan também!

CAPÍTULO 4

A demonstração estava a correr bem. Estava no palco do Birmingham Odeon, o público parecia estar a divertir-se e as vozes vinham em catadupa. Mais uma vez, embora tivesse estado cansada mais cedo naquela noite, a energia parecia fluir do nada e eu estava a deslizar numa onda de poder psíquico, passando mais trabalho do que teria pensado possível alguns anos antes.

«Gostaria de fazer uma pergunta», disse uma senhora pequena e arrumada ao microfone no chão abaixo de mim.

«Vai em frente, amor», disse-lhe eu.

«Sou viúva e gostaria de saber se o meu marido sabe que vou ao cemitério todas as semanas e que cada vez que vou há um pequeno pardal. Se ele não estiver lá quando chego, vem logo depois e eu levo-lhe algo para comer.»

Estava prestes a dizer-lhe que tinha a certeza de que o marido dela sabia, porque os nossos entes queridos ficam perto de nós e continuam a interessar-se por todas as nossas atividades, quando uma voz brummie desdenhosa interrompeu os meus pensamentos:

«Ela acha que voltei como um pássaro maldito?», perguntou ele.

Bem, desatei a rir e quando expliquei porquê, o público rugiu. A mulher também se riu.

«Sim, mas vou contar-te algo estranho», disse ela enquanto o riso diminuía. «Antes de ele partir, costumávamos discutir coisas e eu dizia que quando partir vou voltar como um pássaro para poder cagar em todas as pessoas que cagaram em mim na minha vida!» (Desculpem por isso, mas foi exatamente o que ela disse.)

De qualquer forma, o público desatou a rir e a atmosfera que já era feliz tornou-se quase eufórica.

Bem, gosto de partilhar tudo o que acontece com o público e pensei que esta história era divertida, por isso na noite seguinte, quando apareci no Odeon novamente, contei-lhes sobre o pardal, só que pensei que era melhor limpar um pouco a punch line.

«e ela disse: "Gostaria de voltar como um pássaro para poder **** em todas as pessoas que **** em mim na minha vida"», citei.

Como esperava, o público rugiu, mas enquanto a comoção diminuía, vi uma figura arrumada a acenar descontroladamente da fila da frente. Era a pequena viúva.

– Estou aqui, Doris! Voltei! – gritou ela. Depois virou-se para o resto do público: – É tudo verdade. Cada palavra… só que eu não disse «merda», disse «para eu poder cagar em cima de toda a gente que cagou em cima de mim!»

E, claro, o teatro quase explodiu.

Pois é, divertimo-nos imenso de uma maneira ou de outra. Acho que as pessoas que vêm pela primeira vez a uma demonstração ficam bastante surpreendidas. Esperam um ambiente sombrio e carregado e, em vez disso, encontram piadas e gargalhadas. Claro que também há lágrimas, mas são lágrimas de alegria e de libertação emocional, não de tristeza.

Às vezes são as pessoas-espírito que dizem coisas engraçadas. Numa demonstração, estive a falar com um homem do outro lado durante bastante tempo quando, de repente, ele disse com um ar maroto: – Fala na cabra-montês.

Pensei que os meus poderes estavam a ficar esquisitos. – Cabra-montês? – perguntei em silêncio. – Disseste mesmo cabra-montês?

O homem garantiu-me que sim.

Foi uma das mensagens mais improváveis que já me pediram para transmitir, mas ele insistiu, por isso, sentindo-me um pouco palerma, respirei fundo.

– Bem, não sei se isto faz algum sentido para ti, querida – disse eu –, porque para mim soa estranho, mas ele está a falar de uma cabra-montês.

Para meu espanto, a rapariga desfez-se em lágrimas. – Não podias ter-me dado prova melhor – disse ela. – Era assim que chamávamos ao meu sogro: a cabra-montês!

Por vezes as mensagens deixam-me com a língua presa porque são tão diretas. Fico ali a hesitar e a enrolar enquanto tento traduzi-las numa frase mais delicada. Afinal, não quero embaraçar ninguém.

– Diz à minha filha para se decidir de uma vez – disse uma mãe furiosa. – Está a viver com dois homens. Um trabalha de noite, o outro de dia.

Ora, como é que eu podia dizer aquilo em voz alta à frente de centenas de pessoas?

Mas muitas vezes também são as pessoas que ainda estão deste lado que proporcionam a diversão. Há pouco tempo fizemos uma sessão de autógrafos numa grande loja nas Midlands. Depois corremos debaixo de chuva até ao carro e, quando entrei, reparei numa loura muito bonita a fazer sinal ao John.

Ele foi ter com ela para ver o que queria e ela pegou-lhe no braço e levou-o pelo parque de estacionamento acima. A seguir vimo-la abrir o impermeável e o John meter a cabeça lá dentro.

A Laurie e eu trocámos olhares. – Que raio está o meu marido a fazer?! – exclamei.

Minutos depois o John voltou a trote, com um ar inocente. – Ela tem um recorte lá dentro! – disse ele, a entrar no carro e a rir de orelha a orelha.

– Seu velho tarado! – disse a Laurie.

O John fez cara de quem não percebe. – Porquê? O que foi que eu fiz agora?

– Vimos-te com a cabeça dentro do casaco dela – troçou a Laurie – e agora vens dizer-nos que ela tinha um vestido decotado.

– Vestido decotado? – perguntou o John, espantado. – Ela não tinha vestido decotado nenhum. Tinha um recorte da Doris.

E parecia tão ofendido que não conseguimos evitar rir-nos.

Na banca dos livros tínhamos reparado em alguns recortes grandes de cartão com a minha fotografia num suporte e aquela senhora obviamente roubara um e escondera-o debaixo do casaco.

Ainda estávamos a rir quando saímos do parque de estacionamento. Virámos uma curva e ali, numa ilhota de trânsito no meio da estrada, estava a loura com algumas amigas, a agitar o recorte por cima das cabeças e a cantar «Doris Stokes! Doris Stokes!» como se fosse uma claque de futebol. Acenaram alegremente quando passámos e nós acenámos de volta.

O que terão pensado do nosso carro, não sei. Desde que a Laurie trata de nós, passámos a viajar longas distâncias com grande estilo. Muitas vezes temos de percorrer centenas de quilómetros até um compromisso e antigamente, quando íamos de comboio e táxi, chegava tão exausta da viagem que nem sabia se teria energia para trabalhar. A Laurie mudou tudo isso.

– Não consegues fazer o teu trabalho se estiveres esgotada de viajar – disse ele. – Precisas de viajar com o máximo de conforto possível.

E prontamente alugou-nos um Daimler azul-escuro magnífico, com televisão, telefone e bar, para a nossa próxima viagem longa. Temos usado o mesmo em todas as tournées desde então. É o carro mais lindo que já viram e sinto-me a rainha quando chego aos teatros nele. Suponho que devemos parecer muito impressionantes a rolar pelas autoestradas, mas o que os outros automobilistas não veem é que vamos ali sentados sem sapatos, com os pés em cima, a comer sandes de atum, a beber chá em copos de cartão e a cantar a plenos pulmões.

É a única maneira de aguentar os quilómetros. Se não déssemos umas boas risadas e fizéssemos um karaoke, enlouquecíamos.

– Não bebem chá em copos de cartão! – exclamou uma amiga horrorizada. – Num carro daqueles deviam beber champanhe.

Mas nós preferimos chá a champanhe em qualquer dia da semana e não estamos interessados no carro como símbolo de estatuto. É simplesmente a coisa mais confortável depois da minha poltrona lá de casa.

Embora eu não queira impressionar ninguém, tive de rir com a reação de um primo meu mais velho há pouco tempo. Estávamos na minha terra natal, Grantham, e este primo que não via há anos apareceu. Conversámos um bocado a pôr a conversa em dia e, quando chegou a hora de ir embora, ele acompanhou-nos até ao carro.

A visão da limusina quase lhe tirou o fôlego. – Eh, foi nisto que vieram, Dol? – perguntou.

Garanti-lhe que sim.

Deu umas voltas à volta dele, passou a mão reverente pela carroçaria reluzente e espreitou pela janela para ver o interior palaciano.

– Olha lá, Dol, aquilo é uma televisão que têm lá dentro?

Fiz que sim com a cabeça.

– E aquilo é um telefone?

Tive de concordar que era.

A informação demorou uns segundos a ser assimilada e mesmo assim ele claramente tinha dificuldade em acreditar. – Eh – disse por fim, a abanar a cabeça –, porra, dava para morar aí dentro!

Sim, os últimos anos trouxeram muita diversão, mas não seria verdade dizer que o crescente alarido não trouxe também problemas. As cartas preocupam-me muito. Todas as semanas recebo literalmente centenas de cartas. Logo depois de nos mudarmos para a casa nova, respirei de alívio

porque naquela manhã não tinha chegado correio. Mas falei cedo demais. Minutos depois bateram à porta. Era a carteira.

– Será que me dava um copo de água? – pediu ela. – Já quase acabei, depois vou a casa buscar o carrinho de bebé.

O carrinho de bebé? Pensei. Não me digas que vai trazer um bebé com este tempo. Estava um frio de rachar e soprava um vento gelado.

– Oh, não – explicou ela –, é para o vosso correio. É tanto que não consigo carregar tudo, vou pô-lo no carrinho e empurrá-lo até cá.

Dá para ver o problema. Recebo carrinhos de bebé cheios de correio todos os dias. Se passasse o dia inteiro apenas a responder cartas, ainda assim não chegava ao fim e na manhã seguinte haveria outra leva. É impossível dar conta.

Para piorar, as cartas em si são de partir o coração. Cada uma tem uma história trágica. Todos os remetentes começam por dizer que sabem que estou muito ocupada e que não posso atender toda a gente e depois explicam por que razão deviam ser um caso especial. O problema é que eu sei que toda a gente é um caso especial, mas não consigo atender toda a gente.

Às vezes faz-me desesperar. Há tanta tristeza lá fora e quero ajudar, mas sinto-me como se estivesse a tentar esvaziar o oceano com uma chávena de chá.

Ainda mais preocupante são as pessoas que se cansam de esperar resposta e aparecem sem mais nem menos. Há umas semanas tive o meu primeiro dia de folga em dois meses. Foi um luxo maravilhoso. O nosso carro de aluguer glamour pode parecer o cúmulo do luxo para algumas pessoas, mas para mim não há maior luxo do que estar sentada em casa sem absolutamente nada para fazer.

Pronto, pensei naquela manhã. Hoje não faço nada. Não falo com ninguém, não sintonizo ninguém, nem sequer abro uma carta. Vou só sentar-me na minha cadeira e ver um bocadinho de televisão. Mas devo ter estado mais cansada do que pensava, porque mal o programa começou, adormeci. O John acordou-me com uma sanduíche à hora do almoço, mas depois voltei a cair no sono.

À minha volta ouvia vagamente os sons da casa, mas pareciam estar a mil quilómetros de distância. A certa altura da tarde ouvi um sino a tocar. – Ah, é o telefone – pensei sonolenta. – O John atende.

Mas não era o telefone, era a campainha da porta da rua e fui acordada de repente com o John a trazer uma completa desconhecida para a sala. – Acho que devias falar com ela, amor – disse ele. – Veio de muito longe.

Aparentemente aquela senhora saíra de Hertford muito cedo, decidida a encontrar-me apesar de não ter a minha morada. Lera nos livros que eu morava num conjunto de apartamentos para ex-militares deficientes e pensava que ficava na zona de Kensington, por isso foi a Kensington e andou pelas ruas à procura dos apartamentos e a perguntar se alguém os conhecia.

Finalmente um jornaleiro disse-lhe que achava que o sítio que ela procurava podia ser em Fulham e indicou-lhe o autocarro, porque Fulham fica a uma boa distância de Kensington. Mas a senhora estava demasiado impaciente para esperar pelo autocarro. Acabou por fazer todo o caminho a pé até Fulham e, depois de mais voltas, encontrou o condomínio. Ora, há muitos apartamentos no complexo onde morávamos antes. São vários blocos compridos, cada um com quatro andares, mas ela, sem se deixar intimidar, começou a bater às portas até dar com uma das três pessoas que sabiam a minha nova morada e convenceu-a a dar-lha. Depois apanhou dois comboios e caminhou mais um bom bocado até chegar à minha porta.

O que podia eu fazer? Não fiquei nada contente, mas depois de uma viagem tão longa senti que tinha de lhe oferecer um chá à pobre mulher. A única coisa que não faria era dar-lhe uma sessão. Houve uma altura em que, em circunstâncias semelhantes, teria cedido, mas agora já não. Agora percebo que não seria justo para todas aquelas pessoas que esperam pacientemente e educadamente, algumas há dois anos, na lista de espera. Por isso conversei com a senhora, dei-lhe chá e deixei-a telefonar à família porque eles não faziam ideia do que ela andava a fazer e ela ia chegar muito tarde a casa; depois expliquei-lhe com delicadeza que estávamos prestes a começar o nosso jantar e que ela teria de se ir embora.

Depois senti-me bastante culpada, mas também irritada. Porque havia alguém de me fazer sentir culpada por ter um dia de folga? Não era justo. Até os padres têm direito a folga. Tenho sessenta e cinco anos agora e seguramente tenho direito a descansar de vez em quando.

O grande oceano de sofrimento que existe lá fora é demasiado para eu conseguir lidar, por isso tive de ser sensata. Agora concentro-me em demonstrações coletivas porque consigo dar um pouco de conforto a muitas pessoas no tempo que antigamente gastava a confortar uma só. Quanto a

sessões privadas, ainda faço algumas, mas deixo que o mundo espiritual me guie. São eles que me indicam quais as pessoas que mais precisam de ajuda, quais as que tenho mesmo de atender. Às vezes estou a passar os olhos por um saco de correio e uma carta salta-me literalmente para a mão. Ocasionalmente a sensação de urgência é tão forte que largo imediatamente o que estou a fazer e telefono ao remetente naquele mesmo instante, embora nem sempre me seja claro por que razão a rapidez é tão importante. Às vezes o remetente é uma mãe desfeita de dor por causa de um filho perdido, mas outros casos são menos óbvios.

Uma manhã estava a passar o correio como habitualmente quando um envelope pequeno, endereçado com uma letra redonda e infantil, quase voou para o meu colo. Era de uma rapariga de dezasseis anos da Escócia que recentemente perdera a sua adorada avó. Uma história triste mas não invulgar, poderão pensar, mas havia mais. Do outro lado sentia-se uma enorme onda de urgência e tive a impressão de uma mulher a tentar empurrar-me para o telefone.

Olhei para a assinatura. A rapariga chamava-se Cheryl e obviamente precisava de ajuda. Pus de lado o resto do saco do correio e marquei o número que ela escrevera por baixo da morada.

A própria Cheryl atendeu e, depois de ultrapassar a surpresa, a história triste veio toda de rajada. Criada principalmente pela avó, ficara devastada quando a velha senhora morreu. Agora estava infeliz em casa. Não se dava com o padrasto e, para se consolar, começara a comer quantidades enormes de comida.

– Ela sempre foi uma rapariga grande – disse uma voz escocesa forte no meu outro ouvido –, mas agora chegou aos cento e vinte quilos e não quer ir à escola. Não sai de casa. É um desperdício.

A Cheryl admitiu que era verdade. – Não consigo ir à escola. Os outros miúdos riem-se de mim porque sou muito gorda – e começou a chorar.

Percebi que, se não se fizesse algo rapidamente, poderia haver outra tragédia.

– Agora, Cheryl, ouve-me bem – disse eu. – Estás a deixar a tua avó muito triste. Ela está aqui agora e está a dizer-me que és uma criança tão bonita que não suporta ver-te a deixar-te andar assim. Se perdesses algum peso e te arranjasses um bocadinho, toda a gente ia querer estar contigo e tu não ias querer esconder-te em casa.

– Se parasses de comprar doces e bolachas e, quando tivesses fome, comesses uma maçã ou uma cenoura, perdias peso num instante. Se fizeres isso, prometo-te que antes do fim do ano vais estar a divertir-te à grande. Só tens dezasseis anos, pelo amor de Deus. A tua avó quer ser bisavó e isso não vai acontecer se estiveres fechada em casa…

A Cheryl fungava e soluçava, mas acabou por concordar em tentar uma dieta.

– Não é fácil, Cheryl – disse eu. – Tenho problemas de tiróide, tenho sessenta e cinco anos e tenho de ser muito rígida comigo mesma senão chegava aos cento e trinta quilos. Mas a tua avó diz que tu não tens nada físico – é só insegurança. Por isso, se conseguires manter uma dieta durante uns meses, vais ver o peso a cair.

A Cheryl prometeu fazer o melhor que pudesse e dei-lhe o meu número de telefone para ela me ligar a contar os progressos ou simplesmente para conversar se se sentisse desesperada.

– E lembra-te, Cheryl – acrescentei no fim da conversa –, quando as coisas ficarem difíceis, basta estenderes a mão que a tua avó estará lá para te ajudar. Ela não está longe e está a tomar conta de ti.

Depois só pude rezar para ter conseguido chegar àquela pobre rapariga e ajudá-la a voltar ao caminho de uma vida normal. O mundo espiritual fizera a sua parte, eu fizera a minha, e agora cabia à Cheryl encontrar força para juntar os cacos.

De vez em quando, porém, o meu saco do correio traz-me notícias de assuntos ainda mais perturbadores. Outra das cartas que se impôs à minha atenção continha uma história muito alarmante. Era de uma mulher cujo negócio hoteleiro estava quase arruinado apesar dos «conselhos» que eu lhe andava a dar há tanto tempo através de uma «amiga comum». Queria agradecer-me o trabalho que fizera em seu nome, mas chegara tristemente à conclusão de que o negócio já não tinha salvação.

Horrorizada, percorri a carta outra vez. Nunca ouvira falar daquela senhora nem do hotel dela e o nome da nossa «amiga comum» não me dizia absolutamente nada. Que raio se estava a passar? Desta vez não precisei que o mundo espiritual me desse um empurrão. Peguei logo no telefone.

– Graças a Deus que ligou – disse a pobre mulher quando me apresentei e expliquei que estava completamente perplexa com tudo aquilo. – Foi a minha filha que desconfiou que algo não batia certo. Leu os seus

livros e depois leu as suas previsões e disse-me: «Olha, mãe, isto parece escrito por duas pessoas diferentes. Não têm comparação nenhuma.»

– Previsões? – perguntei, mais alarmada do que nunca. – Que previsões? Eu não faço previsões, não sou adivinha.

– Pois, esta amiga diz que vos conhece e que vos visita regularmente para discutir os problemas das pessoas e que a senhora faz previsões sobre o que elas devem fazer. Espere um segundo, vou ler-lhe algumas.

Foi buscar um papel e voltou. – Aqui diz: «Eu, Doris Stokes, declaro por este meio…» – e leu-me o maior monte de disparates que já ouvi na vida. Incluía instruções para varrer as folhas do pátio do hotel, pô-las num frasco e guardá-las na casa de banho. Este completo disparate estava aparentemente assinado com o meu nome e estas supostas mensagens minhas chegavam quase todos os meses há já algum tempo.

– Sinto-me uma verdadeira idiota agora – disse a pobre mulher –, mas ela era tão convincente… Descrevia-a a si e à sua casa. Dizia coisas como: «Gosta do meu vestido? Foi a Doris Stokes que me deu.» Seguimos todas as instruções dela pensando que vinham de si e agora estamos quase na ruína.

Fiquei estarrecida. – Mas eu nunca conheci essa mulher na vida – disse eu. – Provavelmente viu-me a mim e ao meu apartamento na televisão ou em fotografias.

Pouco podia fazer para salvar o negócio delas. Apenas me restava mostrar solidariedade e sugerir que deitassem fora as folhas mortas da casa de banho e tudo o mais que eu supostamente lhes mandara guardar. Por fim, pedi a morada e o telefone da nossa «amiga comum». Tinha de ser travada. Como podiam as pessoas ser tão cruéis? E quantas mais estaria ela a arruinar em meu nome?

Furiosa, marquei o número e entrei logo em linha. A minha «velha amiga» pareceu bastante surpreendida por ter notícias minhas.

– Agora ouça lá – disse eu –, nunca nos conhecemos, nunca falei consigo e a senhora nunca esteve em minha casa.

– Eh… bem… não. Mas conhecemo-nos sim – disse a mulher, debilmente.

– Onde? – exigi saber. – Não me lembro de alguma vez a ter encontrado.

– Encontrámo-nos numa vida anterior – insistiu ela, mas acho que até a ela soou ridículo.

Pois bem, infelizmente disse-lhe exatamente o que pensava dela. Disse-lhe que a amiga provavelmente ia perder o hotel e que o que ela fizera era de uma maldade absoluta.

– E a quantas mais pessoas tem enviado previsões?

Hesitou. – Eh… bem… não muitas. Só faço isso para as consolar, sabe. Não queria fazer mal a ninguém.

Estava demasiado furiosa para pensar com clareza naquele momento, por isso encerrei a conversa com intenção de voltar a ligar quando me acalmasse. A partir daí, porém, o telefone esteve permanentemente ocupado. Acabei por ter de me contentar com enviar uma carta fortemente redigida por um advogado proibindo-a de continuar a transmitir mensagens em meu nome.

As coisas a que as pessoas chegam e os disparates que estão dispostas a inventar deixam-me constantemente espantada. Porque o fazem, não consigo imaginar. Talvez queiram chamar a atenção, talvez tenham problemas, mas seja qual for o motivo, não têm o direito de aproveitar-se de pessoas crédulas que procuram ajuda.

Um jornal ligou-me há pouco tempo a perguntar se eu podia ajudar com uma dúvida de uma leitora. Esta mulher escrevera a dizer que o marido desaparecera e que consultara um médium para saber se ele estava vivo ou morto. O médium ficara com o dinheiro dela e dissera-lhe que o marido estava definitivamente do outro lado, mas que não podia falar com ela porque fora morto com uma pancada na cabeça e estava delirante. O jornal queria saber se isso era possível! Ora, perguntem lá? Seria cómico se não fosse tão grave.

Outra mulher enviou-me uma gravação de uma sessão que tivera com um suposto médium que passou a maior parte do tempo a cantar hinos.

– Fiquei tão perturbada e senti-me tão mal depois daquela sessão – escreveu ela – que tive vontade de sair e atirar-me para debaixo de um autocarro.

Enquanto lia a carta ouvi claramente o nome Mark, por isso liguei-lhe imediatamente.

– Lamento imenso que tenha tido uma experiência tão má – disse eu –, mas enquanto lia a sua carta ouvi o nome Mark e soube que era importante.

– Sim, é verdade. Era isso que eu estava à espera. O Mark é o meu filho.

– Bem, amor, ele tirou-se a si próprio, não foi? – disse eu, porque o Mark acabara de me dizer que tinha muita vergonha do que fizera.

– Sim, tirou – admitiu ela, espantada.

– E diz-me que o fez fora deste país.

– Sim.

– Diz-lhes que peço desculpa – suplicou-me o Mark. – Não era casado há muito tempo.

– Só há quatro meses – soluçou a mãe, mas apesar da emoção avassaladora estava contente. – Era só isso que eu queria – disse ela. – Foi por isso que fui a um médium. Não queria incomodá-la porque sei que está muito ocupada, mas senti-me tão mal depois daquela outra sessão… Foi horrível. Só queria sair dali. Sentia-me enjoada.

Ficou perfeitamente satisfeita com os poucos bocadinhos que lhe consegui dar, mas eu senti-me muito triste por ela ter sido tão maltratada, especialmente por alguém que se dizia médium.

Às vezes simplesmente não entendo as pessoas.

Suponho que a leitura mais deprimente de todas chega todos os dias pelo buraco do correio na forma do jornal. Será apenas imaginação minha ou as notícias estão a piorar? Todos os dias as pessoas parecem inventar formas novas e mais horríveis de serem cruéis umas com as outras. Mas pelo menos agora tenho algum dinheiro de lado e, de vez em quando, consigo corrigir, de forma muito pequena, algumas injustiças.

Há alguns meses fiquei muito triste ao ler sobre um menino que fora atacado por arruaceiros que lhe partiram o aparelho auditivo caro. Como podiam ser tão cruéis com uma criança que já tem problemas que cheguem? Não sei, e o meu coração foi ao encontro do pequeno. Deve estar tão confuso e desiludido com a vida.

Impulsivamente sentei-me e escrevi-lhe um bilhete. Prometi comprar-lhe um aparelho auditivo novo e acrescentei: «Só para te dizer que nem todas as pessoas no mundo são más — também há pessoas boas, pessoas que te amam e querem que sejas feliz.»

Não podia desfazer a dor e o sofrimento por que ele passara, mas talvez conseguisse animá-lo um pouco e ajudar a restaurar-lhe a fé na natureza humana.

Vale todo o trabalho duro e as viagens cansativas poder fazer pequenos gestos destes e sei que o meu pai ficaria contente. Como

costumava dizer-me quando eu era pequena: «Se queres guardar o amor, Dol, tens de o dar.»

CAPÍTULO 5

A Diana Dors era impossível não reparar. Lá estava ela, grande mas glamorosa num vestido preto sem mangas, o cabelo louro a cair-lhe pelos ombros, as pestanas longuíssimas quase a roçar no copo que tinha na mão e a sua gargalhada contagiante a iluminar toda a gente na sala. O lugar estava cheio e todos os convidados se tinham enfeitado, mas era na Diana que reparávamos. A silhueta esguia do símbolo sexual dos anos cinquenta desaparecera para sempre, mas a Diana continuava a ser uma estrela em cada centímetro.

O John e eu ficámos um tudo-nada intimidados, para dizer a verdade, por isso limitámo-nos a um educado olá ao passar e fomos misturar-nos com os outros convidados. Era, sem dúvida, um evento esplêndido. O Robert Maxwell, que é dono da empresa que publica os meus livros, convidara todos os seus autores para uma receção na sua bela casa, Headington Hill Hall, perto de Oxford. Era uma casa magnífica, construída como um castelo com uma escadaria imponente e uma galeria de menestréis, e os Maxwell tinham-se esforçado ao máximo nos preparativos. Um mestre de cerimónias anunciava os convidados à entrada da pesada porta de carvalho; havia empregados a circular com tabuleiros de champanhe e vinho e um bar para quem quisesse algo diferente. Lá fora tocavam duas bandas, uma junto à piscina e outra junto à tenda, e o almoço buffet, disposto em mesas enormes, era deslumbrante.

Sentindo-nos um pouco deslumbrados com tudo aquilo, o John e eu decidimos que a primeira coisa a fazer era refrescar-nos com uma bebida e, como nenhum de nós bebe álcool, tivemos de nos desculpar com os empregados e fui ao bar buscar sumo de fruta.

– Dois sumos de laranja, por favor – pedi e, quando dois copos tilintando com gelo apareceram no balcão, uma voz grave ao meu ombro disse: – Também está de abstinência?

Virei-me. Era o marido da Diana, o Alan Lake. – Não, é só que não podemos beber – expliquei. – Não nos faz bem.

Mas o Alan não estava a ouvir. Olhava para mim como se não conseguisse situar a cara. Depois o sobrolho desfranziu-se. – Você é a Doris Stokes, não é? Adorei o seu livro. Venha conhecer a Diana.

E foi assim que o John e eu nos tornámos amigos do Alan e da Diana. Nunca chegámos a visitar as casas um do outro, mas encontrávamo-nos em eventos e estações de televisão e, quando soubemos que a Di tinha cancro — o temido C, como lhe chamávamos —, eu ligava-lhe regularmente.

A Diana era uma grande lutadora e a princípio parecia que tinha vencido. Como toda a gente que teve cancro sabe, é preciso voltar regularmente para exames e, por mais saudável que nos sintamos, é uma coisa preocupante. Pode facilmente afetar-nos o espírito e, para levantar o moral nesses períodos difíceis, a Diana, mais duas amigas e companheiras de sofrimento — a Julie Goodyear, a atriz da Coronation Street, a Pat Seed, que escreveu o lindo livro One Day At A Time, e eu — formámos o Clube do «Dane-se». Telefonávamo-nos, ríamo-nos à grande e aconselhávamos umas às outras a dizer: «Dane-se! Não vou ter isso!» Não sei se, do ponto de vista médico, rir e desafiar seja a melhor forma de reagir ao temido C, mas a verdade é que nos fazia imenso bem às quatro. Nos dias de ansiedade que rodeavam os exames e análises regulares, aquelas chamadas eram como um tónico.

A Diana parecia renascer. Fez dieta, exercitava-se todos os dias e nadava na piscina; os quilos derretiam. Encontrei-a na TV AM numa manhã, quase no fim da dieta, e mal queria acreditar no que via. Glamorosa como sempre, estava metade do tamanho anterior e parecia sensacional.

– Apetece-me cuspir-te! – brinquei quando a vi, porque ambas andávamos há meses a perder a batalha com o peso e agora ela envergonhava-me.

A Diana riu-se, encantada. – Nunca se é velho demais, Doris! É você que está sempre a dizer-me isso! Também conseguia se tentasse.

– Eu nunca paro de tentar! – lamentei-me. – E olha onde isso me leva!

Eram um casal muito dedicado, o Alan e a Di. Estavam sempre juntos. Em festas e receções não se separavam para falar com pessoas diferentes como alguns casais fazem. Preferiam circular os dois juntos: o Alan, moreno e bonito com o lenço ao pescoço que usava sempre, e a Di, efervescente e cheia de graça, o cabelo louro-prateado a balouçar quando se ria.

Tinham tido os seus problemas, claro. O Alan era alcoólico e, no auge da doença, tornava-se muito violento, mas a Di nunca o abandonou.

– Eles voltam-se sempre contra quem mais amam – disse ela e, sabendo isso, ficou ao lado dele e ajudou-o a vencer o vício. Era uma mulher muito sábia. A Diana era a forte daquele casal e, como diz o velho ditado, era mesmo mãe, amante, amiga e esposa dele. Quanto ao Alan, idolatrava-a.

A última vez que vi a Di foi em casa do Robert Maxwell. A receção anual voltara e já se tornara uma data fixa nas nossas agendas. Desta vez não havia sinal dos Lake quando entrámos, mas enquanto enchíamos os pratos no buffet, eles apareceram.

O Alan, encantador como sempre, surgiu imediatamente ao meu lado para me ajudar com a comida. – Caviar, querida? – perguntou, erguendo um prato que parecia cheio de minúsculas esferas pretas.

– Oh não, obrigada, não gosto – disse eu.

Pousou o prato e tentou outro: – Salmão fumado?

– Oh não, obrigada, também não gosto – repeti e, do meu outro lado, a Diana desatou a rir às gargalhadas.

– Não adianta, Alan. A Doris e o John só comem frango frio e tomate!

E tive de rir porque ela tinha razão. Com toda aquela comida requintada à escolha, o John e eu acabávamos invariavelmente com um bocadinho de frango e salada no prato e, quando muito, um pãozinho para fazer companhia. A vergonha é que todo este viver faustoso chegou tarde demais para nós. Nunca antes tínhamos tido oportunidade de nos habituarmos a caviar e salmão fumado e agora já somos velhos demais para começar com esse tipo de coisas. Além de não gostarmos do sabor, provavelmente acabaríamos com uma indigestão terrível!

O almoço foi tão alegre como sempre, mas pela primeira vez senti-me inquieta em relação à Diana. Estava lindíssima e, no entanto, algo parecia ter acontecido à silhueta que ela conquistara com tanto esforço na dieta. A barriga parecia enorme. Claro que a Diana gostava de comer tanto como qualquer outra mulher, mas havia qualquer coisa na forma dela que não batia certo. Não parecia que tivesse andado em orgias de comida; parecia algo mais grave.

Quando nos afastámos, disse ao John: – Há qualquer coisa errada com a Di, tenho a certeza.

Pouco depois soubemos que ela entrara no hospital com uma queixa no estômago. Eu estava em tournée na altura, a correr de um lado para o outro sem tempo quase para respirar, mas entre compromissos liguei para casa dos Lake em Berkshire para saber onde ela estava e enviei flores para o hospital.

Depois lá fomos nós a toda a pressa para a cidade seguinte e, quando voltei a ter notícias, a Diana já estava em casa. Graças a Deus, pensei cá comigo. Fora um alarme falso.

Passaram-se semanas e chegou o dia em que descobri que também eu teria de voltar ao hospital para tirar outro caroço. Claro que temi o pior, como sempre acontece, e morria de vontade de falar com alguém que entendesse. Não sabia se a Diana estava fora ou não, mas liguei para casa dela na esperança e foi ela que atendeu.

– Oh Diana, ainda bem que te apanhei… – disse eu e logo desabafei todas as minhas preocupações.

A Diana foi maravilhosa. Ouviu com toda a simpatia as minhas angústias e, quando acabei, disse: – Dane-se, miúda. Diz só que não vais ter isso!

E não consegui evitar rir-me. Graças a Deus pelo Clube do «Dane-se». E durante todo o tempo em que eu me queixava à Di, ela sabia que teria de voltar ao hospital e que as perspetivas não eram boas… e não disse uma palavra. Que senhora extraordinária.

A minha pequena operação foi rápida e depressa estava de pé e na estrada outra vez quando, um dia, peguei no jornal e vi que a Diana voltara ao hospital. Até aquele momento estivera bastante animada, mas de repente a depressão caiu-me em cima.

– Olha para isto, John – disse eu, a apontar para a notícia. – Acho que desta vez ela vai ter dificuldade em safar-se.

Não havia um momento a perder. Liguei para o hospital e, após uma breve espera, o Alan veio ao telefone. Tinham operado, disse ele, mas a Di estava demasiado fraca para falar naquele momento.

Uma sensação gelada instalou-se cada vez mais fundo no meu estômago.

– Estamos a pensar nos dois, Alan, e a rezar por vocês – disse-lhe eu, mas quando pousava o auscultador já sabia.

– Tenho um mau pressentimento em relação à Di – disse ao John. – Acho que ela não vai conseguir.

Dois dias depois estávamos a tomar o pequeno-almoço no quarto do hotel quando a rádio anunciou que a Diana passara para o outro lado. Mesmo quando estamos à espera, o anúncio propriamente dito é sempre um choque e o meu coração foi ao encontro do pobre Alan. Claro que eu ia ter saudades da Diana, mas senti alívio por ela, porque tudo terminara rapidamente e não sofrera mais. Agora estava feliz com a família e a nova vida do outro lado. Era o Alan que precisava de ajuda e solidariedade. Como ia ele conseguir sem ela?, perguntei-me. Ela fora a muleta dele na vida. Será que encontraria força para se aguentar sozinho?

Não posso dizer honestamente que tivesse medo a sério pelo Alan. Claro que estava preocupada com ele e sentia uma pena enorme, mas nunca me passou pela cabeça que pudesse estar suicida. Ele e a Diana adoravam o filho de quinze anos, o Jason, e nunca imaginei que o desespero do Alan chegasse a tal ponto que a necessidade da Diana sobrepujasse o instinto paternal. Era um bom pai e o meu primeiro pensamento foi: ainda bem que existe o Jason, ele vai ser a salvação do pai.

Pouco depois do anúncio, a Diana manifestou-se espontaneamente: – Diz ao Alan que estou apenas a um sussurro de distância – murmurou-me ao ouvido – e que a Minnie me veio receber.

A voz dela era fraca porque ainda não estava há muito tempo do outro lado e era difícil comunicar, mas como sempre a preocupação com o Alan era tão grande que sentiu que tinha de transmitir algumas palavras de conforto.

Liguei imediatamente ao Alan. Houve uma longa pausa. – Ele não está a atender chamadas neste momento, está demasiado perturbado – disse a governanta –, mas como é a senhora, Doris, vou dizer-lhe que está ao telefone.

Os segundos foram passando e por fim um Alan destroçado veio ao telefone. – Alan, não sei o que te dizer. Não há nada que eu possa dizer – disse-lhe eu com suavidade –, exceto: nunca te esqueças, ela está apenas a um sussurro de distância. Falei com ela e quis que soubesses que a Minnie a veio receber.

– A Minnie é a minha mãe – disse ele, com a voz partida, mas pareceu aliviado por saber que a Diana estava bem e que não estivera sozinha.

Não fui ao funeral. Tento evitar funerais convencionais sempre que posso porque os espiritualistas acreditam que um funeral deve ser, na medida do possível, uma ocasião feliz, em que celebramos o facto de a

pessoa que partiu ter recebido a sua «promoção», como lhe chamamos, e estar finalmente livre de toda a dor e sofrimento.

Por isso não fui ao funeral, mas depois telefonei ao Alan todas as semanas, aos domingos de manhã quando ele regressava da missa, para lhe dar o apoio que pudesse. Os meses foram passando e a minha vida tornou-se cada vez mais frenética, mas algures no fundo da minha mente registava que o Alan não estava a recuperar da dor como seria de esperar. Fazia um pequeno teatro quando atendia o telefone, mas, embora fosse bom ator, dava para perceber. Depois, de repente, desabava e o telefone ficava mudo.

Para ser honesta, acho que ninguém poderia ter evitado a tragédia. Muitos dos amigos do Alan culparam-se por não terem percebido o quão doente ele estava e eu própria me senti culpada porque no domingo antes de acontecer não lhe tinha ligado. É daquelas coisas de que nos arrependemos para sempre. Já mencionei as dores de costas que me atormentaram naquele verão e, a essa altura, tinham chegado a tal ponto que o médico decidiu internar-me para ver o que se passava.

Ia entrar no dia seguinte e naquele domingo estava com dores terríveis, mas a esforçar-me por fazer o almoço, arrumar a mala e deixar tudo organizado para o John e o Terry. Todo o dia pensei: tenho de ligar ao Alan, tenho de ligar ao Alan, mas de alguma forma não consegui. No hospital, no dia seguinte, foi igual. Levara o número de telefone comigo e tencionava ligar, mas andaram a empurrar-me de um lado para o outro para exames. Houve consultas com médicos, uma enchente de visitas e telefonemas e, de repente, era hora de dormir e eu não tinha ligado ao Alan.

– Bem, amanhã ligo-lhe de certeza – disse para mim própria. Mas a terça-feira foi igual.

Depois, na quarta-feira, o John ligou a televisão no meu quarto para o caso de estar algo interessante e deixou-a a falar sozinha, como faz muitas vezes. Ninguém estava a prestar grande atenção quando, de repente, um flash informativo me fez parar tudo. O Alan Lake dera um tiro em si próprio naquela manhã em casa, em Berkshire.

Fiquei absolutamente enjoada. Se ao menos tivesse feito aquela chamada… talvez as coisas tivessem sido diferentes. Porque não prestei mais atenção àquele aviso constante na minha cabeça? Era tão insistente que agora reconhecia que fora uma tentativa do mundo espiritual para me alertar para o perigo do Alan, mas estava tão embrenhada nos meus próprios problemas que não vi na altura. E o que seria do pobre Jason?

Quanto mais pensava nele, pior me sentia. Pobre rapaz, perder os dois pais de forma tão trágica e em tão pouco tempo.

Dava voltas e mais voltas na cabeça e, ao fim do dia, estava num nó terrível e inclinada a culpar-me. Felizmente, o Ramanov veio naquela noite falar comigo e pôr-me juízo na cabeça.

– Não te preocupes, minha filha, com coisas que não podem ser mudadas – disse ele quando eu já quase desistira de conseguir dormir. – É um desperdício de energia. Não podias ter feito nada. Não teria feito diferença nenhuma, quer tivesses ligado quer não. Aprende com isto e segue em frente. Não olhes para trás.

E claro que ele tinha razão, como vim a confirmar mais tarde pelo próprio Alan.

É estranho como um encontro casual num dia de verão pode levar a tantos outros. Pouco antes do Natal fui convidada pela Woman's Own para o seu serviço especial Crianças de Coragem na Abadia de Westminster e com quem me deparei? Com o Jason.

Era uma criança lindíssima. Muito parecido com a Diana, mas com cabelo castanho-claro em vez de louro, embora quando se mexia se visse o Alan nele.

Depois do serviço veio ter comigo e reparei que o colarinho da camisa estava todo desfiado e pensei que a mãe ficaria furiosa se visse aquilo. Mas é assim que são os miúdos. Têm as roupas favoritas e não as largam.

– Vou para a América, Doris – disse o Jason. – O que achas?

Tem um meio-irmão na América, de um casamento anterior da Diana.

– Bem, amor, vai – disse eu – e vê se te sentes feliz a viver com o Gary. Mas se não te sentires, volta, porque há muitas pessoas aqui que gostariam de te dar um lar.

Fiquei muito impressionada com o Jason. A tristeza estava lá, no fundo dos olhos, mas era tão corajoso e tão maduro que parecia ter dezanove anos e não quinze. Não estava nada amargurado com o pai, como alguns rapazes poderiam estar.

– A princípio estava zangado – admitiu ele com aquele olhar firme tão parecido com o da Diana –, mas agora não culpo o pai. Ele não conseguia viver sem a mãe.

E depois voltou a ser criança, a precisar de consolação: – Eles continuam comigo, não é, Doris?

– Continuam – disse eu com firmeza. – E mais: a tua mãe, em particular, está a tomar conta de ti e vai ajudar-te em cada passo que deres.

E de repente, por cima do burburinho à nossa volta, a voz da Diana soou clarinha: – É melhor que acredites.

O meu contacto com a família Lake não terminou quando o Jason foi para a América. Pouco depois, para meu espanto, recebi um telefonema do comediante Freddie Starr. Aparentemente o Alan Lake fora o seu melhor amigo e, desde o trágico suicídio, ele sentia-se perseguido pela sensação de que o Alan tentava entrar em contacto com ele. Poderia eu ajudar?

Olhei para a agenda, duvidosa. Estava completamente cheia durante meses. Os únicos espaços livres eram aos domingos, o meu dia de folga. Ora, como já disse, os meus domingos de folga são preciosos. Não consigo fazer o meu trabalho como deve ser se não tiver tempo livre para recarregar baterias e, claro, também gosto de passar algum tempo em casa com a família como toda a gente. Mas o Alan e a Diana tinham sido bons amigos para mim. A Diana, em particular, arranjava sempre tempo para ouvir e animar-me quando eu precisava do apoio do Clube do «Dane-se». Se eles estavam mesmo a tentar chegar ao Freddie e precisavam da minha ajuda, então eu devia-lhes isso. Peguei na caneta.

– Bem, Freddie – disse eu –, receio que só tenha livres os domingos.

– Isso não há problema, eu consigo aos domingos – disse o Freddie, a apontar a morada. – Agora, em que jardim é que posso aterrar o helicóptero?

Pensei que estava a ouvir mal. – Disseste helicóptero?

– Sim – respondeu o Freddie. – Ia atravessar no meu helicóptero.

Ri-me. – Freddie, onde pensas que eu moro? Não há espaço para aterrar um helicóptero no meu jardim de lenço de bolso. Receio que tenhas de vir de carro.

Mas o Freddie estava tão ansioso por acalmar a mente que o incómodo não o preocupou. Deixo que ele próprio explique.

«O Alan era o meu melhor amigo e desde que morreu que sinto que ele continua perto de mim. Era como se tivesse ficado algo por terminar entre nós e houvesse algo que ele queria dizer-me. Sentia isso o tempo todo, mas sobretudo quando passava pelo cemitério onde está enterrado. Era como um íman a puxar-me para a campa.

Uma vez parei o carro às três da manhã, saí e fui até à campa porque sentia que ele me chamava. Mas por mais que tentasse, não conseguia ouvir

o que ele dizia. Fora assim durante meses, desde o dia em que ele morreu, mas depois de me encontrar na campa às três da manhã soube que tinha de fazer alguma coisa.

No dia seguinte liguei à Doris.»

Toda a gente pensa que o Freddie Starr é apenas um comediante maluco sem preocupações no mundo, mas na verdade é um homem muito sensível e amoroso. Pouco antes de morrer, o Alan visitara a casa do Freddie e, quando saiu, despediu-se e afastou-se por uma porta do jardim. O Freddie nunca mais o viu e, a partir desse momento, não conseguia olhar para aquela porta. Doía-lhe tanto que acabou por mandar emparedá-la.

Mas, claro, antes do nosso primeiro encontro eu não sabia como o Freddie era simpático e estava um pouco apreensiva. Não sabia o que esperar. Mas às quatro da tarde daquele domingo bateram à porta e entrou um homem compacto, de estrutura delgada, cabelo louro e os olhos azuis mais lindos que já vi num homem. Já ouvi dizer que alguns comediantes são na verdade homens muito sérios e nada engraçados fora do palco. Bem, não sei se isso é verdade ou não, mas o que posso dizer é que o Freddie pôs-nos a rir às gargalhadas.

Na altura não sabia, mas ele é um ventríloquo brilhante e mal se sentou, as garrafas de bebida que guardamos no carrinho para os visitantes começaram a falar. Olhei para cima, surpreendida, e ouvi distintamente uma garrafa de rum dizer: – Não preciso do teu ouvido, Doris, eu sou um espírito!

Ora! Definitivamente não era uma mensagem do outro lado, isso era certo, mas teria eu finalmente endoidecido como a minha mãe sempre previra? Olhei em redor, ansiosa, para ver se os outros também tinham ouvido e depois reparei na malícia a brilhar nos olhos do Freddie.

– Freddie! – exclamei. – Foste tu!

– Sou um espírito, sou um espírito! – insistiu o rum enquanto o Freddie permanecia imóvel, os lábios sem se mexerem. Mas depois desatou a rir e entregou o jogo. Sem se deixar intimidar, as outras garrafas começaram também a falar e o John e eu rimo-nos até termos de implorar ao Freddie que parasse porque nos doíam as costelas.

Mas claro que o Freddie viera para uma sessão, por isso a tarde não foi só diversão. Havia trabalho a fazer também. Mas o trabalho não foi difícil porque o Alan estava lá imediatamente assim que sintonizei. O Freddie tinha razão. O Alan estava ansioso por falar com ele. Queria

explicar ao velho amigo por que se sentira levado a tirar a própria vida e tranquilizá-lo de que nada o poderia ter impedido.

– É o Alan, querido! – disse ele logo de início, assim que comecei a concentrar-me, e a voz era tão profunda e rica como eu me lembrava. – Diz ao Freddie do lenço preto. Ele estava a olhar para o lenço preto.

Fiquei perplexa, mas muitas vezes fico perplexa com o que as pessoas-espírito me dizem, por isso apenas transmiti a mensagem ao Freddie.

Ele pareceu confuso a princípio, mas depois sorriu. – Ontem à noite tirei o álbum de fotografias do Alan e estava a olhar para uma fotografia minha e dele juntos – disse ele. – Reparei que o Alan estava com o lenço preto que usava sempre depois da morte da Diana.

«Bem, o Alan deve ter estado contigo ontem à noite, querida», disse eu.

«Ele consegue ouvir-me agora?», perguntou o Freddie.

«Claro que sim.»

«Certo, Alan», disse o Freddie para um ponto acima do meu ombro. «Fiquei tão zangado contigo pelo que fizeste. Sabias disso? Fiquei tão furiosamente irritado.»

«Olha, Freddie, fala com sinceridade», disse o Alan, «se tivesses estado no mesmo barco e tivesse sido a Sandy que perdesses… terias conseguido continuar?»

Lágrimas brotaram nos olhos do Freddie e ele olhou para o chão. «Não, acho que não conseguiria.»

«Não tinha planeado fazê-lo», continuou o Alan, «mas não via futuro sem a Di. Nunca mais voltei à bebida, mas tinha começado a fumar outra vez e estava tão deprimido.»

Depois, apesar dos meus protestos, ele insistiu em contar-me o que acontecera. Aparentemente, do nada, numa certa manhã, decidiu simplesmente que já tinha chegado ao limite. Não queria continuar mais. Não conseguia enfrentar aquilo. Pegou na espingarda, apoiou a coronha no chão entre as pernas, inclinou-se para a frente, meteu o cano da arma na boca e puxou o gatilho.

«Senti uma dor na mandíbula, depois sangue a vir-me para a garganta e foi tudo», disse o Alan.

Contou ao Freddie que, desde então, o Cadillac da família tinha sido vendido, mas o carro vermelho que ele costumava conduzir ainda lá estava.

«Agora estamos juntos», continuou, «mas levei uma descompostura da Diana quando cheguei aqui pela primeira vez. Ela estava furiosa por causa do Jason.»

Depois houve um enfraquecimento na vibração e uma voz de mulher interrompeu. Era a Diana:

«Estava tão zangada», explodiu ela, «estava lívida. Em que é que ele estava a pensar, abandonando o Jason daquela maneira? Disse-lhe que era um egoísta do caraças. Afinal, eu não tive escolha, mas ele teve. Mas depois percebi que o Jason provavelmente está melhor assim. O Alan é tão fraco que poderia ter voltado a beber e isso teria sido pior para o Jason a longo prazo. Agora, pelo menos, pode lembrar-se do pai como ele era.»

E depois acrescentou, mulher para mulher, exatamente como fazia antes: «Não sei. Continuo a tratar dele como mãe. Tratava-o como mãe naquela altura e trato-o como mãe agora, mas olha, amo-o.»

Outras vozes começavam agora a intrometer-se e eu tive a impressão de todo um grupo de pessoas a acotovelarem-se, ansiosas por falar com o Freddie.

«Sou o Richard, mas toda a gente me chama Dick», disse um homem em voz alta.

«É o meu pai», disse o Freddie.

«Podes pedir-lhe que me perdoe», disse o Dick. «Ele pensava que eu não o amava porque não era muito demonstrativo, mas amava. O problema era que nunca conseguia decidir se o nosso Freddie era doido varrido ou se era um génio.»

O Freddie riu-se. «Bem, fico com metade disso. Sou um génio doido!»

O Dick continuou, mencionando o Jack, o padrasto do Freddie, e dizendo o quanto estava contente por a mãe do Freddie se ter voltado a casar e dizendo-lhe para não se sentir culpada por isso porque ele queria que ela fosse feliz. Mencionou também a Muriel.

«É a minha tia Muriel», disse o Freddie, surpreendido, «não vejo a tia Muriel há uns vinte e cinco anos.»

«Pois, o Dick diz que a Muriel esteve recentemente no hospital», disse eu.

O Freddie abanou a cabeça. «Não saberia dizer. Há tanto tempo que não a vejo.»

Mas, na verdade, no dia seguinte o Freddie confirmou com a mãe e descobriu-se que a tia Muriel tinha sido operada apenas no mês anterior para melhorar a audição.

O Dick também comentou que gostava dos espetáculos do Freddie e que tinha estado com ele em Barbados e no Canadá.

«Espero que tenha pago!», disse o Freddie.

Depois, lá para o fim, quando a energia estava a esgotar-se, o Alan voltou para dizer que lamentava o que tinha feito e para agradecer ao Freddie por tomar conta do Jason.

Depois, embora tivesse sido maravilhoso voltar a falar com o Alan e a Diana, senti-me esgotada. Tinha sido uma sessão emocional, sobretudo por serem amigos pessoais, e o Freddie pareceu perceber o meu cansaço. Sentou-se no tapete junto à lareira e falou em voz baixa.

«O que achas que Deus é, Doris?», perguntou de repente.

Era uma grande pergunta, mas ele estava completamente sincero.

«Bem, não consigo visualizar Deus como uma pessoa», disse eu. «Para mim, é um poder divino. É a única maneira que encontro para o exprimir por palavras.»

O Freddie ficou em silêncio um momento e depois disse: «Sabes que escrevem errado. Não devia ser D-E-U-S. Devia ser B-O-M porque tudo o que é bom é Deus.»

Achei isso lindo.

No total, o Freddie ficou cinco horas. Embora tivesse chegado às quatro da tarde com intenção de ficar meia hora, mais ou menos, só saiu às nove da noite. E, sendo o Freddie, o ambiente sério depressa passou e não tardou a ter-nos, ao John e a mim, a rir às gargalhadas outra vez. Acho que não nos ríamos tanto há anos. O Freddie fez-nos certamente mais bem do que qualquer medicamento que o médico pudesse receitar.

Quando se ia embora, pôs-me os braços à volta do corpo e deu-me um grande abraço.

«Vou oferecer-te uma prenda», disse, com os olhos azuis a brilhar daquele jeito provocador que ele tem.

«Oh, que lindo», disse eu. Adoro flores e as pessoas oferecem-me muitas vezes flores depois de uma sessão. Graças aos meus consulentes, a casa está sempre cheia do perfume de flores frescas.

«Sim», continuou o Freddie, «vou oferecer-te um cavalo de corridas.»

Quase caí da cadeira, a resposta plácida ficou-me entalada algures no fundo da garganta.

«Um cavalo de corridas?», engasguei-me, meio asfixiada. «Freddie, estás a gozar comigo.»

«Não estou nada», disse o Freddie, com o rosto novamente sério.

«Acabámos de ter duas potras nascidas e gostava de te oferecer uma. Fico com ela na minha quinta durante dois anos, depois escolhes as tuas cores e coloca-la com um treinador.»

Fiquei esmagada e, para ser sincera, não conseguia acreditar que ele estivesse a falar a sério. Quer dizer, quem alguma vez ouviu falar de uma velhota numa casa geminada de Londres a ter um cavalo de corridas?

No entanto, o Freddie estava a falar a sério — como descobri algumas semanas mais tarde, quando nos convidou a ir ver a potra.

Era uma manhã de domingo chuvosa e ventosa, daquele tipo de dia em que olhamos para o tempo e nos perguntamos, deprimidos, se a primavera alguma vez chegará. No entanto, pela primeira vez, o tempo não me incomodou. Estava excitada como uma criança na manhã de Natal por conhecer a minha potra. Embora tenha de admitir que também estava um bocadinho nervosa, porque sempre tive um pouco de medo de cavalos.

Fomos aos solavancos quilómetros e quilómetros pelas estradas lamacentas de Berkshire e, por fim, entrámos por um portão de tijolo muito arranjadinho. Dos dois lados, só se viam cercados com cavalos e hectares de relva e árvores. A alameda parecia não ter fim e, de repente, surgiu uma magnífica mansão à nossa frente e o Freddie a acenar da porta.

Levou-nos para dentro do hall e, antes mesmo de eu desabotoar o casaco, duas cabecinhas loiras pequenas vieram a correr na minha direção.

«Olá, Doris!», gritou a menina, atirando-me os braços ao pescoço. Era a Donna, com nove anos.

«Olá, Doris!», gritou o menino, o Jodie, de cinco anos, fazendo o mesmo.

Eram crianças adoráveis. Tinham acabado de regressar de férias em Espanha, por isso tinham caras morenas e saudáveis e os olhos azul-claros do pai, que brilhavam ainda mais azuis contra a pele bronzeada.

Sentámo-nos para tomar uma chávena de chá, animada pela exibição de breakdance do Jodie, depois calçámos todos botas de borracha e fomos a chapinhar até às cavalariças para conhecer a minha potra.

O Jodie dançava ao meu lado enquanto atravessávamos a lama.

«Eu também tenho um cavalo», disse-me ele, «mas não é tão grande como o teu, Doris.»

«O meu cavalo é grande?», perguntei, alarmada. «Pensava que era só um bebé.»

«Oh, sim», disse o Jodie. «Maior do que o meu.»

E, de facto, o cavalo era maior do que eu esperava. Quando o Freddie disse que era uma potra, imaginei uma criaturinha minúscula e frágil, a cambalear atrás da mãe em pernas de palito, mas o animal que o tratador trouxe para o pátio das cavalariças era da minha altura. No entanto, era obviamente muito novo, e nervoso, e lindíssimo. O pelo era de um castanho-avermelhado magnífico, tinha um diamante branco na testa e uma peúga branca e, quando estendi a mão para o acariciar, ele pousou o focinho na minha palma, macio como veludo.

«Não és lindo!», disse-lhe eu. «Vou chamar-te Stoksie.»

O Freddie levou-o a passear para o acalmar e depois soltou-o num cercado para brincar. Era uma alegria vê-lo. Galopava de um lado para o outro, deleitando-se com a relva e a chuva, e dando coices para o ar como um cordeiro na primavera.

«Freddie, é o presente mais lindo», exclamei, encantada. «Adoro-o.»

Mas a diversão não tinha acabado. O Freddie e a mulher, a Sandy, deram-se a muito trabalho para nos oferecerem um dia maravilhoso. Eu tinha dito ao Freddie para não se preocupar em organizar um almoço.

«A Sandy não vai querer trabalhar ao domingo», disse eu, «um sanduíche chega.»

Mas a Sandy tinha preparado uma refeição deliciosa que incluía vol-au-vents *(massa folhada)* e salmão fumado e deve ter dado tanto trabalho como um assado.

Depois, o Freddie mostrou-me a casa. Era absolutamente magnífica. Só os quartos de hóspedes pareciam suítes de hotel e um deles vinha completo com cama, casa de banho, sofá, piano, televisão e videogravador. A casa de banho pessoal do Freddie era toda vermelha e dourada, com colunas e tudo, parecia uma imagem de luxo impossível de uma revista brilhante, e o quarto dele era forrado a seda vermelha plissada. Nunca tinha visto nada assim. Tirou-me mesmo o fôlego.

«Tu é que devias ter tudo isto, pelo trabalho que fazes, Doris», disse o Freddie enquanto me levava de novo escadas abaixo.

Abanei a cabeça. «Freddie, isso assustar-me-ia de morte», disse-lhe eu, e assustava mesmo. Sou grata pela minha casa geminada de três quartos. Não conseguiria lidar com uma mansão grandiosa.

De volta à sala de estar, o pequeno Jodie andava aos saltos e trocava olhares cúmplices com o pai.

«Já podemos começar, papá? Já é hora?», perguntava ele em sussurros.

O Freddie evidentemente decidiu que sim, porque nos pediram para nos sentarmos e pai e filho desapareceram, voltando momentos depois com guitarras. Lá estavam eles, pai e filho, o Freddie com a guitarra dele e ao lado, como uma réplica em miniatura, o Jodie com a sua guitarrinha. Depois o Freddie começou a tocar e a cantar e o Jodie dedilhava um único acorde. O Freddie pôs-se de joelhos e o Jodie pôs-se de joelhos e, o tempo todo, o miúdo não tirava os olhos do pai para confirmar se estava a fazer bem.

Aplaudimos todos com entusiasmo no fim da atuação, mas o Jodie ainda não tinha terminado. A bateriazinha dele estava no canto e, quando os aplausos morreram, houve um anúncio oficial.

«Minhas senhoras e meus senhores, terá agora lugar um cabaré em honra da Doris, interpretado por Jodie Starr.»

Com um sorriso radiante, o Jodie saltou para a bateria e deu-nos uma interpretação muito animada de qualquer coisa moderna. Não sei o que era, mas era muito bom e depois o Jodie desceu e fez uma vénia solene e todos tivemos de aplaudir; depois correu pela porta da cozinha e voltou para um encore. Foi mágico. Mágico absoluto.

Fomos para casa naquela noite felizes, de barriga cheia e convencidos de que os Starr eram uma das famílias mais simpáticas e menos estragadas pelo sucesso que se poderia desejar conhecer.

CAPÍTULO 6

Ao início, não havia nada além de uma sensação de horror. Horror puro, terrível, absoluto. Depois uma série confusa de imagens. A andar aos solavancos num carro, depois um quarto mal iluminado e, o tempo todo, o horror a crescer até que, de repente, as impressões foram despedaçadas por um grito agudo de criança.

As imagens apagaram-se e só restou o grito terrível: «Quero a minha mamã! Quero a minha mamã!», ecoando dentro da minha cabeça.

Fria e a tremer, acendi um cigarro. O trabalho de uma médium não é nada acolhedor. Todas as pessoas que voltam do outro lado para falar descrevem a maneira como partiram e nem toda a gente tem a sorte de ir embora suavemente enquanto dorme. Ouço falar de doenças e acidentes, suicídio e assassínio. Já falei com rapazes jovens que se fuzilaram e com crianças pequenas que foram esfaqueadas até à morte, mas nada do que tinha encontrado até então me preparara para o caso de Lesley Anne Downey — uma das vítimas dos notórios Assassinos dos Moors, Ian Brady e Myra Hindley.

Nenhum outro caso me deixou com uma sensação tão doente e gelada, como se tivesse o estômago cheio de gelo. No fim, estava mental e fisicamente exausta e, apesar do aquecimento central e da lareira a funcionar em força, passaram horas até me sentir realmente quente outra vez.

Não fazia ideia, quando me levantei naquela manhã, do que me esperava. A minha agenda dizia que tinha uma sessão com uma Sr.ª. West que tinha perdido uma filha. Aparentemente, um jornalista de jornal tinha telefonado ao Laurie a pedir se podíamos receber esta senhora porque ela estava absolutamente desesperada. Não nos deu mais pormenores e eu estava marcada para meses, mas qualquer coisa me disse que era importante ver esta mãe. Quando o mundo espiritual me empurra assim, é muito pouco sensato ignorar, por isso fizemos umas alterações e malabarismos com datas e marcámos uma consulta para a Sr.ª. West.

Pouco antes de ela chegar, entrei em sintonia e imediatamente ouvi o nome Lesley, seguido de um vislumbre fugidio de uma meninazinha frágil de cabelo escuro. Uma coisinha linda. Depois a campainha tocou e corri para o hall para abrir a porta da frente.

A Sr.ª. West entrou mesmo a voar — não há outra maneira de descrever. Irrompeu no hall e deu-me um grande abraço que falava de anos de emoção reprimida.

«Não consigo acreditar», disse ela, «não consigo acreditar que estou mesmo aqui.»

Pobrezinha, pensei, com o coração a ir ao encontro dela. Tens andado à procura há muito tempo, e rezei com muita força para conseguir ajudar.

Era uma mulher atraente, a Anne West, com roupa elegante, cabelo louro cuidadosamente pintado e olhos lindos. No entanto, quando se olhava para aqueles olhos, via-se um enorme poço de desespero e vazio. Havia uma qualidade tão desolada na sua infelicidade que eu soube que a partida da filha a tinha afetado profundamente.

«Bem, entrem», disse eu, levando-os para a sala de estar, «e vamos ver o que podemos fazer.»

O jornalista que trouxera a Sr.ª. West tinha um gravador e depois, muito gentilmente, deu-me uma transcrição da sessão. Foi assim que decorreu:

DORIS: Não posso prometer-lhe nada, minha querida. Mas sei que veio aqui com todo este amor no coração e só espero conseguir fazer alguma coisa para a ajudar. Tudo o que sei é que o seu apelido é West e que uma das suas criancinhas passou para o outro lado de forma trágica. Comecei a entrar em sintonia esta manhã e captei o nome Lesley, mas o outro nome dela não era West.

SR.ª. WEST: Não, era Downey. Voltei a casar.

DORIS: De onde me vem o número dez? Foi há dez anos que ela partiu?

SR.ª. WEST: Ela tinha dez anos quando morreu.

DORIS: Ela vai voltar primeiro como criança e depois como a mulher adulta que é agora. Diz-me que houve quatro partidas. Está a dizer-me que não estou sozinha porque a mamã já teve outras tragédias. Quem é o Terry?

SR.ª. WEST: É o meu filho. O meu filho mais velho.

DORIS: Ela está a falar com alguém. Acho que é Alice, Annie, Alan. Está a dizer-me que não percebi bem, Doris. Ouve. Sim, minha querida. É Alan.

SR.ª. WEST: O Alan é o meu marido.

DORIS: Ela está a falar do Alan. Pensei que estivesse a falar com alguém do outro lado e ela disse-me para ouvir com atenção. Está a dizer-me que ele é muito bom para a mamã. Gosto dele por isso. Quem é o Bill?

SR.ª. WEST: O meu pai.

DORIS: Ela está a dizer que o Bill está deste lado, Doris. Tenta outra vez, querida. Foi Millie? Molly? Não, é Mary. Conheces alguma Mary do teu lado? Não? Não aceitamos, querida. Não acertámos, querida? Perdoa-me, ela está a falar da Myra. Está a dizer para não te apoquentares, mamã, com o que lês nos jornais sobre ela ser libertada em liberdade condicional. Isso não vai acontecer porque aquela mulher nunca se vai regenerar. Está só a fingir. É má, Doris, mesmo má. Para onde te levaram, querida? Obrigaram-te a ir com eles? Íamos buscar batatas fritas e peixe. Dois de nós fomos com eles mostrar onde era a loja. Nunca mais voltámos para casa, Doris. Não revivas isso, querida. A tua mamã já teve de viver com isto durante anos. Quem é a Vickie, querida?

SR.ª. WEST: A minha neta.

DORIS: A mamã tem uma rosa vermelha ao lado da minha moldura da fotografia — obrigada por isso, mamã. O Alan gosta de mim tanto como a minha mamã, sabias? O Edward quer dizer olá porque ninguém fala com ele. Estou tão contente que tenhas vindo, mamã, porque queria dizer-te que está tudo bem. Passo o tempo com as crianças, mamã. As crianças e os bebés que foram levados de volta porque ninguém os quer. Mas eu amo-os e passo todo o tempo com eles. Nunca tive oportunidade de ter bebés meus, mas aqui tenho muitos para amar. O Bill está aqui, mamã. E o Jim quer dizer olá.

SR.ª. WEST: O meu irmão.

DORIS: Ela cresceu e tornou-se uma rapariga linda, querida. Cabelo castanho-avermelhado, ou castanho com laivos de ruivo. Uma mulher lindíssima. Cumpri a minha vida, mamã. Ela está a perguntar pelo medalhão que usas com a fotografia dela.

SR.ª. WEST: Normalmente uso-o. Hoje deixei-o em casa.

DORIS: Ela está a falar da Elsie.

SR.ª. WEST: É a minha irmã.

DORIS: Ela está tão excitada e a transbordar. É difícil, querida. John. Ele partiu de forma trágica. Não devia ter partido.

SR.ª. WEST: O John era o meu sobrinho. Morreu três anos depois da Lesley, quando uma operação simples correu mal. Eram muito dedicados um ao outro.

DORIS: Estás bem, querida? Sim, sei que é difícil. Não, Lesley, estás a falar com a tua mamã e eu não consigo acompanhar-te. Mill Street?

SR.ª. WEST: É a esquadra da polícia onde primeiro comunicámos o desaparecimento dela. Fomos às quatro e meia da tarde e não quiseram saber. Mandaram-nos voltar mais tarde se ela não tivesse aparecido. Eram dez e meia quando começaram a procurá-la e, nesse intervalo, tinha caído neve. Isso destruiu qualquer hipótese que tivessem de a encontrar.

DORIS: Encontrei aqui um homem chamado Frank. Costumava ser polícia na Mill Street.

SR.ª. WEST: Sim. Frank Rimmer. Era sargento.

DORIS: Ele ajudou quando me aconteceu a mim e agora está aqui. Consegui agradecer-lhe por ter tentado ajudar. Ele disse que só queria que tivessem conseguido impedir. Mas eles tentaram, mamã, não tentaram?

Vejo muito a minha mamã, Doris. Estive a ouvir quando estavam a falar em ir para Espanha.

SR.ª. WEST: Estávamos a tentar perceber se podíamos pagar umas férias em Espanha porque o Alan está prestes a perder o emprego. Foi só há duas noites, na cozinha lá de casa. Nem sequer falámos disso a mais ninguém.

DORIS: Eu estava a ouvir, Doris. Estava a dizer: vão, mamã e papá. Façam isso. A vida é demasiado curta para se perder seja o que for. Vê como a minha foi curta.

Ela está a falar de umas férias numa caravana de que gostou mesmo muito.

SR.ª WEST: Sim. Ela foi com a escola dominical para o País de Gales, três meses antes de morrer.

DORIS: As melhores férias que alguma vez tive. Diverti-me tanto nessa altura e depois teve de acontecer isto. Agora que estou crescida percebo que é preciso explicar às crianças que nunca devem ir com estranhos, mas quando somos crianças simplesmente não pensamos nisso. Confiamos em toda a gente.

Não continues com isso, querida. Só estás a apoquentar a tua mamã e a ti também.

De que te estás a rir, querida? Um pub? The Green Man? Diz-lhes que estive com eles no Green Man, Doris. Com o Alan e o Tony.

SR.ª WEST: O Tony é o irmão do Alan. Passámos uma noite com eles quando viemos de Manchester a Londres visitá-los.

DORIS: Não te preocupes, Alan. Tudo vai correr bem. Eu vejo daqui deste lado. Vive a tua vida, mamã, já sofreste o suficiente. Sê feliz e faz as coisas que queres fazer. Eu estou bem. Estou feliz. Quando chegámos estávamos no hospital. Cuidaram de nós até ficarmos bons. Tive uma mamã espiritual durante algum tempo até crescer e depois veio o avô. Por isso não te preocupes achando que ninguém tomou conta de mim. Eu sei que tinhas medo que eu estivesse sozinha, mas não estamos. Nada magoa as crianças do espírito. Elas são inocentes, por isso são amadas e cuidadas.

Gostava que parasses de rir, querida. Vou já dar-te uma sacudidela. Ela está a falar de um bebé chamado Emma Louise.

SR.ª WEST: Não conheço ninguém assim.

DORIS: Provavelmente ainda não nasceu. Tia Mo.

SR.ª WEST: É a irmã do Alan.

DORIS: Pois, o bebé está ligado à tia Mo. Ela está a falar de uma pedra num cemitério. Tem o formato de um livro aberto.

SR.ª WEST: É uma sepultura ao lado da da Lesley. O livro está aberto e a mensagem de recordação está gravada nas páginas.

DORIS: Eu vou lá muitas vezes ver quando a mamã está a choramingar um bocadinho em cima da minha sepultura, Doris. Foi ali que enterraram o meu corpo, mas claro que eu não estou lá. Tive um funeral fantástico, Doris. Estava tanta gente. A mamã deu-me um coração grande de flores e pôs uma rosa vermelha sozinha na sepultura. Já passou tanto tempo, mamã, mas sempre quis agradecer-te isso. Tu deste-ma com amor, mamã, e eu trouxe-a de volta com amor. A mamã tem uma rosa vermelha sozinha ao lado da minha fotografia em casa, Doris. É lindo.

SR.ª WEST: Sim, é uma rosa de seda num copinho pequeno ao lado da fotografia emoldurada na sala.

DORIS: Ela é mesmo descarada, sabias? Está a falar de divórcios na família. Três.

SR.ª WEST: Só me lembro de dois.

DORIS: A Lesley diz para não te esqueceres do teu, mamã. Não te esqueças desse.

O Bill está a voltar. Está a tentar dizer-me qualquer coisa, está a dizer: diz só Rutland Street, querida, e ela vai saber o que quero dizer.

SR.ª WEST: A Rutland Street ficava a dois passos de onde morávamos quando eu era pequena. O meu pai, o Bill, costumava beber num pub chamado Joe Daley's ali.

Rezo todas as noites, Doris, para que um dia a Lesley me apareça. Mas ainda não aconteceu.

DORIS: Estás a esforçar-te demasiado, querida. Relaxa. Pode acontecer. Ela diz que a mamã ainda me vê como eu estava no fim. Apaga isso da tua cabeça, mamã. Fomos lavados no hospital.

Ela diz que brincava com uma pessoa chamada Claire. Morava na porta ao lado. Já cresceu e agora é casada. Brincava com a Claire o tempo todo, Doris. Se estivesse a brincar com a Claire quando aconteceu, não estaria aqui agora.

DORIS: O que é isso, querida? M o quê? Gostavas mesmo muito dela.

SR.ª WEST: Muriel, uma professora da escola dominical nas férias da caravana. Estive a falar com ela no funeral da Lesley e só aí é que ela me contou que, durante todas aquelas férias, a Lesley não via a hora de voltar para casa. Não parava de dizer à Muriel que me amava e que tinha saudades minhas.

DORIS: Ela está a falar de uma fita. Qualquer coisa sobre uma fita. Não, não aquelas fitas horríveis do julgamento. Refiro-me àquela que a mamã gostava de ter guardado. Aquela em que eu canto e que se perdeu.

SR.ª WEST: Era uma fita que o irmão da Lesley, o Terry, gravou dela a cantar a música preferida dela — Bobby's Girl. Tínhamos um aparelho de som com gravador de cassetes e ele fez a gravação. Depois perguntou-me se podia trocar o aparelho por uma guitarra e deu a gravação também. Na altura não significou grande coisa. Mas dois meses depois a Lesley estava morta. E era a única gravação que tínhamos da voz dela. Partiu-me o coração desde então não a termos guardado.

DORIS: Ela está a falar de alguém chamado Edward. O Edward está aqui e quer dizer olá. Porque ninguém fala com ele. Quer agradecer. Ninguém o visita.

SR.ª WEST: É o Edward Evans, outra vítima do Brady e da Hindley. Está enterrado a poucos metros da Lesley. Parece que a sepultura dele não é tocada desde que o enterraram. Tentamos mantê-la arranjada. Cortar a relva e tirar as ervas daninhas.

A Lesley também mencionou o nome Lillian, que a Anne West não conseguiu identificar de imediato, mas depois lembrou-se.

SR.ª WEST: O que ela estava a falar era do dia em que cortou o cabelo comprido até à cintura, quando tinha uns oito anos. Chegou a casa e o Alan disse-lhe que parecia um rapaz e que lhe ia chamar George. A Lesley respondeu-lhe logo: se me vais chamar George, eu vou-te chamar Lillian!

Havia algumas coisas que a Lesley me disse que eu não repeti em voz alta durante a sessão, com medo de apoquentar a mãe, mas depois descobri que a Anne West já sabia delas. A mais perturbadora de todas era o facto de os ratos terem comido o corpo da criança antes de ser encontrado. A Anne confirmou que era verdade e que nem sequer teve um corpo completo para identificar.

A história foi um pesadelo em todos os sentidos. Voltemos aos primeiros anos sessenta, quando um casal aparentemente inofensivo chamado Ian Brady e Myra Hindley começou a procurar vítimas nas ruas de Manchester. Para a família e os vizinhos, eram um par calmo e dedicado. Trabalhavam juntos, viviam juntos e estavam sempre na companhia um do outro. Não pareciam ter muitos amigos e não se interessavam por festas barulhentas nem por irem dançar como tanta gente. Em vez disso, contentavam-se em andar de carro na pequena carrinha da Myra, fazendo frequentes viagens aos moors. Grandes amantes do campo, o Ian e a Myra.

O que ninguém suspeitava era que o Ian e a Myra enterravam corpos nos moors e depois voltavam para fazer piqueniques em cima das sepulturas.

Três crianças foram assassinadas antes de serem apanhados: John Kilbride, com 12 anos, Lesley Anne Downey com 10 e Edward Evans com 17. O John e a Lesley foram ambos enterrados nos moors e o Edward provavelmente também lá teria acabado se os assassinos não tivessem sido presos antes de conseguirem mover o corpo dele. Quem sabe quantas crianças teriam morrido se o cunhado da Myra não tivesse chamado a polícia quando eles tentaram convencê-lo a ajudá-los a deslocar o corpo do Edward Evans.

A pobre Lesley tinha estado tão feliz antes de acontecer.

A última vez que a mãe a viu foi quando ela saiu a saltitar porta fora no dia a seguir ao Natal de 1964 com os dois irmãos mais novos e três

amiguinhos da rua, para irem à feira de diversões especial de Natal ali na esquina.

Por tudo o que se sabe, divertiram-se imenso. Aliás, a Lesley gostou tanto que, quando chegou a hora de ir embora, não conseguia arrancar-se dali. Pediu à amiga Linda que levasse os irmãos mais novos para casa enquanto ela voltava para dar uma última olhadela aos carrosséis.

A família nunca mais a viu viva.

O mundo tornou-se um lugar mais violento desde os primeiros anos sessenta e hoje em dia os assassínios de crianças parecem cada vez mais comuns, mas as pessoas ainda se lembram dos Assassinos dos Moors com um horror particular.

Não era só o facto de as crianças terem sido mortas, mas de terem sido torturadas antes de serem mortas e o sofrimento da Lesley Anne Downey foi gravado em fita, presumivelmente para o gozo macabro do casal mais tarde.

Durante o julgamento de Brady e Hindley, as fitas foram reproduzidas numa sala de tribunal horrorizada e depois o juiz disse:

«É provável que nenhum de nós as esqueça durante muito tempo.»

A memória daqueles gritos angustiados provavelmente perseguirá os ouvintes pelo resto da vida.

Não acredito em guardar rancor, mas tenho de dizer que conseguia compreender o que a Anne West sentia, especialmente com os rumores de que a Myra Hindley estava prestes a ser posta em liberdade condicional e poderia até ser libertada em breve. Se a Lesley tivesse sido minha filha, teria achado quase impossível pôr em prática os princípios tolerantes do Romanov.

«É o ódio que me mantém viva», disse a Anne West em voz baixa e com uma sinceridade mortal. «Viverei até a Myra Hindley morrer.»

As palavras dela fizeram-me estremecer involuntariamente. Acreditei nela…

CAPÍTULO 7

Se fechar os olhos e me concentrar, ainda consigo ouvir a música. Tan tan, tan tan tan. tan tan tan… As barras de abertura inconfundíveis do Sunday Night At The London Palladium. Todos os domingos o som daquela melodia tão familiar fazia-nos correr do que quer que estivéssemos a fazer para os nossos lugares em frente à televisão, para uma noite de glamour, grandes nomes e entretenimento à moda antiga.

Tal como milhões de outras famílias, ficávamos colados ao ecrã enquanto Bruce Forsyth, ou Norman Vaughan ou, mais tarde, acho que Jimmy Tarbuck, apresentava atuação atrás de atuação e as brilhantes Tiller Girls, todas pernas compridas e plumas reluzentes na cabeça, davam os seus pontapés altos no famoso palco giratório.

O Sunday Night At The London Palladium era o ponto alto da nossa semana e, para as estrelas que lá apareciam, era o ponto alto das suas carreiras.

Perdi a conta às horas que devemos ter passado a ver aqueles antigos programas de variedades e tudo o que posso dizer é ainda bem que não sou adivinha. Se numa dessas noites tivesse olhado para cima e me visse ali no palco, teria pensado que estava louca. A ideia de que um dia poderia aparecer no London Palladium pareceria completamente impossível e também bastante aterradora. Tão provável como o John e eu nos mudarmos para o Palácio de Buckingham.

No entanto, sem eu saber, os anos iam-me lentamente encaminhando para aquele palco. Sem perceber para onde ia, progredi lentamente de salões de igrejas cheios de correntes de ar para salas de assembleia maiores, de teatros provincianos minúsculos para teatros maiores, até que finalmente, em 1984, me perguntaram se aceitaria atuar no Palladium.

No Palladium! Quase tive um ataque.

«Oh, Laurie, não sei», disse eu. Só de pensar nisso punha-me a suar frio. «É um dos teatros mais famosos do mundo. Quer dizer, os Beatles estiveram lá e praticamente todos os outros grandes nomes…»

Quer dizer, a Câmara Municipal de Lewisham era uma coisa, mas o London Palladium…

«Mas Doris, já fizeste o Dominion na Tottenham Court Road», disse o Laurie no seu tom mais persuasivo. «Não te custou nada. O Palladium é muito parecido.»

Na minha cabeça não era nada parecido. Pensava em todas aquelas varandas luxuosas, no veludo vermelho, no camarote real. Não, o Palladium era completamente diferente, paralisantemente diferente.

«Nunca vamos encher a sala, Laurie», disse eu, tentando ganhar tempo.

Ele sorriu. «Bem, vamos tentar e ver no que dá.»

Naquele momento eu não acreditava mesmo que o fizesse. Mesmo quando o Laurie disse que estava tudo marcado para 16 de dezembro, limitei-me a assentir e a contemporizar com ele. Não pensava que acontecesse realmente. Ainda tens de vender os bilhetes, rapaz, pensei eu de mim para mim. E quando não conseguires vendê-los, vamos ter de cancelar e esquecer tudo isto.

No dia em que os bilhetes foram postos à venda, eu ainda estava convencida de que teríamos de cancelar tudo — até o Laurie telefonar, claro.

«Doris, é fantástico!», gritou ele, tão eufórico que pensei que tinha ganho o totobola.

«O que foi, Laurie?»

«Acabei de saber do Palladium. Os bilhetes esgotaram em hora e meia. Dizem que é recorde!»

Fiquei a olhar para o auscultador sem expressão. «Tens a certeza de que não te estão a gozar, Laurie?»

«Tenho a certeza. Esgotaram. Todos e cada um deles em hora e meia.»

Deveria estar fora de mim de excitação, claro, mas tudo em que conseguia pensar era: «Meu Deus — isso quer dizer que tenho mesmo de o fazer. Tenho mesmo de subir ao palco do Palladium!»

À medida que 16 de dezembro se aproximava, eu oscilava entre a excitação e o pânico. Experimentei todos os meus vestidos, comprei mais dois e ainda não conseguia decidir qual usar. Pior ainda, decidi que o meu cabelo estava um desastre e que as unhas se partiam todas. Mas toda aquela confusão com pormenores era só para encobrir o verdadeiro pânico que se passava lá dentro. Ia subir àquele palco no Palladium, em frente a uma plateia esgotada, sem número preparado, sem guião, sem saber cantar, dançar ou representar, sem nada de concreto, e ia ficar ali parada a torcer para que tudo corresse bem. Do nada, esperava que surgisse maneira de entreter o público durante duas horas. Isto sim, era loucura.

A minha mãe sempre disse que eu acabaria num manicómio. Estaria finalmente a provar que tinha razão? Teria eu finalmente pirado?

E se não acontecesse nada? E se, quando entrasse em sintonia, só ouvisse o som dos meus próprios pensamentos? Como raio lidaria com aquelas filas e filas de rostos inexpressivos a ficarem cada vez mais hostis a cada minuto?

Era o suficiente para dar pesadelos.

«Confia», dizia-me o Romanov vezes sem conta. «Confia.»

E eu empurrei as dúvidas bem para o fundo da mente. Afinal, não era este o mesmo problema com que me defrontava sempre que fazia uma sessão ou aparecia em qualquer teatro? Ainda assim, enquanto me ocupava a não pensar em coisas terríveis, decisões pequenas tornavam-se de repente esmagadoramente difíceis. Revirei o guarda-roupa pela enésima vez. Agora seria o cor-de-rosa, o azul ou talvez o turquesa…?

Finalmente, a 16 de dezembro, estava sentada nas bambolinas com um vestido bonito de tom pêssego suave, à espera de entrar e a tremer dos pés à cabeça.

O John Avery, o gerente, passou por mim e sorriu-me com simpatia. «Não estejas tão nervosa, Doris», disse ele, «mas também não serias uma estrela se não estivesses nervosa. Todas as grandes estrelas que vêm aqui são exatamente iguais quando estão à espera de entrar.»

Perguntei-me se o Roy Castle poderia sentir-se tão mal como eu me sentia.

Era difícil de acreditar. Ele parece sempre tão à vontade quando o vemos na televisão. Pensava no Roy porque me tinham dado o camarim dele. Seis dias por semana ele e o Tommy Steele estavam a fazer Singing in the Rain e ao domingo, o dia de folga deles, eu instalara-me lá. Esperava que ele não se importasse. Tive muito cuidado para não mexer em nada que fosse dele. Havia telegramas e cartões de boa sorte por todo o lado e mascotes de peluche e o camarim em si era lindo. Quentinho e acolhedor, com alcatifa macia e o teto todo drapejado em pregas como uma cúpula. Era bem diferente dos salões de igreja onde comecei, onde nos mudávamos para o vestido na casa de banho porque a única sala nos bastidores estava cheia de gente a beber chá e a fofocar.

Tento sempre relaxar calmamente alguns minutos antes de entrar para poder entrar em sintonia e, com sorte, captar um nome ou dois que me deem um começo. Por isso, sentada ali no camarim do Roy Castle, fechei

os olhos e concentrei-me. Tive sorte. Passados um ou dois momentos ouvi a voz de um rapazinho. Não era muito velho, não mais de catorze anos, diria eu.

«A minha mãe vem esta noite», disse-me ele, «chama-se Rita.»

«E tu como te chamas, querido?», perguntei-lhe eu.

«Sou o Stewart», respondeu ele.

E foi tudo. Mas já era um começo. Qualquer coisa em que me agarrar quando estivesse ali em frente àquela plateia.

De repente, o espetáculo começou. O Tony Ortzen, o diretor do Psychic News, apresentou-me e eu caminhava para o palco do Palladium. Lá estavam as filas e filas de varandas de que me lembrava do programa de televisão, os candelabros e hectares de veludo vermelho e, ali no palco, em cima de um pedaço de alcatifa e ladeadas por flores, estavam as cadeiras do camarote real.

Por mais nervosa que estivesse, não pude deixar de pensar: meu Deus, a Rainha provavelmente sentou-se nisto quando me sentei. Era uma sensação estranha.

Fiz o meu pequeno paleio inicial, como faço sempre para relaxar as pessoas e tranquilizá-las de que sou exatamente como elas e que não vou andar a baloiçar-me dos candelabros nem a agitar os braços nem a fazer nenhuma das coisas esquisitas que as pessoas infelizmente associam aos médiuns. Depois contei-lhes como tinha entrado em sintonia mais cedo.

«Captei um rapazinho chamado Stewart que está à procura da mãe», disse eu. «Ela chama-se Rita, ou pode ser Anita. Para mim os dois nomes soam parecido. Há aqui alguma Rita ou Anita com um rapazinho chamado Stewart?»

Houve um silêncio expectante que cresceu e cresceu e o meu estômago começou a dar cambalhotas. Certamente não teria estragado logo a minha primeira mensagem?

E depois, exatamente quando eu começava a preocupar-me a sério, uma mulher levantou-se e caminhou, meio atordoada, até ao microfone.

«Sou a Rita e o meu filho era o Stewart», disse ela debilmente. Estávamos lançados.

Depois de semanas de ansiedade, a noite pareceu voar para mim. O Stewart falou da família dele e do leiteiro, Philip. Gostava do Philip porque ele o ajudava na distribuição do leite. Provocou risos quando disse que ia

nascer um bebé e para perguntarem ao Philip sobre isso, e algumas lágrimas quando descreveu como morreu num acidente de bicicleta.

Depois vieram vários amigos e familiares falar com a Margaret que trabalhava com crianças com deficiência mental e tinha ela própria potencial para ser médium. Houve a mãe preocupada porque o filho e a namorada estavam felicíssimos à espera de um bebé mas sem planos de casar. Outra mãe trágica que tinha sido enterrada com o bebé morto e queria tranquilizar os filhos órfãos de que estava com eles e queria que aproveitassem o Natal. Houve o filho à procura da mãe, Jane Jones, e o pai que tinha sido mandado para o outro lado sem os dentes postos. E assim continuou, sem parar.

Uma ou duas vezes ouviram-se uns estrondos altos e inexplicáveis e na plateia uma luz rebentou sem motivo aparente e lembrei-me de que dizem que o Palladium tem fantasmas. O fantasma residente não deu sinal de vida, porém, e eu já tinha suficiente que fazer com todas as pessoas do espírito que queriam falar com a plateia sem tentar contactar mais alguém.

De repente, acabou tudo. Distribuímos as flores que gosto de oferecer às pessoas que receberam mensagens, havia flashes de máquinas fotográficas por todo o lado e finalmente pude escapar para o camarim para uma longa chávena de chá.

Só quando me sentei é que percebi como estava exausta. O cabelo e as costas estavam molhadas de suor e sentia-me demasiado esgotada até para falar. Lá no fundo do corredor, no camarim do Tommy Steele, estavam a dar uma festa, mas eu não conseguia enfrentá-la. Fazer conversa com toda aquela gente, por mais simpáticos que fossem, era esforço a mais. Tudo o que queria era ir para casa dormir e, por isso, o John e eu saímos sorrateiramente para o carro e deixámos toda a gente entregue à festa.

«Ei, não te esqueças disto, querida», disse o John enquanto eu me escapava a correr.

Olhei para trás. Era a caixa grande que o porteiro tinha trazido durante a noite. Estava marcada com «frágil» e tinham-na entregue para mim na porta do palco mais cedo. Eu faço questão de nunca olhar para cartas deixadas no teatro antes de entrar, e agora estava demasiado cansada até para ter curiosidade.

«Oh. Não. Podes trazer tu, amor? Tenho o vestido para carregar.»

O John pegou nela. «É pesada», disse, surpreendido. «Que raio será?»

Lá em casa, ele já não aguentou mais. Antes mesmo de tirar o casaco, já estava na cozinha com a caixa, a cortar a corda com uma faca.

Da sala de estar, onde eu desabara na poltrona, ouvi um assobio baixo.

«É melhor vires ver isto, miúda.»

Gemi para dentro. «Podes trazer para aqui, John?»

Houve uma pausa e depois lá veio ele com o bolo de anos mais enorme do mundo, atado com fita amarela, decorado com rosas amarelas e com as palavras «Feliz Aniversário Doris» escritas em glacé.

Fiquei tão comovida que me vieram lágrimas aos olhos. Era de um rapaz chamado Pat e ele próprio o tinha feito.

Aparentemente, ele lera num dos meus livros como o John e o Terry costumam esquecer-se do meu aniversário, por ser logo a seguir ao Natal, e como o mundo espiritual uma vez me deixara uma rosa dourada desenhada na parede para me animar. Este ano quis garantir que o meu aniversário não seria esquecido e mandou-me o meu próprio bolo de anos.

E mais: o mundo espiritual até me arranjara um presente de Natal através daquele mesmo jovem simpático. A noite no Palladium tinha sido mesmo no fim de uma tournée de três semanas pelo país e ainda por cima em cima da mudança de casa. Agora estava eu, a uma semana do Natal, tão cansada que mal me mexia. Tinha convidado, imprudentemente, alguns amigos para o jantar de Natal um dia mais cedo, na véspera. Na altura parecera uma boa ideia. Podia despachar toda a cozinha na véspera e relaxar no dia de Natal, sem mais nada com que me preocupar além de um bufê frio. Mas agora estava a ter dúvidas. Ainda nem sequer tinha desempacotado o meu serviço de jantar. Continuava guardado numa caixa qualquer e, francamente, não me sentia capaz de nada mais exigente do que abrir uma lata.

Este problema ainda andava a dar voltas na minha cabeça no dia seguinte quando liguei ao Pat para lhe agradecer o bolo maravilhoso. Conversámos bastante tempo e depois a conversa chegou ao Natal. O que ia eu fazer este ano no Natal, quis saber o Patrick.

«Sabes, Pat, estou tão cansada que nem me importo», disse eu. «O que eu gostava mesmo era que viesse uma empresa de catering fazer tudo por mim. Isso seria melhor do que qualquer presente.»

«Eu faço-o», disse o Pat imediatamente.

«Mas Pat, tu não és catering, pois não?», perguntei. Tinha assumido que os bolos eram uma espécie de hobby dele.

«Não, sou chef de cozinha», respondeu ele.

«Olha, é muito simpático da tua parte», disse eu, «mas eu não estava a falar a sério. Era só um desejo. Ainda nem o serviço de jantar desempacotei, nem nada.»

«Não te preocupes», disse o Pat, «trago o meu. Agora não te rales. Eu trato de tudo.»

E foi tão bom como a sua palavra. Na véspera de Natal chegou com serviço de jantar, serviço de café e talheres de prata. Trouxe até um candelabro. Depois mandou-me pôr os pés para cima enquanto cozinhava o peru, os legumes e o pudim de Natal. A refeição estava deliciosa e depois o Patrick arrumou tudo e lavou a loiça. Não tive de mexer um dedo. Foi o melhor presente de Natal que poderia ter tido.

Mas a ligação ao Palladium não acabou aí. Pouco depois do Natal, a Rita Broadfield, cujo filho Stewart tinha aparecido logo no início e dera o pontapé de saída à noite, veio fazer uma sessão privada. Desta vez trouxe o marido.

«Para ser completamente sincero, vim porque estava preocupado com a minha mulher», disse-me ele com severidade e vi que estava profundamente desconfiado de tudo aquilo. Provavelmente tinha medo que a mulher fosse enganada por algum maluco.

«Está tudo bem, querido», disse eu. «Não há nada a temer. Manda simplesmente o teu amor ao Stewart e vamos ver o que conseguimos.»

Tal como da primeira vez, o Stewart apareceu logo que entrei em sintonia. Desta vez consegui vê-lo de pé na minha sala de estar, ao lado dos pais. Era um rapaz alto, de cabelo claro e cara viva. Afinal tinha 13 anos e não 14 como pensara inicialmente.

Contou-me mais sobre o acidente.

«Éramos quatro no início», disse ele, «depois dois foram-se embora e ficámos só dois. Eu ia a subir a variante e depois, bum… Foi na parte de trás da cabeça que apanhei…»

Falou do coração de flores que os pais lhe tinham dado no funeral, da ampliação que estavam a fazer em casa e até da Wilson School — a escola que frequentara antes do acidente.

Depois, mesmo no fim, quando estávamos a terminar a sessão e a energia estava no ponto mais baixo, a Rita Broadfield disse tristemente: «Ele nunca mencionou a irmã.»

O Stewart apareceu ao lado dela num instante.

«Ela está a falar da Caroline? Eu não me esqueceria da Caroline.»

E isso acabou com o pai. Toda a emoção reprimida desde o trágico agosto anterior veio ao de cima e ele chorou.

«Doris, não havia maneira de teres sabido tudo isso», disse ele depois. «Foi maravilhoso.»

Aparecer no Palladium tem de ser o ponto alto da carreira de qualquer pessoa e, depois do grande dia, pensei que as coisas acalmariam. Estranhamente, porém, aconteceu o oposto. A agitação, se alguma coisa, continuou a crescer.

Chegaram notícias extraordinárias da minha terra natal, Grantham, onde os bilhetes tinham acabado de ser postos à venda para um espetáculo numa sala construída exatamente no local onde nasci. One Wong Row, que em chinês significa Campos Frescos. Aparentemente, houve quase um motim. A fila deu a volta completa ao centro de lazer onde eu ia atuar, de tal maneira que o fim se encontrava com o princípio e houve pequenas confusões por causa do número de bilhetes que algumas pessoas podiam comprar. Para cúmulo, os cambistas andavam para cima e para baixo a vender bilhetes a 10 e 15 libras cada um.

Cambistas! Pensei eu, espantada. Parecia um concerto pop. Perplexa, atribuí aquilo ao facto de ser a minha terra natal e provavelmente muita gente estar curiosa para ver no que se tornara a miúda da terra.

Mas notícias ainda mais estranhas vieram da SAGB, a sede em Belgrave Square da Spiritualist Association of Great Britain. Continuo a tentar dar demonstrações lá sempre que posso, tal como fazia nos primeiros tempos quando cheguei a Londres, e nessa semana em particular tinha uma noite livre. No dia em que os bilhetes foram postos à venda, porém, recebi um telefonema desesperado do presidente Tom Johannson.

«Doris, não sei o que hei de fazer», disse ele, com o pânico a crescer na voz. «Passaram a noite a dormir na rua dentro de sacos-cama. Apareceram mil pessoas e eu só tenho lugar para 180 e estão a bloquear tanto os passeios que já tive a polícia aqui.»

Quando finalmente cheguei, o local parecia um campo de refugiados. Havia gente comprimida em todos os cantinhos. Estavam sentadas em caixas no corredor, estavam de pé, espremidas ao longo da parede do fundo, transbordavam até para o palco aos meus pés.

Era uma perspetiva intimidante e, não pela primeira vez, senti-me vagamente assustada. «O que querem eles de mim?», perguntei-me ansiosamente. «O que esperam? Eu não faço milagres.»

Apesar de tudo, foi uma noite feliz. Vieram muitos animais. Trouxemos de volta um cão chamado Barnaby, um gato chamado Doodie e outro gato chamado Candy. A princípio pensei que estavam a falar de uma rapariga, mas não. A Candy afinal era um gato!

Também apareceram dois Andrews nessa noite. O primeiro pertencia a uma família de Wisbech, perto de Cambridge.

«Tenho um jovem chamado Andrew», expliquei, «e tem qualquer coisa a ver com a polícia.»

«Sim», disse o pai, «ele era polícia.»

Depois levantou-se outro homem. «O nosso filho também é Andrew. Temos um Andrew.»

E antes que ele acabasse de falar, o outro Andrew entrou alto e claro e descobriu-se que ele também tinha ligação à polícia. O pai era polícia.

Fiquei tão contente, porque afinal os pais tinham vindo de Cheshire. Saíram de casa às duas da manhã, chegaram a Londres às quatro e juntaram-se à fila.

Estávamos no auge de um inverno muito rigoroso nessa altura e eu reduzira as tournées ao mínimo. Não precisava de ficar parada só porque o tempo estava horrível. Conseguia usar esse tempo para fazer sessões privadas — de crianças sempre que possível — e depressa os casos tristes voltaram a entrar pela minha porta dentro.

Havia qualquer coisa numa carta em particular a pedir uma sessão que me preocupou e pedi ao casal que viesse. Ainda bem que o fiz, porque durante a sessão o filho deles, Alan, disse-me que o passatempo do pai era caçar e que, em momentos de desespero, tinham falado em suicidar-se. O pai tencionava matar a mulher a tiro e depois virar a arma contra si próprio. O Alan, claro, ficou horrorizado com essa ideia. Suplicou-lhes que prometessem nunca mais pensar nisso.

«Diz-lhes que eu estou bem. Estou feliz e estarei lá para os receber quando chegar a hora deles», disse ele. «Mas ainda não é agora. Não devem vir por vontade própria. Têm as suas vidas para viver.»

Depois, o Laurie, que organizara o encontro, recebeu uma carta linda deles com um belo camafeu lá dentro, como prenda para mim.

«A Doris ajudou realmente o Alan e a mim tanto, trazendo o nosso filho de volta para nós», escreveu a mãe. «Foi inacreditável. Ele esteve a falar connosco quase toda a tarde.»

Houve muitas outras histórias semelhantes. Houve o rapaz que sofrera de uma doença no sangue. Duas vezes pensou que a tinha vencido e depois voltou. Tinha apenas dezassete anos, mas não perdera o sentido de humor.

«Diz ao Roger que vi a Sue e que acho que ela é uma graça», disse-me ele com uma piscadela marota.

O Roger era o irmão e a Sue era a nova namorada do Roger. Sabia também que o Roger usava o anel dele, que os pais tinham plantado uma roseira na sepultura e que o velhote da cama do fundo na enfermaria, o velho Walter, já tinha passado para o outro lado e que se tinham encontrado lá.

Depois houve o jovem soldado, com apenas dezanove anos, que morreu na Alemanha quando o veículo militar em que seguia capotou.

«Éramos três», disse ele, desgostoso. «E fui o único que passou para o outro lado. Íamos para casa. Só faltavam quarenta e oito horas entre o acidente e a hora em que devia ter ido para casa.»

No início estivera amargurado, contou-me. Estava noivo, ansioso por casar e depois teve de acontecer isto.

«Agora já me acalmei», disse ele, «mas a princípio estava zangado. Pensava: porque tinha de acontecer comigo?»

Depois veio a Sarah, uma hospedeira de bordo que desceu fundo demais quando fazia mergulho com garrafa. Veio colocar-se ao lado da mãe enquanto falávamos e vi que era a rapariga mais linda, com cabelo louro comprido virado para dentro e olhos enormes.

«Sim, eu era atraente e sabia disso», disse ela. «Foi culpa da minha estupidez. Sempre fui uma temerária. Tinha sempre de fazer melhor do que os outros.»

Esforçou-se por dar-me uma impressão do que acontecera. De repente havia água à minha volta toda e ela estava a pôr-me qualquer coisa no nariz. Tive a impressão de nadar à volta a olhar para coisas, depois ouvi um som retumbante nos ouvidos e mais nada.

«Sim, ela veio à superfície demasiado depressa e ficou incoerente», disse a mãe. «Estava a tentar arrancar a máscara. O amigo tentou puxá-la para o barco, mas ela era demasiado pesada e estava a afogá-lo. Ele largou-a e ela deslizou do recife.»

Mas a Sarah também ainda conseguia rir-se de si própria.

«Acabara de mandar fazer todo o trabalho dentário. Tinha coroas em todos os dentes. Se soubesse que isto ia acontecer, tinha poupado o dinheiro. Custou-me uma fortuna!»

Depois, a mãe da Sarah confessou que vivera com o medo de perder um filho durante muito tempo.

«Sempre soube que ia perder um deles», disse ela. «Ficava a pensar que era uma maldade pensar assim, mas de alguma forma eu sabia. E pensava: se tiver de acontecer, que seja rápido.»

Pois, foi muito rápido. A Sarah estava a divertir-se, de repente perdeu os sentidos e não soube mais nada até acordar do outro lado. Esse foi um pequeno conforto que pude oferecer à pobre mãe.

A Sarah não sofreu nada.

Depois de sessões como estas é difícil não nos sentirmos tristes. Quando conhecemos os pais enlutados e falamos com os jovens, crianças lindas todas elas, é difícil não sentir uma sensação de desperdício. No entanto, sei que, por mais novos que fossem, cumpriram o seu tempo na Terra e agora estão felizes e realizados em novas vidas do outro lado.

Não devemos chorar por eles porque nada mais os pode magoar.

CAPÍTULO 8

Estavam a fazer um esforço valente na agência imobiliária. Havia um grande painel pregado na montra e as filas direitas de fotografias de casas à venda tinham sido retiradas, mas o nome da loja ainda se via em letras grandes lá no topo e dentro era tudo como habitualmente.

Situada numa zona suburbana confortável, entre quiosques e mercearias, poder-se-ia pensar que o dono, a fazer bons negócios, estava simplesmente a mandar arranjar o espaço. Na verdade, esta agência imobiliária de aspeto normal, aparentemente igual a qualquer outra, tinha fama de ser assombrada.

Uma série de acontecimentos perturbadores tinham preocupado o pessoal e os estranhos fenómenos já tinham atraído a atenção do jornal local.

Pelo que consegui perceber, houvera uma sucessão de acidentes invulgares, intercalados por incidentes pequenos mas inexplicáveis. Primeiro, durante um período em que a eletricidade estava cortada, vieram operários instalar aquecedores a gás móveis e, num acidente bizarro, um dos cilindros de gás explodiu, ferindo um dos homens. Pouco depois rebentou um cano de água, inundando a loja e, mal a secaram, houve uma grande confusão lá fora e um carro atravessou a estrada a alta velocidade, subiu o passeio e embateu diretamente na montra da agência, falhando o dono por centímetros.

Como se isto não bastasse, coisas menos dramáticas mas igualmente preocupantes aconteciam quase todos os dias. Havia uma divisão nos fundos da loja onde se sentia uma atmosfera muito marcada — quase como se uma presença invisível estivesse a observar — e o cão de um dos funcionários recusava-se terminantemente a entrar naquela divisão.

Um dia a dona estava sentada ali a tentar trabalhar quando a estranha atmosfera começou de repente a intensificar-se à sua volta. Ignorou-a o mais que pôde, mas no fim tornou-se tão opressiva que teve de sair a correr da divisão e bater com a porta. Ficou tão abalada com a experiência que não conseguiu voltar a atravessar a soleira até ao dia seguinte.

Na parte da frente da loja, os objetos eram frequentemente mudados de lugar, a placa de «fechado» na porta principal era muitas vezes misteriosamente virada para «aberto» quando a loja estava fechada e, numa manhã, o pessoal entrou e encontrou um tijolo mesmo no meio do chão. Não estava lá quando fecharam na noite anterior, ninguém mais tinha

entrado na loja e não havia sinais de arrombamento e, no entanto, de alguma forma, o tijolo aparecera no centro da alcatifa.

Era o tipo de história que os jornais adoram publicar e os leitores adoram ler, mas não era nada fascinante para as pessoas envolvidas. Quando a Thames News descobriu e decidiu que poderia ser um item engraçado para o programa da hora do chá, as pessoas da loja começavam a sentir-se desesperadas. Sobretudo queriam saber o que se estava a passar.

A primeira vez que ouvi falar do caso foi às duas da tarde, quando a Thames News ligou a perguntar se eu podia fazer um trabalho urgente para eles.

«Bem, quando tinham pensado?», perguntei, hesitante. O fotógrafo da editora tinha chegado e estávamos a meio das fotografias para a capa do meu novo livro.

«Já, já», disseram eles. «Mandamos um carro buscar-te.»

«Desculpem, mas acho que não posso.» Expliquei: «Tenho o fotógrafo aqui e estamos a fazer uma sessão fotográfica.»

Houve uma troca apressada do outro lado da linha e depois a assistente de produção voltou. «Quanto tempo mais vão demorar?»

«Não sei, espera um segundo, vou perguntar.» Tapei o bocal com a mão: «Quanto tempo mais falta?», gritei para o fotógrafo.

Já estava a demorar mais do que eu pensava porque tive de mudar de roupa. Tinha-me esforçado tanto para ficar bonita. Pus um vestido novo azul-marinho às pintas, meias azul-marinho e sapatos azul-marinho e achava que estava maravilhosa, uma verdadeira Millie moderna. E a primeira coisa que o fotógrafo disse quando abri a porta foi: «Oh. Não tens nada mais claro?»

Por isso subimos todos as escadas e revistámos o guarda-roupa e ele escolheu um vestido cor-de-rosa velho que já usei dezenas de vezes! Adeus Millie moderna!

Enfim, quando já me tinha mudado e arranjado outra vez o cabelo, já podíamos ter gasto um rolo inteiro de filme.

Felizmente o fotógrafo era uma pessoa bem-disposta e não se importou de ser apressado. «Como és tu, Doris, fazemos isto numa hora», prometeu ele.

Disse à televisão para virem buscar-nos logo depois das três e voámos pelas fotografias; depois subi a correr para me mudar outra vez, porque o fotógrafo me pusera um vestido comprido e os telespectadores poderiam

achar estranho ver-me a andar aos saltos por uma agência imobiliária de vestido de noite à hora do chá.

A essa altura já me sentia decididamente sem fôlego. O que eu não sabia era que o estranho azar que afetava a agência imobiliária já se tinha estendido à própria reportagem da televisão. E se acham que «azar» é palavra demasiado forte, vejam o que aconteceu.

Primeiro, o motorista que a empresa usava estava em casa em Essex quando o telefonema chegou e demorou algum tempo a chegar até nós. Quando chegou, o trânsito da hora de ponta já estava a engrossar e à nossa frente tínhamos um dos piores percursos que se podem fazer em Londres. Moro no sudeste de Londres e a loja ficava no noroeste e a separar-nos estava uma cidade inteira de ruas engarrafadas, cheias de fumo dos escapes, onde os carros avançavam a passo de caracol. Não admira que a viagem parecesse durar horas e, quando chegámos, o produtor já estava bastante ansioso com as hipóteses de terminar a tempo para o programa dessa noite.

«Não gosto de te apressar, Doris», disse ele, «mas precisamos mesmo de começar a filmar já.»

«Tudo bem, querido. Comecem e eu faço o meu melhor.»

Mas as câmaras mal tinham começado a rodar quando pararam outra vez.

«Desculpa, Doris. As baterias do som descarregaram.»

Fizemos uma pausa enquanto trocavam as baterias e depois arrancámos de novo, mas minutos depois aconteceu exatamente o mesmo. A essa altura o produtor estava silenciosamente desesperado. A situação era praticamente inédita, disse-me ele enquanto corria a telefonar para os estúdios para mandarem baterias novas por estafeta.

No total, três conjuntos de baterias descarregaram antes de conseguirmos começar a filmar e depois a equipa anunciou que acabavam às seis e meia e iam para casa. Pensei que o pobre produtor ia ter um ataque, mas em vez disso pareceu resignado.

«Bem, já não apanhamos o noticiário», disse ele. «Não vale a pena entrar em pânico.»

Sentámo-nos à espera que chegasse a nova equipa, mas quando chegaram, o nosso motorista, que tinha ficado por ali durante todos os desastres, de repente disse-nos que tinha um encontro e não podia esperar mais. Foi-se embora. Entrou no carro, acelerou rua acima e foi a última vez

que o vimos. O John e eu olhámos um para o outro e desatámos a rir. Ou víamos o lado cómico ou enlouquecíamos.

Felizmente a sessão correu melhor do que as filmagens. Quando chegámos, a dona levou-me à divisão onde a atmosfera por vezes era opressiva. Acreditava que o problema vinha dali e senti que provavelmente tinha razão. Andei cuidadosamente à volta, à procura de uma presença. Isto deve parecer bastante estranho a quem não percebe o que estou a fazer, mas na verdade conseguimos detetar se há uma entidade presente pelo ponto frio. É um lugar numa divisão que, sendo quente, está gelado sem motivo aparente. É um frio estranho que sobe do chão e nos gela até aos ossos. Depois de o sentirmos uma vez, nunca mais confundimos um ponto frio com uma corrente de ar normal. A sensação é completamente diferente.

Pois, andei à volta, percorrendo cada centímetro daquela divisão e nada aconteceu. O calor estava uniformemente distribuído pelo chão.

«Ele não está aqui neste momento», disse eu por fim, mas afinal tínhamos tempo de sobra.

Quando as filmagens finalmente começaram, voltei à divisão e desta vez senti-o logo. Ao passar pela secretária, um jato de ar gelado subiu de repente do chão, gelando-me todo o lado direito. Parei e, quando o fiz, a divisão mudou, rodopiou diante dos meus olhos e de alguma forma reorganizou-se. A secretária era diferente. Vi um ditafone, dois telefones e uma bandeja de entrada em cima e, ao lado, uma grande cadeira giratória.

«Era assim que era quando era o meu escritório», disse uma voz de homem.

A imagem manteve-se mais um momento e depois dissolveu-se e eu estava de volta com a equipa de filmagem. Descrevi o que tinha visto e a nova dona soltou um suspiro.

«É verdade. Temos uma fotografia assim», disse ela.

Estávamos no bom caminho. O homem queria falar. Aparentemente, tinha dirigido a agência imobiliária alguns anos antes e metera-se numa grande alhada. Acabou por se suicidar.

«Fui para a garagem e fi-lo no carro», disse ele.

Agora a sua principal preocupação era com a mulher. Não eram casados há muito tempo e queria que a mulher soubesse como lamentava a infelicidade que lhe causara.

«Havia duas crianças», disse ele, «a minha mulher tinha uma e eu tinha outra. Receio tê-la tratado bastante mal porque estava preocupado.»

Admitiu que andava a mexer nas coisas da loja porque tentava chamar a atenção. Queria avisar a nova dona de um possível problema no negócio e, acima de tudo, queria que uma mensagem fosse transmitida à mulher. Podiam comprar-lhe flores como prova do seu amor e dizer-lhe que lamentava?

Como prova adicional de que realmente fora um dos antigos donos da loja, disse-me que guardava as chaves num lugar muito invulgar.

«Pois guardava», disse a nova dona, «guardava-as atrás do radiador.»

A única coisa que ele não fez, no entanto, foi assumir responsabilidade pelos acidentes que atormentavam a loja. Eram simplesmente acidentes, insistiu ele, e o facto de terem sido tantos era uma infeliz coincidência.

«E quanto ao último, o carro que entrou pela montra, vou contar-vos o que aconteceu. A mulher estava a encostar à berma, foi pôr o pé no travão e carregou no acelerador. Perdeu o controlo do carro e ele atravessou o passeio e entrou diretamente pela montra. Mas não me culpem a mim. Eu não faria uma coisa dessas. Alguém poderia ter morrido.»

No fim da nossa conversa, o homem parecia muito mais feliz. Prometemos que a mensagem chegaria à mulher e ele disse que deixaria a loja em paz.

Finalmente as filmagens terminaram. Já tínhamos perdido há muito o noticiário da noite, mas o produtor disse que guardariam a reportagem e a usariam noutra noite. Fora um dia muito longo. Quando chegámos a casa eram nove horas e eu ainda nem tinha começado o jantar. Só esperava ter sido de alguma ajuda na agência imobiliária, porque uma médium nem sempre consegue pôr fim a estas «assombrações». Não posso obrigar uma pessoa do espírito a fazer algo contra a sua vontade. Só consigo descobrir o que a atormenta, tentar resolver e esforçar-me por a convencer de que está na hora de aceitar que a sua vida terrena acabou e que é tempo de avançar para coisas mais elevadas. Mas as pessoas do espírito não são obrigadas a seguir o meu conselho mais do que as pessoas cá o são.

As pessoas têm ideias muito engraçadas sobre «fantasmas» e «assombrações». Na verdade, os «fantasmas» nunca «assombram» um lugar para assustar as pessoas — pelo menos nunca encontrei nenhum assim. Tendem a agarrar-se a lugares que conheceram ou porque se recusam a aceitar que a vida terrena terminou ou porque estão

desesperadamente a tentar comunicar com alguém e não descansam enquanto não o conseguirem. Raramente andam por aí sem motivo.

Uma das assombrações mais extraordinárias e comoventes com que me deparei nos últimos anos foi-me trazida pelo jornalista Michael Hellicar. Ele escrevera um artigo sobre a vida depois da morte para o Daily Mirror e depois um dos leitores ligou-lhe em desespero. Este pobre homem pensava que estava a enlouquecer porque continuava a ver a mulher que morrera apenas alguns dias antes. O Michael telefonou-me a perguntar se eu podia ajudar a salvar a sanidade dele.

Fiz uma sessão e lembro-me de que captei a mulher muito facilmente porque ela andava mesmo colada ao marido angustiado. Pareceu correr bem, mas, para mim, não havia nada de particularmente notável no caso. Era uma história trágica, mas infelizmente ouço tantas semelhantes hoje em dia. Só muito depois soube toda a história pelo Michael Hellicar e aí percebi que tinha estado envolvida em algo muito invulgar. Deixo que o Michael vos explique como me explicou a mim.

Michael Hellicar: «Tive uma grande resposta ao meu artigo sobre a vida depois da morte, mas a mais estranha de todas foi um telefonema de um homem cuja mulher se suicidara na semana anterior, atirando-se do topo de um prédio perto de casa. Aparentemente a morte dela não foi totalmente inesperada porque ela tinha um historial de doença mental, mas tinha apenas vinte e sete anos, deixara uma família jovem e ele estava muito perturbado.

A razão por que me telefonava era que temia estar a enlouquecer. Aparentemente, depois de falar com a polícia, identificar o corpo e passar por todas as formalidades macabras, foi para casa, entrou na casa de banho e lá estava ela. Sólida e real, com o vestido de que ele gostava e o perfume habitual. Ele estendeu a mão e tocou-lhe e a mão não atravessou. A carne era quente e real e, mais ainda, ela falou com ele. Disse como lamentava o que fizera, mas que não conseguia explicar porquê. Depois continuou a dar-lhe conselhos sobre como criar os filhos.

O homem ficou completamente confuso. Os sentidos diziam-lhe uma coisa e a mente dizia-lhe que não era possível. Poderia ter acontecido mesmo ou estaria louco?

Agora tenho de admitir que, nesse ponto, pensei que ele tivesse ficado temporariamente perturbado pelo desgosto. Mas sou jornalista há 30 anos e já consigo distinguir se estou a falar com um maluco ou não. O estranho era

que este homem parecia completamente são. E, à medida que continuava a contar a história, ela tornava-se mais estranha e, ao mesmo tempo, estranhamente mais plausível.

No dia seguinte acordou convencido de que tinha sonhado tudo e que o desgosto tornara o sonho particularmente vívido. Pôs isso de lado e saiu para dar a notícia à família. No caminho, porém, encontrou uma vizinha e parou para lhe dizer que a mulher morrera na manhã anterior.

«Oh não», disse a vizinha, depois de superar o choque, «não pode ter sido de manhã. Deve estar enganado. Eu vi-a à janela ontem à tarde, à espera que chegasses, como fazia sempre.»

Perplexo, o homem garantiu-lhe que a mulher morrera definitivamente de manhã. Mais tarde, em casa dos pais, estava sentado à mesa a dar a terrível notícia quando viu o irmão mais novo passar pela janela. O irmão acenou e, minutos depois, pôs a cabeça à porta.

«Olá», disse ele. «Onde está a Jan?»

Todos se encolheram e os pais disseram-lhe suavemente que a Jan estava morta.

«Não digam disparates», respondeu ele, «acabei de a ver sentada convosco quando olhei pela janela», e descreveu o vestido que ela trazia. Era o vestido que ela usava na casa de banho na noite anterior.

Mais confuso do que nunca, o marido foi para casa e encontrou a casa cheia do perfume da mulher e o cão recusava-se a subir as escadas. Entrou na casa de banho e lá estava ela outra vez. Desta vez suplicou-lhe que não ficasse a remoer o motivo por que o fizera, mas que continuasse com a vida e voltasse a casar.

Pouco depois o telefone tocou. Eram os sogros.

«Não vais acreditar», disseram eles, «mas vimos a Jan ontem à noite. Veio a casa e meio que derreteu através da parede.»

Foi nesta fase que o homem me telefonou. Depois de ler o meu artigo, pensou que eu devia ser especialista nestas coisas. Estaria a perder o juízo, queria saber, e, se não estava, o que tinha acontecido à mulher? Não gostava de pensar nela apenas a flutuar por aí.

Bem, encontrei-me com ele e fiquei muito impressionada com o quão direto e normal ele parecia. A história era incrível, mas ele não parecia desequilibrado nem a mentir. O único problema era que eu não conseguia responder às perguntas dele e sentia que, se a situação continuasse muito mais tempo, ele teria um colapso com a tensão. No fim, liguei à Doris e

perguntei se podia ajudar. Não lhe dei os pormenores. Disse apenas que este homem perdera a mulher e pensava tê-la visto depois da morte dela…»

Pois, embora não tivesse ouvido esta história extraordinária, era bastante óbvio que a mulher deste homem estava ansiosa por falar com ele. Ela apareceu no momento em que entrei em sintonia e disse-me que se chamava Jan e que se atirara de um telhado.

«Ele tem toda a razão quando sente que estou perto dele», disse ela. «Ontem à noite ele foi muito desajeitado e partiu um bule e hoje saiu e comprou outro. É um amarelo bonito. Gosto dele.»

O marido espantado confirmou que era completamente verdade.

A Jan continuou a dizer que se sentia melhor agora do que quando passara para o outro lado. Ainda estava cheia de culpa por abandonar a família, mas sentia-se mais aliviada na mente.

«A princípio não queria contar-lhe por que o fiz. Não queria causar problemas», disse ela, «mas agora sei que ele precisa de saber e não descansará enquanto não descobrir.»

E continuou a explicar que houvera uma discussão com a mãe e a irmã. Aparentemente, no calor do momento, elas disseram-lhe que ela não estava a educar bem os filhos porque estava sempre a entrar e a sair de hospitais psiquiátricos.

«Eles ficariam melhor sem ti», tinham dito. E a Jan, no seu estado perturbado, saiu no dia seguinte e atirou-se de um telhado.

«Mas por favor não as culpes», suplicou ao marido. «Não foi culpa delas. Eu estava doente da cabeça. Teria feito isso mais cedo ou mais tarde de qualquer maneira.»

Deu muitos nomes da família, agradeceu ao marido por lhe ter tirado os brincos com que morrera e pôr os seus preferidos e, finalmente, mencionou uma pequena surpresa que andava a planear.

«Tinha poupado 15 libras para levar as crianças à praia como prenda», disse ela, «está escondido debaixo de uma almofada no armário por cima do roupeiro. Por favor dá-lhes um bom dia com o meu amor.»

O marido prometeu que, se encontrasse o dinheiro, o faria. A essa altura a energia estava a enfraquecer. Poucas pessoas se dão conta de que é tão difícil e cansativo para as pessoas do espírito contactar uma médium como é para uma médium contactá-las, especialmente quando a pessoa do espírito passou para o outro lado há pouco tempo. A Jan estava a ficar muito cansada e a voz dela esmoreceu.

«Diz-lhe para não se sentir culpado se conhecer outra pessoa», disse ela. «Quero que ele seja feliz», e depois desapareceu.

A sessão terminou. O Michael e o marido ficaram mais um pouco a tomar café e fiquei contente por ver que o homem parecia muito mais feliz.

«Então não estou a enlouquecer, Doris», disse ele, «vi-a mesmo?»

«Tenho a certeza que sim, querido», respondi-lhe eu, «ela está muito perto de ti. Só está o velho casaco dela naquele caixão.»

E claro que não é invulgar as pessoas verem entes queridos que passaram para o outro lado. Depende do quão psíquicas são e do quanto se esforçam. As crianças são mais psíquicas do que os adultos e veem pessoas do espírito muito mais frequentemente, mas ou não dizem nada por medo de gozo ou os pais não acreditam nelas. Quanto aos adultos, tenho a certeza de que não é coincidência vermo-los quando menos esperamos.

Vezes sem conta, mães ou viúvas enlutadas dizem-me que tentam ver o marido ou o filho mas nada acontece. Só posso concluir que não funciona quando nos esforçamos demasiado. Talvez a mente consciente inunde a parte psíquica e afogue quaisquer mensagens psíquicas que lutem por chegar. Sei que, quando me esforço desesperadamente por fazer bem o meu trabalho, muitas vezes fico desapontada com os resultados e, no entanto, outras vezes, quando a minha mente não está totalmente concentrada por algum motivo, se não me sinto muito bem ou estou a pensar noutra coisa — fico espantada com o quão claramente as mensagens chegam.

Enfim, o Michael Hellicar e o leitor dele acabaram por se ir embora e foi a última vez que pensei no assunto. O Michael Hellicar, porém, ficara muito interessado no caso. Deu boleia ao marido até casa e, por curiosidade, entrou com ele para ver se a mensagem que eu dera sobre o dinheiro escondido no roupeiro era correta.

«Fomos para o quarto e vi que havia uma unidade de ligação entre dois roupeiros», contou-me o Michael. «O marido abriu a unidade e lá dentro estava uma almofada. Levantou a almofada e por baixo estavam 15 libras tal como tu disseste. Foi espantoso.

Mas não foi bem o fim da história. Algumas semanas depois liguei-lhe outra vez para ver se a sessão tinha resolvido o problema. Ele parecia muito melhor.

Aparentemente, depois da sessão, encontrara um bilhete escrito pela mulher na mesa de toilette, mas que não estava lá antes. Dizia: «Desculpa, mas agora pelo menos compreendes.»

E desde então ela não voltara e o cão já subia as escadas sem problema.

«Agora estou bastante feliz», disse ele. «Sei que a minha mulher está bem e que quer que eu continue com a minha vida.»

E, tanto quanto sabemos, foi exatamente o que ele fez.

CAPÍTULO 9

«Doris», disse a mulher ao microfone, «pode ajudar-me?»

Era a hora das perguntas nos Fairfield Halls, em Croydon, e ela esperara pacientemente pela sua vez na fila. Uma mulherzinha frágil, mas mantinha a cabeça erguida e falou com coragem.

«Vivo em agonia porque sei que não me resta muito tempo neste mundo. Não tenho medo da morte, mas tenho medo de esperar por ela», parou e engoliu em seco. «E… e não quero deixar a minha família.»

O meu coração foi ao encontro dela. Pobre mulher. Tinha cancro, disso tinha a certeza, e eu sabia como devia estar a sofrer. Já passei por isso. Até agora tive sorte, mas já tive um vislumbre do que deve ser para aquelas pobres almas que a medicina moderna não consegue ajudar. O que podia eu dizer, em apenas alguns momentos, para a confortar?

«Bem, querida», disse eu suavemente, «não pode levar a família consigo, pois não? Mas lembre-se de que está apenas a passar para a divisão ao lado. Está apenas a um sussurro de distância. Para mim a morte não é nada que deva assustar. Não quero ir já, admito, porque acabei de ter a minha casa e gostaria de ter tempo para a desfrutar. Seria mesmo o meu género bater as botas justamente quando tudo está a correr bem!»

O ambiente aligeirou e a mulher sorriu.

«Mas a sério, a morte é uma grande aventura», continuei, «só espero que não tenha dores… Além disso, como sabe quanto tempo tem? Os milagres acontecem. Até chegar a hora, eu não acredito que vá. Porque não entra para o nosso Clube do Que Se Lixe? Sempre que vou fazer exames digo que se lixe, não vou ter nada!»

Pouco a pouco a tensão saiu da mulher e, passados alguns minutos, já estava a rir. Depois pedi ao Laurie que lhe desse o meu número de telefone para ela me ligar sempre que se sentisse em baixo, em busca de apoio moral, e foi assim que cheguei a conhecer bastante bem a Ros. Descobriu-se que íamos as duas para o hospital fazer exames ao mesmo tempo e

depois liguei-lhe para saber como correra. Foram más notícias. O cancro tinha-se espalhado e parecia não haver muita esperança.

«E tu, Doris», perguntou ela, «já tens os teus resultados?»

E as palavras ficaram-me presas na garganta. Como podia dizer-lhe que eu estava bem depois de ela ter tido tão má sorte.

«Ros, não sei como dizê-lo. Sinto-me péssima depois das tuas notícias. Mas eu tive alta.»

«Oh Doris, que bom», disse ela calorosamente e o alívio na voz dela foi tão sincero que me vieram lágrimas aos olhos. Apesar do seu próprio tumulto e tragédia, ainda conseguia alegrar-se por mim.

Era uma senhora tão corajosa. Nessa manhã, disse ela, tinha estado a falar com o jovem limpa-vidros cuja mulher o abandonara, deixando-o com um filho de três anos.

«Doris, pensei o que é que o mundo tem», disse ela. «Aquela rapariga com tudo por que viver, um marido simpático e uma criança pequena e vai-se embora e deixa-os. E cá estamos nós, uma família tão unida e sou eu que sou obrigada a deixá-los.»

E no entanto, ainda conseguia sentir pelo rapaz e compadecer-se da infelicidade dele. É o que acontece quando nos aproximamos do mundo espiritual. Parece que encontramos aceitação do nosso próprio destino e uma nova compreensão e compaixão pelos outros.

Não sabia o que podia fazer para ajudar a Ros, por isso no fim mandei-lhe um poema que me tinham enviado, na esperança de que lhe desse força:

Ele Anda Pelas Enfermarias

Se Cristo voltasse a este mundo
Sentar-Se-ia com os que sofrem?
Andaria pelos hospitais à noite
Com passos tão leves e suaves
Pararia junto a cada cama e rezaria
Na esperança de te ouvir dizer:
«A minha dor é mais fácil de suportar,
Cristo Agora que sei que estás aqui.»
Pois Cristo está lá, meu amigo, contigo
Anda pela enfermaria toda a noite

Para junto a cada cama para rezar
Por isso, se puderes, peço-te que digas
Que a tua dor é mais fácil de suportar
Porque sabes que Ele está lá.
Achas que
Aquele que tanto sofreu
Ficaria de lado e te deixaria passar
Por todas essas horas que já passaste
Cheio de dores e fraco, mas agarrado
À vida com toda a tua coragem?
Cristo está sempre lá.
Ele sabe a luta que travaste
Só Ele pode medir o teu coração
Ele sabe aqueles momentos em que sentes
Que nada além da tua dor é real
Ele sabe e estende-te as mãos
Para te agarrares até passares.
Por isso não desistas, és tão importante
Nunca penses que estás desligado
Da vida e de toda a gente lá fora
Porque nenhum deles está satisfeito
Se não puderem também contigo dizer
Cristo passou hoje pela minha vida.
E na tua enfermaria e junto à tua cama
Essas palavras são muito verdadeiras
Porque Cristo estará sempre perto
De todos os que vivem perto de uma lágrima
E Ele secará os teus olhos e dar-te-á a
Sua Força Para que possas viver no
Seu Coração
E vivendo lá farás a tua dor muito menor de suportar.

Faz-me chorar ler esse poema.

Acho-o tão lindo.

Aliás, mandam-me muitos poemas maravilhosos.

As pessoas mais inarticuladas são de repente tocadas pelo mundo espiritual e as palavras jorram delas.

Aqui estão alguns dos meus favoritos:

Mãe Sempre nos vigiavas
Ansiosa se nos atrasávamos
No inverno junto à janela
No verão junto ao portão.
E embora te gozássemos com ternura
Tu que tinhas tanto cuidado amoroso
O longo caminho para casa parecia mais seguro
Porque ela lá esperava.
Os seus pensamentos eram todos para nós
Nunca conseguia esquecer
E por isso penso que onde ela está
Ainda deve estar à espera
À espera que cheguemos até ela
Ansiosa se nos atrasarmos
A espreitar da janela do
Céu Apoiada no portão do Céu.
Idade A idade é uma qualidade da mente
Se deixaste os teus sonhos para trás
Se a esperança está fria
Se já não fazes planos para o futuro
Se todas as tuas ambições morreram
Então és velho. Mas se fazes da vida o melhor
E na tua vida ainda tens entusiasmo
Se guardas o amor
Não importa quantos anos passem
Não importa quantos aniversários voem
Não és velho.
Não parece ter sido há tanto tempo
Que viemos dizer adeus
Pegámos na tua mão e beijámos o teu rosto
E chorámos em silêncio.
Parecias tão sereno ali deitado
Era difícil perceber
Que quando nos deixaste aqui na
Terra Simplesmente fechaste os olhos.
Por isso, se é verdade o que as pessoas dizem
Não temos motivo para temer

Porque Deus te pegará pela mão
E te guardará sempre perto.
Não desejaríamos que ficasses
A sofrer dia após dia
Por isso quando Deus pegou na tua mão
Foi como se dissesse
Não precisas de sofrer mais
Vamos embora em silêncio.

Sr.ª Blanche Lloyd

Manda-os para a Cama com um Beijo
Para as mães tantas vezes desanimadas
Esgotadas pelos trabalhos do dia
Muitas vezes ficais cansadas, zangadas e impacientes
Queixai-vos do barulho e da brincadeira
Porque a brincadeira traz tantas contrariedades
Mas mães, seja o que for que vos irrite
Mandai as crianças para a cama com um beijo.
Os pezinhos queridos muitas vezes se afastam
Talvez do caminho certo
As mãozinhas queridas encontram novas travessuras
Para vos pôr à prova da manhã à noite
Mas pensai nas mães desoladas
Que dariam o mundo inteiro pela vossa felicidade
E como agradecimento pela bênção infinita
Mandai as crianças para a cama com um beijo.
Porque um dia o barulho já não vos irritará
O silêncio vos magoará muito mais
Havereis de ter saudades das doces vozes infantis
De um rostinho doce à vossa porta
E para apertar um rosto de criança contra o peito
Daríeis o mundo inteiro só por isso
Pelo conforto que vos trará na tristeza
Mandai as crianças para a cama com um beijo.
Poema do Shado Tão pequeno era, tão gordo e redondo
A barriga quase tocava o chão

Cabia na minha mão com espaço de sobra
Olhava-me com olhos castanhos tão atentos
Avaliou-me e adotou-me, este cachorrinho especial.
Cresceu em tamanho e em sabedoria
Sempre à procura de coisas para fazer
As crianças eram os seus bebés especiais
Ninguém se atrevia a tocar-lhes, eram dele
Amor e lambidelas e sempre um beijo.
O futebol era o seu grande amor
Fosse na praia, na relva ou na televisão
Ele sabia tudo, mas ai o árbitro
Nunca sabia o escândalo que causava
Quando seguravam a bola mais do que um instante!
Sabia que o papá estava doente e cansado
Por isso montava guarda ao seu lado
Aqueles olhos castanhos sábios, muito mais do que nós
Que esperávamos o inevitável.
Ficou comigo todo o tempo
Que se arrastou interminavelmente
Depois, de repente, precisou de descansar
Chegara a sua hora, meu amigo especial
Merecia o melhor. Ainda o vejo agora naquela planície linda
Bocejará e espreguiçar-se-á, sem mais dores
Aquela voz tão amada lhe dirá
«Muito bem, meu filho — onde está o rapaz do papá?»
Desfruta da tua nova vida, meu lindo rapaz.
Vai passear, jogar com o papá amado.
Deste tanto amor a toda a gente.
Para ti o melhor ainda está para vir.
Quando o meu tempo de andar por aí acabar
O meu coração ficará tão feliz ao descobrir.
Vocês os dois à minha espera —
Um a abanar o rabo, o outro encostado ao portão!

Os meus lindos poemas podem não ser dignos de Shakespeare, mas fazem-me chorar na mesma.

Dá para ver que cada um foi escrito do coração e brotou do sofrimento e da coragem da experiência pessoal.

O Poema do Shado veio acompanhado por uma carta comovente da Cathie Cluff:

Cara Doris, Obrigada por todo o conforto que os teus livros me trouxeram desde que o meu amado marido David passou para o outro lado no ano passado. Fui uma das muitas que tiveram a sorte de ter um contacto através de ti no Usher Hall em novembro de 1984. O David foi o descarado, do Comando de Bombardeiros da RAF. Ficaste confusa com a ligação ao Guy Gibson até eu explicar que o David voara naquela esquadrilha. Como disseste: «Eu era o motorista do Guy Gibson, por isso sei que não tens ligação com ele — mas há uma ligação!» Tinhas toda a razão. Logo a seguir disseste «Lancasters».

Bem, Doris, sei que às vezes gostas de poemas, por isso espero que gostes deste. Vês, o Shado adorava o David, nunca saía do lado dele no fim e ficou desolado quando o David partiu. Tive de chamar o veterinário para ele. O veterinário para o cão e o médico para mim — podes imaginar como foi! Estive convencida de que o Shado ficou comigo este último ano para me ajudar também, aliás, manteve-me sã. Os anos de cuidar dele estavam a cobrar o preço.

Em janeiro deste ano o Shado estava a dizer-me que a hora dele chegara. A artrite afetara-lhe gravemente os quartos traseiros. Por isso também lá estive quando o Shado partiu. Coisa estranha, Doris, não me perguntes como, mas sei que o David e o Shado estão juntos outra vez. Fazem companhia um ao outro e, nesse sentido, dois dias depois de o Shado morrer, dei por mim a escrever o Poema do Shado. Pensei que gostasses de o ver. Espero que o John esteja bem de saúde. Compreendo o inferno por que passou em Arnhem. Com amor Cathie Cluff Edimburgo.

As pessoas que troçam dizendo que um animal de estimação é «só um animal» claramente não fazem ideia do quanto de conforto e amor eles trazem, e de quanta dor sentem os donos quando partem. Acho que muitos leitores ficaram surpreendidos ao descobrir nos meus livros anteriores que os animais também continuam a viver, porque recebo muitas cartas sobre este assunto.

Chatham, Kent

Cara Sr.ª. Stokes, Deram-me recentemente um dos teus livros — Uma Multidão de Vozes — depois da morte do meu cão há três semanas. Embora fosse só um animal, para mim era mais um membro da família — quase um filho, e foi uma grande perda quando tive de o mandar adormecer

por causa de um cancro na garganta. Ler o teu livro deu-me um grande conforto, não só por esta perda mas também pela perda de um amigo muito querido que se suicidou no ano passado — e por outras mortes com que certamente me hei de deparar no futuro. Sinto-me agora confiante de que um dia os voltarei a ver aos dois e que, entretanto, o meu cão tem todos os campos que poderia desejar para correr.

Continuo a dizer boa noite todas as noites porque, depois de ler o teu livro, sei que ele ainda anda por perto. Mais uma vez, muito obrigada pela ajuda e conforto nos teus livros. Percebo que a minha dor deve ser pequena comparada com a perda da maioria das pessoas, mas fico contente por ter encontrado a oportunidade de descobrir o Espiritualismo. Boa sorte no teu trabalho e que Deus te abençoe.

Sr.ª B. Edwards.

Matlock, Derbyshire Cara Sr.ª. Stokes, Uma pequena nota para te dizer um grande obrigada. Fui ao City Hall, em Sheffield, no dia 27 de novembro do ano passado com muitos amigos, e mudaste completamente a minha vida. No dia 4 de março o nosso querido Rupert (mistura de fox terrier com poodle) passou para o outro lado. Só agradeço a Deus que, embora tivesse quase 15 anos, teve uma vida maravilhosa e com qualidade. Era muito amado e tenho tantas saudades de o abraçar e aconchegar. Ele adorava aconchegos. Sei que está apenas a um sussurro de distância. Com os meus sinceros cumprimentos

Sr.ª V. Kembery

Ela tem toda a razão, claro. Os nossos animais de estimação continuam a viver e isso foi-me provado outra vez há apenas duas semanas. Já falei do Patrick que fez o bolo de anos lindo para mim e depois cozinhou o meu jantar de Natal — bem, o Patrick e eu tornámo-nos grandes amigos. Ele aparece regularmente e, quando aparece, traz sempre uma pequena prenda — uma planta para o jardim ou flores para as minhas crianças do espírito ou, às vezes, outro bolo.

«Patrick, não precisas de te sentir obrigado a trazer alguma coisa todas as vezes que vens, querido», disse eu depois de uma série de prendas. «É só bom ver-te.» Mas ele insiste que lhe dá prazer. Perdeu a mãe há pouco tempo e gosta de pensar em mim como uma mãe substituta. Enfim, num sábado em particular, enquanto ele me visitava, a mãe dele apareceu com uma notícia que ia ser difícil de dar.

Aparentemente, a adorada cadela do Patrick, a Sally, estava prestes a passar para o outro lado. Ai meu Deus, pensei. Como vou contar-lhe isso. Ele ama aquela cadela como se fosse uma filha. «Patrick, querido», disse eu suavemente, «tens de ser muito corajoso. A tua mãe acabou de aparecer e disse-me que está à espera para receber a Sally no mundo espiritual.» O sangue sumiu-se da cara do Patrick. «Oh não, seguramente não. Ela não parece assim tão mal.» A Sally tinha, afinal, dezasseis anos e meio e a saúde era variável. «Lamento, Pat, mas foi o que a tua mãe disse e, se estão a preparar um lugar para a Sally, deve ser verdade. Acho que ela passará para o outro lado amanhã ou na segunda-feira.»

O pobre Patrick não sabia o que dizer. Há muito que sabia que a Sally tinha uma idade avançada para uma pequenês e não duraria muito mais, mas tentara fingir que não aconteceria. Bem, nessa noite, contou-me ele depois, a Sally não parecia assim tão mal, mas na manhã seguinte estava claramente doente e à tarde o Patrick percebeu que ela se ia embora. Angustiado, ligou-me. Entrei em sintonia imediatamente e a mãe dele estava lá, pronta para ir buscar a cadela.

«É a hora dela vir para junto de nós», explicou ela. «Agora, Patrick, sê corajoso. Tens de a deixar ir», disse eu. «A tua mãe veio buscá-la e é só o teu amor que está a segurar a Sally.» Naturalmente o Patrick ficou perturbado, mas percebeu que a pobre cadela estava doente e não era justo tentar mantê-la mais tempo. «Pega nela ao colo», disse eu, «e diz: ‘aqui tens, mãe. Leva-a com amor.’» Ouvi alguns sons abafados enquanto o Patrick pousava o telefone e, relutantemente, fazia o que eu sugeria.

A princípio nada aconteceu, mas depois sussurrou: «Vai, Sally. Vai para a mãe.» E, ao dizer as palavras, a Sally amoleceu-lhe nos braços e eu tive de repente uma imagem mental de uma cadelinha castanho-mel a correr aos saltos por um prado ensolarado em direção a uma mulher de braços abertos. «Está tudo bem, Patrick», disse eu quando ele voltou ao telefone sem palavras. «Ela passou em segurança. Eu vi-a. Está a correr de um lado para o outro, feliz e viva como uma cachorrinha.»

As cartas mais tristes, claro, são dos pais que perderam filhos e dá-me um prazer especial saber que consegui dar-lhes um pouco de conforto na sua dor.

East Lothian,

Escócia Cara Doris, Espero que não te importes que te trate simplesmente por Doris, mas não me pareces uma estranha, pareces mais

uma amiga de confiança. O nosso lindo menininho Craig passou para o outro lado. Eu e o meu marido sabíamos que o nosso pequeno estava muito doente, só que continuávamos a esperar e a rezar para que fosse tudo um mau sonho e pudéssemos acordar e levá-lo para casa connosco, longe do hospital, e simplesmente amá-lo e cuidar dele. O Craig tinha apenas nove dias, mas guardamos no coração todas as memórias lindas dele e a felicidade que trouxe a toda a gente. Sempre acreditei que, quando morremos, há mais alguma coisa, que alguém cuida de nós. Deram-me o teu livro e pareceu que me levantou o ânimo e me tranquilizou de uma maneira que não consigo explicar muito bem. Os poemas são lindos e tento lembrá-los quando o terrível desespero negro me invade. Amamos tanto o nosso menininho. Rezo para que nos possamos encontrar outra vez, abraçá-lo e nunca mais ter de nos separar. Deste-me força para acreditar realmente nisso.

Sr.ª T. Johnston.

Cullompton, Devon Cara Doris, Provavelmente recebes muitas cartas como esta, mas gostaria de te agradecer imenso por teres tornado a vida mais fácil para a minha mãe e para mim depois de termos perdido a nossa pequena Jessica de três meses por morte súbita de lactente. Embora fosse tão pequenina, descobrimos que havia um enorme vazio nos nossos corações. Já passou um ano, mas parece ontem. Até ler os teus livros, a morte assustava-me, embora seja cristã convicta.

Muitos amigos disseram-me que é errado a minha mãe e eu acreditarmos no que fazes e defendes — no entanto foste tu que trouxeste conforto à nossa família devastada pela dor, sabendo que a Jessica está bem cuidada. Que Deus vos abençoe aos dois, obrigada mais uma vez por seres um conforto e uma amiga.

C. Ruttey

Yarmouth, Ilha de Wight Cara Doris, Hoje ouvi o teu programa Desert Island Discs, que me emocionou profundamente. Há exatamente quarenta e três anos hoje, o meu marido de 24 anos foi abatido e morreu sobre a Alemanha, a voar no Comando de Bombardeiros. A criança que trazia no ventre nasceu em julho de 42 e trouxe muita alegria a todos os que a conheceram e cuidaram dela, e a mim muito conforto. Foi levada para o espírito dois dias antes do seu 11.º aniversário, em 1953, depois de cair num poço de elevador vazio.

Embora já tivesse outros filhos e um marido maravilhoso, rezei para morrer, éramos tão próximos e eu amava-a tanto. Desde então, mas não na altura, aprendi muito e acredito verdadeiramente que a sua curta vida estava completa e que ela está com o querido pai. Mas durante anos, diante dos meus olhos, via aquele caixão branco a descer para outro buraco negro e fundo. Passei os teus livros à minha irmã, que é católica, e cuja vida foi transformada. Também a amigos no hospital. Mal consigo ver para escrever, com duas cataratas, para não falar das lágrimas! Que Deus te abençoe, minha querida, e te dê a força de que precisas para a tua missão gloriosa.

Sr.ª B. Pense

A maior parte das minhas cartas, porém, fala de luto em todas as suas formas diferentes, porque, claro, não há nenhum de nós que escape ao luto.

Tintagel, Cornwall Cara Sr.ª. Stokes, Sinto que tenho de te escrever depois de te ver e ouvir no programa Wogan ontem à noite. Depois de ler os teus livros, os teus pensamentos e experiências deram-me a coragem extra para enfrentar o mundo desde que o meu amado marido se foi embora em silêncio há dois anos. Quando disseste que tu e a tua amiga pertenciam ao Clube do Que Se Lixe, como podias saber que, nos últimos 20 anos mais ou menos, essa era a expressão favorita do meu querido. Oh, como ao longo dos anos aliviou a tensão em tantos momentos traumáticos. Até o nosso vigário a usa agora! Tal como todos os meus amigos. Com os melhores cumprimentos

E. Kiness

Leigh on Sea, Essex Cara Doris, Até te ver na televisão no ano passado nunca tinha ouvido falar de Doris Stokes. Fiquei arrebatada com o que vi e muito pouco tempo depois comprei um dos teus livros, li-o e rapidamente comprei e li os outros três. Não consigo exprimir por palavras o impacto que tiveram em mim. Tiraste-me todo o medo que tinha da morte, explicaste tão lindamente a continuação da vida quando passamos para o outro lado e quanto mais lia mais te tornavas uma amiga pessoal.

Pouco depois deste acontecimento maravilhoso, a minha mãe passou para o outro lado e soube imediatamente que ela estava com os seus entes queridos que tinha perdido antes. Quando saí do cemitério, sabia que não estava a deixar a mãe para trás e, nas visitas que fiz ao túmulo dela desde então, foram apenas por respeito, porque sei que ela não está lá. A mãe está comigo sempre que eu quero que esteja, está na minha casa, é qualquer flor

bonita, é a estrela mais brilhante que brilha no céu. Deu tanto amor e felicidade a tantas pessoas que me faz muito feliz só escrever e dizer-lhe isso.

Paul Russo Bolton, Lancs

Cara Doris (perdoe-me a familiaridade!), Sinto que tenho de lhe escrever depois de ouvir a sua escolha no Desert Island Discs ontem de manhã. Era o meu aniversário e o meu querido marido passou para o outro lado há dois anos, em fevereiro passado, e sinto tanto a falta dele, especialmente em datas como esta. Estava muito chorosa, mas não consigo explicar-lhe o quanto a sua seleção de discos me tocou, porque cada disco que escolheu, Doris (com exceção do seu próprio e lindo verso), tinha um lugar muito especial para o Tom e para mim. Anotai-os todos quando começou com *One Day At A Time* da Lena Martell — um favorito especial do Tom — e depois mal podia acreditar nos ouvidos com o resto da sua escolha. Foi maravilhoso. Como se o querido Tom me estivesse a enviar uma mensagem de aniversário através de si. Muito obrigada. Tenho estado tão infeliz desde que ele partiu, mas o meu coração ficou mais leve com o melhor presente de aniversário de sempre. Com os melhores cumprimentos Sra. J. Norris

Recebo também cartas de crianças e acho muito comovente pensar que elas se esforçaram por ler os meus livros e os compreenderam. Esta é a carta da menina que eu esperava conhecer em Liverpool:

Withington Manchester

Cara Sra. Doris Stokes, Escrevo-lhe porque o meu Pai acabou de morrer tenho 10 anos uma vez vi televisão e a minha mãe disse que a senhora era muito boa e a Mãe disse que me levava a sua casa se a senhora deixasse porque eu amo o meu Pai imenso e gostaria de saber se ele está feliz ou triste porque eu choro o tempo todo pelo amor do meu Pai Todo o meu amor Gale

Por fim, há as minhas cartas «tónicas». Como toda a gente, também eu me canso e desanimo de vez em quando e, quando está um frio terrível e tenho de me esforçar para vestir o vestido e viajar quilómetros até algum teatro em vez de me afundar na minha poltrona junto à lareira para passar a noite, penso para comigo: o que é que estás a fazer, Doris? Só podes estar louca. Pois bem, tenho sorte. Porque quando me sinto assim, basta ler algumas das minhas cartas tónicas e sei que todo o esforço vale a pena.

Perranporth Cornwall

Cara Sra. Stokes, Senti que tinha mesmo de lhe escrever para agradecer uma noite tão maravilhosa no último sábado em St Austell. Tendo lido todos os seus livros e todos os artigos de revistas que consegui encontrar, tornou-se uma ambição minha vê-la «ao vivo» numa das suas sessões. Achei a tranquilidade e o conforto que deu às pessoas afortunadas o suficiente para terem uma consulta consigo absolutamente maravilhosos e tenho a certeza de que a maior parte das pessoas, como eu, esteve ali sentada, fascinada! O meu marido veio comigo no sábado e, antes, estava bastante cético e convencido de que conseguiria «desmascarar-a». No entanto, saiu de lá totalmente crente! Por isso, muito obrigada mais uma vez por uma noite maravilhosa e por todo o trabalho extraordinário que faz. Com os melhores votos

Jayne Moon

Um vicariato nas Midlands Cara Sra. Stokes, Sou padre anglicano e quase tinha perdido a fé quando li os seus livros no início deste ano. Ajudou-me imenso e deu-me muito mais confiança nas realidades do mundo espiritual. Com os melhores votos (Não o embaraçarei publicando o seu nome)

Kingsbridge Devon Cara Sra. Stokes, Acabei de ouvir o Desert Island Discs e sinto-me impulsionada a dizer o quanto me deu uma sensação de conforto. Acredito firmemente numa vida melhor que virá, mas, Doris, a senhora tornou tudo tão claro, abençoe-a. Os meus olhos já não são o que eram, mas li dois dos seus livros há alguns anos e agora, ouvi-la em pessoa, é algo que nunca esquecerei. Com os mais sinceros cumprimentos Mary Winterburn

Dormansland Surrey

Cara Doris, Estive na sua sessão em Croydon e não consigo parar de pensar nem de falar nisso. Deu tantas mensagens, não só às pessoas com quem falava diretamente, mas a muitas outras que estavam presentes. A noite foi muito feliz apesar de todas as tragédias de que ouvimos falar. Nunca estive num teatro tão cheio e o público, ao sair, estava muito animado — centenas de pessoas convergiam para o parque de estacionamento — todas a falar ao mesmo tempo. Aconteceu-me algo durante o dia antes de ir ver o seu espetáculo. Fiquei convencida de que tinha sido obra da minha mãe. Quase no fim da sua sessão, estava a falar com outro espírito chamado Bert — disse: «Um momento, Bert, está a entrar uma Violet.» Ninguém reclamou a Violet. Violet é o nome da minha

mãe. Continuou a falar com o Bert mais um ou dois minutos. Depois disse: «Tenho aqui uma Violet à procura da Pat.» Sou a Pat. Fiquei tão emocionada que não consegui mexer-me para falar ou descer. Continuou a falar com o Bert outra vez. Depois disse: «Tenho aqui alguém que morreu de cancro do pulmão.» A minha mãe também. Alguém reclamou que o pai tinha morrido de cancro do pulmão e essa mensagem pode ter sido para essa pessoa, mas pareceu uma coincidência. Disse a uma amiga que, se acontecesse mais alguma coisa no dia seguinte — o que parecia muito improvável para ambas — ficaria convencida de que a Violet que a senhora ouviu era a minha mãe. Isso aconteceu e, por isso, estou convencida. Obrigada, Doris, por todo o conforto que tem dado nos seus livros e também por nos permitir partilhar o seu dom incrível. Foi uma noite verdadeiramente maravilhosa na última segunda-feira e que nunca esquecerei. Com os melhores cumprimentos

Pat Hearn

CAPÍTULO 10

A meio da sessão, o Terry pôs a cabeça de fora pela porta. «Desculpem interromper, mas estou à procura daquela carta de Lincoln. É muito importante. Viste-a?» Olhei para a estante ao meu lado, com todas as superfícies a transbordar de correspondência. «Sim — bem, está aqui algures.» Estava a remexer nos papéis quando uma voz do mundo espiritual disse: «Não. Está aqui atrás», e senti a minha mão ser empurrada para a prateleira atrás da minha cadeira. «Ah, não está», corrigi-me. «Acabaram de me dizer que está nesta prateleira aqui atrás.» Estiquei o braço para trás e, de facto, a primeira carta em que pus a mão foi a importante de Lincoln.

«Por Deus, isso é útil», disse Pat Coombs, a pessoa que estava na sessão comigo, «gostava de conseguir fazer isso. Perdi um álbum de fotografias e estou muito triste por causa disso. Gostava que a minha mãe me dissesse onde está.» A mãe dela tinha estado a falar connosco antes de o Terry chegar, por isso sintonizei a mesma vibração e perguntei. Veio uma mensagem sobre uma garagem e um baú que costumava estar guardado lá. A Pat abanou a cabeça. «Não, já procurei na garagem e não está lá.»

Mas a mãe insistia. «Ela tem a certeza absoluta, Pat», disse eu. «Está num baú que pertenceu aos teus avós e que estava sempre guardado na garagem. Não te preocupes com isso porque vais encontrá-lo muito em

breve.» Via que a Pat estava um pouco cética em relação a isso, mas a sessão continuou e veio cada vez mais evidência. A mãe trouxe o velho gato da Pat, o Pip, e depois insistiu muito no Tiddy. Pensei que fosse outro animal de estimação, mas não: descobriu-se que Tiddy May era o nome carinhoso da mãe da Pat. Mencionou outros membros da família e de repente cortou uma voz masculina.

Uma voz muito autoritária. «Estive no exército», disse ele. «Ah, que patente?», perguntei. «Bem, ter-me-iam de chamar senhor», riu-se ele. «Era major.» «Sim, o Tom está comigo», confirmou Tiddy May, para o caso de a Pat ter dúvidas de que o pai tinha chegado. «Sempre fui muito rígido e militar», disse ele, «mas tornei-me estranho no fim. Ainda bem que passei para o outro lado antes de ficar incontinente. A princípio não aprovei que a Pat fosse para atriz», acrescentou, «mas depois fiquei tão orgulhoso dela.

Costumava dizer: Coombs é o meu apelido. Pai de Pat Coombs.» A essa altura, já muitos familiares e amigos da Pat tinham vindo dizer olá. Alguns dos nomes, no entanto, ela não reconhecia. Insistia-me o nome Lillian, que não significava absolutamente nada para a Pat. Voltava uma e outra vez e eu estava a meter-me numa grande confusão, quando o Ramanaov teve pena de mim. «Não é Lillian», disse ele, «é Lally.» A Pat reconheceu imediatamente. «Lally Bowers! Uma velha amiga atriz minha.»

Houve também resposta a um mistério trágico. Um jovem chamado Nicholas juntou-se a nós, trazendo consigo uma sensação de confusão. «O meu sobrinho», disse a Pat. Mencionou King's Cross em Sydney, na Austrália, onde tinha vivido e falou também de Brighton. Brighton, Austrália? perguntei. «Não. Brighton-on-Sea, Inglaterra», disse ele. «Está correto», disse a Pat, «costumávamos viver lá e ele veio visitar-nos.» O Nicholas não devia ter passado para o outro lado quando passou, continuava a dizer-me. Não devia ter acontecido. Havia muita confusão em torno das suas últimas horas na Terra.

Havia qualquer coisa com um carro. «Fui atirado», disse ele, «é a última coisa de que me lembro. Fui atirado.» «Ninguém sabe o que aconteceu», disse a Pat. «O corpo dele foi encontrado à beira de uma estrada na Austrália. Tinha ferimentos na cabeça, mas além disso não tinha uma única marca.» Pelo que o Nicholas disse, parecia que não tinha sido um acidente. O pobre rapaz era epilético e pode ter começado a ter um ataque; os ocupantes do carro, pensando que ele estava a ficar violento, abriram a porta e empurraram-no para fora.

No fim da sessão, a Pat estava ainda mais fascinada do que quando chegou e ficou a conversar quase toda a tarde. Ficou particularmente satisfeita com algo que soou quase como uma previsão do outro lado, embora eu sublinhe sempre que não leio o futuro. Ouvi o nome Agatha Christie muito claramente e, ao mesmo tempo, tive uma impressão muito nítida de a Pat se afastar da comédia. «Pat, as pessoas associam-te à comédia», disse eu, «mas pelo que me estão a dizer, podes fazer papéis muito mais substanciais.

Estou a ouvir o nome Agatha Christie.» «Meu Deus, adorava fazer Agatha Christie», concordou a Pat. «Quem é o Michael?», perguntei de repente. «É um amigo escritor. Adapta coisas.» «Bem, acho que o Michael pode ter algo a ver com apareceres em Agatha Christie. Darias uma Miss Marple maravilhosa», e ao dizê-lo, surgiu-me na mente uma imagem vívida da Pat como Miss Marple com um chapéu surrado, uma bicicleta e um gato enrolado nos tornozelos. «Tomara que tenhas razão, Doris», disse a Pat, «adorava interpretar a Miss Marple. A sério.»

O mais extraordinário de tudo o que ela ouviu do mundo espiritual, no que lhe dizia respeito, foi o caso do álbum de fotografias. Quando chegou a casa nessa tarde, telefonou à irmã para lhe contar o que tinha acontecido. «Mas quando cheguei à parte do álbum de fotografias, ela ficou muito calada», contou-me a Pat depois. «Acontece que ela tinha encontrado o álbum naquela mesma manhã numa espécie de baú do tesouro que pertenceu à nossa avó. O baú estava debaixo da cama dela, mas antes de lhe pertencer provavelmente esteve guardado na garagem durante anos.»

As pessoas ficam muitas vezes espantadas com a precisão do mundo espiritual, ainda mais quando estão envolvidos números. Não sei bem porquê. Afinal, todas as mensagens que ouço claramente são corretas, por isso não sei porque é que algumas verdades parecem mais impressionantes do que outras. Lembro-me de uma vez, numa demonstração pública, o mundo espiritual ter comentado que uma senhora na plateia tinha acabado de comprar um forno novo e que tinha tido 130 libras de desconto sobre o preço recomendado.

O público ficou espantado quando se confirmou que era absolutamente correto. No entanto, quando outra senhora foi informada de que um familiar acabara de ter um bebé e lhe deram o nome correto, o público pareceu quase aceitar como garantido. Não pude deixar de me sentir intrigada. Afinal, ambas as provas eram igualmente boas, não eram?

Aconteceu algo semelhante há pouco tempo. Um casal que tinha perdido a filha muito amada, Sarah, veio a uma sessão. A esposa parecia muito interessada, mas o marido era extremamente cético e tive a impressão de que só lá estava a contragosto para agradar à mulher. Durante toda a conversa com a Sarah, ele esteve sentado com um ar perplexo, como se soubesse que havia ali um truque mas não conseguisse descobrir qual era.

Depois, quase no fim, a Sarah disse que tinha deixado 28 libras para comprar um presente ao irmão, o Chris. «Bem, isso podemos confirmar já», disse a mãe dela, «tenho aqui o envelope do ordenado dela. Ainda não o abri.» Abriu a mala, tirou um envelope amachucado, rasgou a parte de cima e sacudiu o conteúdo. Para o colo dela caíram várias notas e algum troco. Contou-o. Eram exatamente 28,20 libras. Com isto, o pai abanou a cabeça, maravilhado. «Não havia maneira nenhuma de saberes», disse ele. «Nem nós sabíamos…»

Até o Laurie, que vê estas coisas acontecerem todos os dias, por vezes fica abalado. Há pouco tempo estávamos a falar do Marc Bolan. Uma vez contactei o Marc do outro lado durante uma sessão e descobriu-se que o Laurie conhecia o Marc deste lado e que o irmão dele trabalhava com ele. «Era um tipo tão porreiro», disse o Laurie, «sabias que ele até deixou 5000 libras ao Alphi no testamento? Infelizmente, quando chegou a hora, não havia dinheiro suficiente na herança para pagar, por isso o Alphi não recebeu nada, mas não importou. Ficou muito tocado por saber que o Marc se tinha lembrado dele.»

Estava quase a concordar que simpático e atencioso o Marc tinha sido, quando de repente o próprio Marc apareceu. «Ele já recebeu o dinheiro, Doris», assegurou-me o Marc, «e foram 6000 libras, não 5000.» «Laurie, o Marc acabou de me dizer que o Alphi recebeu o dinheiro», disse eu rapidamente, «e foram 6000 libras.» O Laurie abanou a cabeça. «Não, amor. Estás enganada algures. Isto foi há anos e não havia dinheiro suficiente para pagar ao Alphi. Ele não recebeu nada.» Bem, não insisti.

Não era importante e os assuntos do Alphi não eram da minha conta. Nem voltei a pensar nisso até que, dois dias depois, o Laurie me telefonou muito excitado. «Nunca vais adivinhar, Doris, acabei de receber uma chamada do Alphi. Quer levar-nos, à minha mulher e a mim, para comemorar. O dinheiro do Marc Bolan chegou e ele recebeu mesmo 6000

libras. O Marc deixou-lhe 5000, mas os juros foram-se acumulando todos estes anos e agora são 6000.»

O próprio Laurie nunca teve uma sessão comigo. Noite após noite, nas demonstrações nos teatros, encontra tantas pessoas desesperadas por uma sessão que acha que seria errado pedir-me que gaste a minha energia psíquica para satisfazer curiosidade quando há casos mais urgentes do que aqueles que eu alguma vez conseguiria atender numa vida inteira. No entanto, às vezes saem-me pequenas coisas sem eu dar por isso. Uma manhã, quando ele passou por cá, perguntei-lhe se se importava de levar um monte de roupa que já não usamos à Oxfam ou ao Exército de Salvação para os idosos.

O Laurie não se importou nada e estávamos a encher sacos grandes de plástico quando, de repente, uma voz feminina disse: «Diz-lhe para levar à Issy.» «Tens de levar à Issy, Laurie», repeti em voz alta. O Laurie parou, com um par de calças suspenso no ar. «O que disseste?» «É a tua mãe, amor», expliquei eu, «acabou de vir e disse para levares a roupa à Issy. O que é a Issy?» O Laurie ficou estupefacto. «Não posso acreditar. Quando éramos miúdos no East End, a minha mãe levava-nos à Issy Goodyear na Roman Road para comprar roupa em segunda mão. Já nem me lembrava da Issy há anos.

O sítio deve ter sido demolido há trinta anos!» Ficou tão emocionado por ter notícias da mãe que telefonou imediatamente à mulher, a Iris, para lhe contar. «Não podia ter prova melhor de que a minha velha mãe estava ali», disse ele. «Mais ninguém saberia da Issy.»

Sim, é certamente verdade que, de vez em quando, o mundo espiritual pode ajudar a encontrar coisas ou dar informações que desejamos — o que, como disse a Pat Coombs, é muito útil — e é por isso que às vezes me pedem para trabalhar em casos policiais. Quando estive na Nova Zelândia da última vez, pediram-me para ajudar a encontrar uma rapariga desaparecida.

Ela deu o nome, Susan, e descreveu a paisagem de que se lembrava nos seus últimos momentos, mas era inverno e toda a zona estava coberta de neve. Mais tarde, quando a neve derreteu, a polícia voltou ao local e, de facto, encontrou o corpo. Eu tinha indicado com precisão de 500 jardas a autoestrada onde ela foi recolhida e vista viva pela última vez.

Mas tenho de frisar que nem sempre funciona. Por vezes as mensagens são demasiado confusas, por vezes o significado da informação

só se torna claro depois de o caso estar resolvido — como daquela vez em que me deram o nome Sutcliffe durante uma sessão com os pais de Jayne MacDonald, uma das vítimas do Estripador de Yorkshire. A Sra. MacDonald disse que era um antigo nome de família e não pensámos mais nisso até o Estripador ser apanhado e se descobrir que era um homem chamado Peter Sutcliffe — e por vezes o mundo espiritual recusa deliberadamente dar informações se isso causar mais mal do que bem.

Lembro-me de, há pouco tempo, a polícia ter trazido um homem para falar comigo cuja filha de dezassete anos tinha sido violada e assassinada. Naturalmente, queriam qualquer pista que conseguissem sobre a identidade do assassino, mas eu simplesmente não consegui ajudar. O pai, desesperado, estava ali sentado no sofá a desejar que eu dissesse um nome e tudo o que eu sentia era ódio e desejo de vingança. A pobre rapariga voltou e tentou falar com o pai.

«Eu era uma boa rapariga, sabes», repetia ela. «Diz-lhe que eu era uma boa rapariga.»

Mas senti que ele não estava a ouvir devidamente. Não queria tanto contacto com a filha como um nome onde pudesse descarregar o seu ódio.

A violência do ambiente invadia-me em vagas e vagas até que acabei por fraquejar.

«Pergunta-lhe quem foi. Pergunta o nome dele», insistiu o pai, com os nós dos dedos brancos e os dentes cerrados. «Quem foi, quem foi?»

Mas do mundo espiritual só vinha silêncio.

«Não adianta», disse eu por fim, «não me vão dar o nome dele porque, se eu te disser, sei o que farias. Levantavas-te desse sofá, entravas no carro, encontravas o rapaz e matava-lo.»

«Sim, é verdade. Faria isso», disse o pai.

Muitos pais em situações semelhantes devem ter ameaçado o mesmo, mas este homem falava a sério. Não eram palavras vazias.

«Pois bem», disse eu, «o mundo espiritual não te vai ajudar a fazer isso. De que serviria? O que aconteceria à tua mulher e aos teus filhos contigo na prisão? Porque era isso que te aconteceria.»

Ele não quis ouvir. «Eu trato disso depois», disse. «Dá-me só o nome dele.»

Mas os familiares dele do outro lado tinham mais juízo. Recusaram-se a ser cúmplices dos planos dele e, embora provavelmente soubessem a resposta, não disseram uma palavra.

«Lamento», pedi desculpa ao polícia no fim da sessão. «Não consigo ajudar. Pode ser que funcione com outro membro da família, mas receio que o pai esteja a bloquear.»

Em circunstâncias desesperadas, claro que tento ajudar porque há sempre a possibilidade de o mais pequeno fragmento de informação levar à captura de um assassino e impedir outro crime, mas sublinho com força que não posso garantir nada.

Há pouco tempo recebi um telefonema do Sevenoaks Chronicle a perguntar se podia ajudar a encontrar uma pessoa desaparecida. Expliquei os problemas, mas continuaram interessados em tentar. Eu não sabia os pormenores e não queria saber, mas percebi que o caso era um mistério e que os canais normais tinham falhado. Eu era o último recurso. Podia muito bem tratar-se de um assassinato, percebi, por isso concordei em fazer o que pudesse.

A jornalista veio com uma senhora de meia-idade, pequenina e de ar nervoso, que claramente estava no limite das forças para resolver o enigma. Montaram um gravador, a jornalista tirou o bloco de notas e, depois de nos sentarmos todos em poltronas com uma chávena de café por perto, sintonizei-me.

Logo a minha cabeça se encheu de uma voz alemã. Não percebo alemão, mas soube instintivamente que era alemão a língua que estava a ouvir.

«Ouço alguém a falar alemão», comecei, hesitante.

«É verdade», disse a pessoa que estava na sessão comigo, «sou alemã.»

E de facto tinha um leve sotaque, mas o inglês dela era tão bom que era impossível dizer de onde vinha.

Bem, pensei, vou ter de pedir ao Ramanov que traduza tudo, mas, para minha surpresa, o ambiente mudou e o resto das provas veio espontaneamente em inglês.

Agora conseguia compreender o que era dito, mas não parecia fazer sentido.

«Jugoslávia», disse uma voz distante e tive uma imagem confusa de montanhas. Porque raio, depois de termos estabelecido a ligação alemã, estava a receber informações sobre a Jugoslávia, perguntei-me.

«Estou a ouvir algo sobre a Jugoslávia, montanhas e coisas assim», disse eu, «portanto deve haver uma ligação aí.»

«Sim, é verdade», disse a mulher.

Depois fui envolvida pela escuridão e não sabia o que se passava. Do meio do negro veio novamente a voz do homem.

«Anna», disse ele.

«Sou eu», disse a mulher ansiosamente.

«E quem é o Willie?»

«É o meu marido.»

Instintivamente compreendi que era o marido dela que estava desaparecido e tinha quase a certeza de que era com o Willie que estava a falar do outro lado, embora ele não o tivesse dito diretamente. Tinha muita relutância, porém, em afirmar claramente que ele tinha passado definitivamente para o outro lado — tenho sempre, em casos destes. Nunca esquecerei os anos da guerra quando o John estava desaparecido, presumivelmente morto, e uma médium me disse que ele estava definitivamente do outro lado, quando na verdade estava ferido e internado num hospital num campo de prisioneiros de guerra.

Todos podemos cometer erros e por vezes as vozes são confusas e pouco nítidas. Há momentos em que podemos pensar que fizemos contacto com uma pessoa específica quando na verdade estamos sintonizados com um familiar dessa pessoa que está a falar dela.

Acho melhor manter a mente aberta, repetir o que estou a ouvir e deixar que a pessoa da sessão decida se soa como a pessoa que perdeu.

«Anneliesse», disse a voz ao meu ouvido.

«Quem é Anneliesse?», perguntei.

«É o meu nome completo», disse a mulher, «mas toda a gente me chama Anna.»

Parecia cada vez mais que era mesmo o marido dela com quem eu estava a falar.

«Sinto que há um grande mistério e muita confusão», continuei. «Sinto como se estivesse a cair. Sinto que ele estava a caminhar nas montanhas e tu não estavas com ele.»

O Willie estava agitado. «Deixei tudo no hotel», disse ele. «Algumas pessoas dizem que deve ter sido planeado, mas como poderia ser? Deixei tudo. A minha roupa, tudo.»

Mais uma vez houve a impressão de escuridão e depois uma queda. Lutei para manter a vibração. Era realmente frustrante. As impressões eram tão confusas que mal conseguia perceber o que estava a vir.

De longe veio um som forte de «k». Um nome.

«Carl… Kurt…», tentei.

«Kurt», disse a mulher, «vive em Sevenoaks. Tem-se esforçado muito para tentar encontrar o Willie.»

Mas quase não ouvi a voz dela. De repente estava num caminho rochoso e ouvia muito alto o som de água a correr. Não muito longe havia uma queda de água.

Agora, finalmente, estávamos a chegar a algum lado. Isto, senti com certeza, era significativo.

«Ouço água a correr», expliquei em voz alta, «e há uma queda perto e uma cascata. E este homem que está a falar comigo tem uma voz muito carinhosa. Não é o tipo de pessoa que desaparece assim. Diz que só lá estava há três dias e que, se quisesse desaparecer, teria ido embora no primeiro dia. Saiu simplesmente e nunca mais voltou.»

«Katarina», disse o homem com ênfase.

«Quem é a Katarina?», perguntei.

«É uma rapariga jugoslava que lá estava», disse a mulher.

Ela também era importante. O homem queria claramente provar que não tinha planeado fugir, nem tinha sido suicídio.

«Pergunta à Katarina», disse ele, «ela dir-te-á que eu estava perfeitamente bem. Não estava deprimido.»

E depois havia novamente o som da água a correr. O som estava lá em fundo o tempo todo. Se fechasse os olhos, seria difícil acreditar que estava sentada na minha própria poltrona na minha própria sala. Sentia-me como se estivesse no alto de uma montanha ao lado de um riacho. E lá estava novamente a cascata. Havia qualquer coisa com aquela cascata…

«Ele está a dizer que se sobe o caminho antes da queda, depois há um precipício», disse eu lentamente. «E é uma grande queda…»

Mas o meu contacto não conseguia manter a impressão estável. Eu ouvia bem os sons, mas as imagens desapareciam. O caminho rochoso sumiu-se e em vez disso veio um nome.

«Wolfgang.»

A mulher deu um pequeno suspiro. «É o verdadeiro nome do Willie — mas ninguém sabia. Toda a gente lhe chamava Willie.»

O homem estava novamente agitado. Tinha uma mente muito organizada e parecia sentir que a busca não tinha sido suficientemente exaustiva.

«Ele fica muito impaciente», expliquei. «Não percebe porque são tão descuidados. Diz que basta andarem cinco passos e encontram-no. Parece achar que desistiram de procurar na Jugoslávia.»

Outra impressão passou rapidamente diante dos meus olhos. Estava inclinada a olhar para algo interessante, uma planta, acho eu, e depois algo me bateu na parte de trás da cabeça. O som da água a correr continuou, mas além disso tive um vislumbre fugidio de grutas.

«Ele estava a subir pouco antes da cascata e parou para olhar para algo que lhe chamou a atenção», disse eu em voz alta. «Mais acima na montanha há grutas… Não acho que as grutas tenham sido revistadas convenientemente.»

A sessão continuou. Vieram mais nomes. O homem mencionou o Derek, o filho, e a Jenny, a gata, e até perguntou pelo carro branco. Tinha quase a certeza, pela maneira como falava, que era o marido desaparecido e que tinha sido morto em circunstâncias suspeitas. Não conseguia perceber porquê, mas parecia haver algum tipo de encobrimento.

«Bem, o que achas, querida?», perguntei à Anneliesse quando a energia finalmente se esgotou. «Achaste que estivemos a falar com o teu marido?»

«Oh, sim», disse ela. «Parecia exatamente ele.»

Depois, a jornalista contou-me a história. Aparentemente, o casal chamava-se Sr. e Sra. Bleyberg e iam à Jugoslávia em férias de caminhada há cerca de vinte anos. Iam sempre para a mesma zona e conheciam bem o hotel e os locais. Até falavam um pouco da língua.

O Willie era um respeitado professor de ciências em Sevenoaks, Kent, e o casal levava uma vida tranquila e normal. Depois, em julho de 1984, quando chegou novamente a altura das férias, a mãe da Anneliesse estava doente e ela teve de ficar para tratar dela. A Anneliesse não gostou que o marido fosse sozinho, mas ele parecia ter o coração posto nessas férias e, a contragosto, ela acabou por concordar.

Na manhã em que desapareceu estava um dia bonito e soalheiro; o Willie tomou o pequeno-almoço no hotel e saiu logo a seguir para o passeio. Deixou os pertences pessoais no quarto e tudo indicava que voltaria para o jantar.

Mais tarde, dois locais viram-no na montanha, sozinho mas bem-disposto, e uma ou duas horas depois tornaram a encontrá-lo. Ele tinha tentado um caminho em particular, contou-lhes, mas era demasiado difícil,

por isso ia seguir noutra direção. Despediu-se com um aceno amistoso e nunca mais foi visto.

A parte extraordinária da história era que a Anneliesse só foi informada de que o marido estava desaparecido cinco dias depois. A zona foi revistada, mas nada foi encontrado e, para aumentar o seu sofrimento, a Anneliesse percebeu que sem um corpo não podia provar que o marido estava morto e todos os assuntos financeiros ficariam congelados até ser emitido um certificado de óbito — o que, claro, não podia ser feito sem um corpo.

A confusão e a incerteza, somadas à dor natural, estavam a ser quase demais para a pobre mulher.

A única consolação era que as provas da sessão podiam ser suficientes para convencer as autoridades a reabrir o caso e pedir nova busca.

Sim, o mundo espiritual ajuda-nos muitas vezes a encontrar coisas — mas não é uma via de sentido único. Às vezes são eles que querem que nós os ajudemos!

Há pouco tempo fiz duas demonstrações em Bridlington e estava ansiosa por isso. Depois do longo e frio inverno e de várias gripes, um pouco de ar do mar era exatamente o que eu precisava. Estávamos num bom hotel à beira-mar e na primeira noite esperava dormir longa e descansadamente.

Bem, dormi descansada, sim, mas não foi muito longa! De manhã cedo, quando o coro da alvorada estava a começar, ouvi uma voz a falar comigo.

«É o Paul. Enforquei-me», disse ele.

Meio a dormir, pensei que estava a ter um pesadelo. Esperei pelos buracos dos olhos entreabertos e vi que estava perfeitamente em segurança no meu confortável quarto de hotel. Estou a sonhar, disse para mim própria, e virei-me para dormir mais uma ou duas horas.

«Enforquei-me», disse novamente a voz triste. E dessa vez percebi que não adiantava. Não podia fingir. Não estava a dormir nem a sonhar. A voz era real.

Sentei-me na cama. «O quê, querido? O que disseste?»

«Enforquei-me», disse o rapaz. «Podes dizer à minha mãe que lamento muito? Ela está tão transtornada.»

«Mas como hei de encontrar a tua mãe, querido?», perguntei.

Não havia maneira de saber de onde ele vinha nem nada. Do outro lado sentia um grande esforço. O rapaz não devia ter passado para lá há muito tempo e estava com dificuldade em manter a energia.

«Paul», ouvi novamente. Depois: «Plane Street.»

Houve um longo silêncio e, quando pensei que ele já tinha ido embora, veio o nome «Hewson», muito fraquinho.

«Tinha vinte anos», acrescentou. «O Shane ficou com as minhas coisas.»

Foi tudo. Bem, não era muito para continuar. Como raio ia eu encontrar a mãe do Paul? Tinha parte de uma morada, mas Plane Street sozinha não servia de muito sem uma cidade.

Felizmente, nesse dia tinha uma entrevista marcada com uma jornalista do Hull Daily Mail. Talvez ela tivesse ouvido alguma coisa. Afinal, se tinha acontecido recentemente, podia ter saído no jornal.

Quando chegou, expliquei-lhe o que se passara.

«Apanhei o nome Paul, e Hewson e Plane Street», disse eu. «Disse que se enforcou e que tinha só vinte anos. Diz-te alguma coisa? Achas que a Plane Street pode ser na tua zona?»

Ela abanou a cabeça. «Não, não me diz nada, Doris. Não me lembro de nenhuma notícia assim, mas posso confirmar no jornal, se quiseres.»

Telefonou para a redação e esperámos enquanto folheavam números antigos. Dez minutos depois encontraram a notícia. No sábado anterior, um rapaz chamado Paul Hewson tinha-se enforcado. Morava na Plane Street. Não podiam confirmar se havia alguém na família chamado Shane, mas o Paul tinha apenas vinte anos. Agora só precisava que os Hewson estivessem presentes na minha demonstração dessa noite e eu podia fazer o que o Paul pedira.

Bem, não correu exatamente assim tão direitinho, mas não foi mau. A Sra. Hewson não estava na plateia nessa noite, mas estava lá uma prima dela. Dei-lhe flores para levar à mãe do Paul e expliquei que, se a Sra. Hewson quisesse vir à demonstração na noite seguinte, arranjávamos maneira. Ainda bem que estávamos dois dias em Bridlington!

De facto, a Sra. Hewson quis vir e, durante a segunda parte da demonstração, o Paul voltou, claro e forte. A prática da manhã anterior obviamente ajudara-o a pegar o jeito de comunicar.

A Sra. Hewson veio ao microfone quando a mensagem começou e pouco a pouco juntaram-se-lhe mais e mais pessoas.

«Ele está a falar do Shane», disse eu quando começámos.

«Sim, o Shane é o irmão dele», disse a Sra. Hewson.

«E diz-me que o vão enterrar na sexta-feira às três horas.»

«É verdade.»

«Quem é a Donna?»

«A namorada dele.»

Secando rapidamente os olhos, uma rapariga muito jovem veio ao microfone. «A Donna e eu íamos ficar noivos, sabias?», disse o Paul orgulhosamente.

«Sim, íamos», soluçou ela.

Depois o Paul viu outra pessoa que conhecia. «Ali está o Dave. Ali está o meu amigo!», exclamou deliciado. «Ele é do meu grupo.»

Descobriu-se que o Paul era baterista num grupo pop e o amigo Dave era muito próximo dele. O Dave avançou para se juntar à Sra. Hewson e à Donna.

«Estávamos a correr tão bem com o grupo e a Donna e eu íamos ficar noivos. Só posso ter enlouquecido. Só posso ter perdido o juízo para fazer aquilo», continuou o Paul.

«Aparentemente teve uma discussão com alguém, Dave, por causa de um concerto», expliquei. «Era um rapaz muito simpático mas muito sensível e alguém o magoou.»

Mas o Paul não queria deter-se na infelicidade. «O meu patrão também está aqui esta noite», confidenciou, «o Frank.»

De facto, o Frank estava lá e, sorrindo timidamente, saiu da plateia para se juntar ao pequeno grupo em volta do microfone.

«Estarei sempre com o Frank no carro», disse o Paul. «Quando ele andar de carro, diz-lhe para pensar em mim que eu estarei lá.»

«Sim, andávamos muitas vezes juntos no carro», disse o Frank, «eu costumava levá-lo.»

Acima de tudo, porém, o Paul estava preocupado com o irmão Shane. Não conseguia perceber bem o que ele queria dizer. Parecia querer que o Shane ficasse com algo que lhe pertencia, mas eu não conseguia apanhar o quê e a Sra. Hewson não se lembrava de nada que parecesse provável.

«Bem, não sei bem o que ele quer dizer», admiti, «mas sei que está muito preocupado com o Shane. Diz que o assustou muito.»

A Sra. Hewson assentiu. «O Shane ainda não desabou, percebe?», disse ela. Isto era mau sinal. Quando as pessoas não choram, significa que a

dor e a amargura se voltam para dentro e podem adoecer. Não era de admirar que o Paul estivesse preocupado.

«Bem, dá-lhe qualquer coisa do Paul e diz-lhe que o Paul quer que ele fique com isso e com o amor dele», disse eu. «Pode ajudar.»

E, finalmente, mesmo no fim, o Paul disse-me que estavam a fazer um lindo jogo de bateria em flores para o funeral dele.

«Agradece-lhes isso, vou gostar muito», disse ele, «mas diz à mãe para não gastar demasiado dinheiro.»

Claro que não podia dedicar toda a noite às pessoas do Paul, porque não era uma sessão privada e outras famílias também queriam a sua vez. Tive de passar adiante. Mas pelo menos o Paul conseguiu provar à mãe que não estava morto, que continuava interessado na família e, acima de tudo, que lamentava a dor que tinha causado.

CAPÍTULO 11

Era primavera, embora ninguém o adivinhasse pelo tempo, e lá estávamos nós de novo na estrada, deslizando pela autoestrada na nossa luxuosa limusina rumo à Cornualha.

A chuva escorria pelos vidros, os limpa-pára-brisas batiam furiosamente, mas as nossas vozes abafavam a tempestade enquanto cantávamos com entusiasmo ao som de *Sing Something Simple*.

Talvez fosse a paisagem plana por onde passávamos ou talvez fosse a melodia que eu estava a cantar desafinadamente, mas de repente a minha memória deu um salto para trás — os anos rolaram e eu estava novamente a viajar no nosso velho e maltratado Morris E com estribos laterais que comprámos por 32 libras. O Terry não devia ter mais de quatro anos na altura e não podíamos pagar férias, mas isso não importava.

Nos domingos de verão com bom tempo, levantávamo-nos ao romper da aurora, carregávamos o Morris e partíamos para Skegness, o resort balnear mais próximo — a sessenta milhas de distância. Íamos até onde os nossos estômagos vazios permitiam e, quando já não aguentávamos mais, parávamos num sítio bonito, tirávamos o pequeno fogareiro a álcool e eu cozinhava o pequeno-almoço à beira da estrada. Mais tarde, na praia, chapinávamos na água com o Terry e o John levava-o a nadar. Depois, no fim de um longo e feliz dia, regressávamos a casa, cantando *Sing Something Simple* a plenos pulmões.

Suspirei e limpei o embaçado do vidro.

Aqui estávamos nós, quarenta anos depois, a pavonear-nos num Daimler e a ficar nos melhores hotéis, mas nunca tínhamos sido tão felizes como naqueles dias em que íamos aos solavancos para o mar no nosso Morris de 32 libras e tínhamos de pensar duas vezes se podíamos ou não comprar um gelado para o Terry.

Há qualquer coisa nas viagens que desperta memórias e, quando estou perto de Lincolnshire, as comportas abrem-se mesmo. Grantham, claro, é a minha terra natal e, embora tenha mudado muito desde que eu era miúda, é como entrar numa máquina do tempo quando volto lá.

Da última vez que lá estive, encontrei o meu primo Ron Sutton, que não via há muito tempo, e quando ele entrou o meu estômago deu um salto, porque hoje em dia ele parece-se tanto com o meu pai que era como se o pai tivesse entrado na sala. Dá mesmo para ver que o Ron é um Sutton.

É uma grande figura, o Ron. Toda a gente em Grantham o conhece. Sessenta e nove anos, salta vedações como se tivesse dois e anda de mota com jaqueta de couro e capacete. O efeito fica um pouco estragado pelo facto de o Ron não usar dentes, mas quando as pessoas perguntam onde estão, ele responde: «Deixei-os num frasco de compota quando morávamos na Norton Street. Devem ter ficado lá quando demoliram as casas.»

Não se rala nada com isso. «Posso comer o que quiser. Cebolas em pickle, tudo», insiste ele, e pode mesmo. Deve ter gengivas muito duras.

No seu tempo, o Ron foi conhecido por fazer um pouco de caça furtiva — tal como o meu pai. Quando eu era pequena, o meu pai desapareceu uma semana e disseram-me que tinha ido a Lincoln. Era verdade, mas só quando cresci descobri que na realidade tinha estado na prisão de Lincoln por caça furtiva.

Naquela época éramos muito pobres e era bastante comum as pessoas fazerem um pouco de caça furtiva para sobreviver. O meu pai era muito aberto quanto a isso.

«Sim, e voltava a ir para a prisão sete dias em vez de ver a minha família passar fome quando o Lord Brownlow tem todos aqueles coelhos a correr à solta nas terras dele», costumava ele dizer.

Tudo isso voltou quando o Ron estava ali a sorrir na receção do George Hotel, com o capacete pendurado na mão.

«Acabei de vir das vendas», contou-me ele. «Caramba, havia coisas boas por quase nada.»

E mais uma vez podia ter sido o meu pai a falar.

O pai adorava leilões e o que nós chamávamos «as pedras» no mercado. Grantham é uma antiga vila mercantil e ao sábado os agricultores traziam todos os produtos. Havia gado de um lado, depois os animais de estimação, cachorrinhos e gatinhos e pássaros em gaiolas, depois os móveis grandes e por fim as coisas pequenas dispostas «nas pedras» — pequenas áreas cercadas por grades com mesas cheias de caixas no centro.

O pai era atraído para as pedras e o que ele queria eram relógios. Tinha uma paixão por relógios. Tínhamos tantos relógios em casa que era incrível. Devia ouvir-se a casa a tiquetaquear como uma bomba-relógio da rua inteira. Quando penso nisso agora, pergunto-me porque raio não os guardámos? Valiam uma fortuna hoje em dia.

Havia relógios de carrilhão e relógios de avô, todos os tipos que se possam imaginar. O pai comprava-os baratos quando não funcionavam. Mexia neles até os pôr a trabalhar e depois, muitas vezes, se alguém admirava um relógio em particular, dizia: «Bem, podes ficar com ele.»

Dava-os todos.

Mas por muitos relógios que tivéssemos, o pai não resistia ao mercado. Na verdade, gostava tanto que continuou a visitar-nos do outro lado, como eu sei muito bem.

Tal como toda a gente em Grantham, o John e eu fazíamos as compras no mercado ao sábado. Havia um ditado em Grantham que dizia que, se quisesses encontrar algum velho amigo que não vias há anos, era só ir ao mercado de Grantham ao sábado que, mais cedo ou mais tarde, davas com ele.

Pois o John e eu, com o Terry a reboque, fazíamos compras e conversávamos e depois íamos até aos leilões nas pedras dar uma vista de olhos. Num dia em particular estávamos ali parados a espreitar por entre as grades quando reparei numa grande caixa de cartão em cima da mesa lá dentro. Não era permitido examiná-la, esperava-se que se licitasse e se tivesse sorte. Parecia uma loucura. Quem raio licitaria uma caixa de cartão sem saber o que tinha dentro?

Estava a abanar a cabeça com tanta loucura quando ouvi a voz do meu pai, clara como cristal.

«Licitaste aquela caixa, Dol», disse ele com firmeza.

E eu não hesitei. Quando o meu pai usava aquele tom de voz, obedecia-se — mesmo que já tivessem passado mais de trinta anos desde que ele partiu.

«Vou licitar aquela caixa, John», anunciei em voz alta.

O John olhou para mim como se eu tivesse estado demasiado tempo ao sol.

«Não sejas parva. Não sabes o que está lá dentro.»

«Eu sei, mas vou licitar», insisti, e fui em frente.

Obviamente havia mais algumas pessoas tão imprudentes como eu, porque a licitação subiu e subiu e acabou por chegar às dez xelins, o que era muito dinheiro na altura. Dez xelins! Pensei com o primeiro aperto de ansiedade. Mas o pai tinha-me dito para o fazer e ele devia ter visto qualquer coisa naquela caixa que era um achado.

Levantei a mão. «Sim, dez xelins!», gritei para o caso de não terem visto a minha mão.

E milagrosamente toda a gente desistiu e a caixa foi minha. O John abanou a cabeça, incrédulo, completamente sem palavras com tanto esbanjamento, e confesso que também eu tive alguns receios.

«E se estiver cheia de roupa velha ou ornamentos de gesso», pensei horrorizada. Mas mantive a cabeça erguida e entreguei os meus dez xelins com a maior confiança, como se soubesse que a caixa estava cheia de tesouros. Todo o caminho para casa senti um nó no estômago e entrei a correr assim que o John abriu a porta.

Pousei a caixa na mesa da cozinha e rasguei rapidamente o topo e o papel de jornal que a enchia.

Depois relaxei e um enorme sorriso espalhou-se pela minha cara.

Boa, pai. Não me desiludiu.

«John, olha para isto!», gritei, e tirei da caixa um serviço de chá de prata Queen Anne, seguido de um conjunto de talheres de prata com cabos de marfim maravilhosamente esculpidos.

Aquela caixa foi uma bênção. Foi para debaixo da minha cama e sempre que estávamos mesmo apertados, remexia lá dentro para tirar uma peça de prata para vender. A minha prata ajudou-nos a passar por bastantes tempos difíceis.

Tenho a certeza de que o pai continuou a ir às vendas connosco porque, um ano ou dois depois, aconteceu exatamente o mesmo, só que desta vez não foi uma caixa de cartão mas uma caixa de joias lacrada que

ele me disse para licitar. Quando a levei para casa, descobri que estava cheia de bonitas peças de joalharia.

Não deviam valer uma fortuna, mas trouxeram uns xelins quando eu estava no limite e não sabia como íamos aguentar-nos até ao fim da semana.

O Ron e eu passámos um tempo maravilhoso a recordar os velhos tempos. Houve uma época em que a casa dele era como uma segunda casa para mim e a mãe do Ron, a tia Aggie, foi muito boa para mim quando eu era pequena. A tia Aggie tinha uma paixão por rendas e tinha rendas drapejadas sobre os quadros e espelhos e rendas ao longo da prateleira da lareira. Na verdade, em qualquer sítio onde se pudesse drapejar renda, a tia Aggie drapejava.

Era muito bondosa. A primeira coisa que dizia quando entrávamos era: «Tens fome? Já comeste, miúda?» E havia sempre qualquer coisa para comer, mesmo que fosse só um bocado de pão com pingue. E quando eu tinha catorze anos e comecei a trabalhar e cheguei a casa com as mãos gretadas e a sangrar de esfregar pavimentos, foi a tia Aggie que as esfregou com vaselina e as enfaixou para mim.

Por isso fiquei espantada quando saí do hotel, entrei no Daimler e acenei ao Ron um dia, e uma senhora me disse: «Como raio foste arranjar um parente como o Ron Sutton?»

Fiquei a olhar para ela, espantada. Venho de um meio pobre e não me envergonho de o admitir. Tenho orgulho em ser uma Sutton, tal como o Ron. Isso tornou-me trabalhadora e autónoma. Há muitos anos, quando ele voltou de Arnhem com uma ferida na cabeça, o John descobriu que não conseguia trabalhar na fábrica. O barulho das máquinas deixava-o louco. Precisava de paz e de ar livre, por isso arranjou trabalho como jardineiro numa escola privada mesmo fora de Stamford.

Forneciam alojamento e eu faria um pouco de tudo — limpeza, substituir a diretora, cozinhar de vez em quando. Na entrevista mostraram-nos um apartamentozinho agradável dentro do edifício principal, mas quando chegámos com os nossos móveis, depois de termos desistido da casa que alugávamos, a dona anunciou que não podia permitir um homem no local com as raparigas, por isso íamos para a casa das carruagens.

Pois não queríamos acreditar no que víamos. O sítio tinha sido usado antes como estábulo. Havia ratos do tamanho de gatos e nenhuma cozinha decente. Outra mulher teria dado meia-volta e voltado direto para

Grantham e ninguém a poderia culpar — mas eu era uma Sutton e as Sutton, decidi, aguentavam. Tínhamos queimado os barcos em Grantham. O trabalho na fábrica estava a deixar o John doente. Teríamos simplesmente de fazer o melhor que pudéssemos.

Esfreguei o sítio de cima a baixo. Fiz render o peixe e aprendi a fazer pudins de Yorkshire numa frigideira em cima de um aquecedor elétrico virado ao contrário. Sobrevivemos e aguentámos seis meses até o John encontrar algo melhor.

Foi assim que fui criada e o Ron também e, por muitas coisas materiais que juntemos ao longo dos anos, continuamos a ser as mesmas pessoas. Porque raio não havia eu de ter um primo como o Ron Sutton?

Sim, viajar leva-me mesmo pela rua das recordações, mas isso não quer dizer que o presente não seja tão interessante como o passado. A Cornualha revelou-se tão bonita como as pessoas me tinham dito. As sebes estavam cheias de prímulas cor de manteiga, havia narcisos em todos os jardins e as casinhas de colmo pareciam mesmo tampas de caixas de chocolates ganhando vida. Era uma pena a chuva, mas através dos vidros corridos de água dava para ver que seria lindo quando o sol saísse.

Houve um pouco de dificuldade em reservar hotel. O Laurie encontrou um sítio convenientemente situado, mas quando telefonou pareceram hesitantes.

«São um grupo?», perguntou a rececionista.

«Suponho que sim», disse o Laurie, «somos quatro.»

A rececionista não tinha a certeza se isso contava. «Vai ter de falar com o gerente», disse ela.

O gerente também não foi muito encorajador.

«Doris Stokes», disse ele. «Nunca ouvi falar.»

Ainda assim, concordou que, se o Laurie enviasse confirmação por escrito, tudo bem. Pois o Laurie escreveu a carta, mas mesmo antes de partirmos uma dúvida fez com que telefonasse novamente ao hotel, só para ter a certeza.

Ainda bem que o fez, porque os quartos tinham sido alugados a outras pessoas.

Talvez tenha sido um erro simples, mas tive a sensação de que o gerente não queria gente como nós a ficar lá. Talvez pensasse que eu ia trazer fantasmas para o hotel ou fazer sessões estranhas no quarto!

Sem se deixar abater, o Laurie encontrou-nos outro sítio em Newquay, mas eu estava um pouco ansiosa com a receção que teríamos. Talvez não fôssemos bem-vindos na Cornualha.

Mostra bem como podemos enganar-nos. Não podiam ter sido mais simpáticos no hotel em Newquay. A própria gerente veio receber-nos, pedindo imensas desculpas porque tinha as mãos sujas.

«Estive a pôr plantas em vasos na estufa», explicou ela. Depois olhou para as nossas caras cansadas, olhos vermelhos da viagem de sete horas. «Parecem precisar de um chá», disse. «Venham instalar-se que eu trago-vos um bule. Pus o Sr. e a Sra. Stokes na vila porque temos um casamento esta noite e será mais calmo longe do edifício principal», e levou-nos lá fora, conversando como se fôssemos velhos amigos que vinham passar uns dias.

A vila acabou por ser uma casinha agradável nos terrenos do hotel e mal tínhamos pousado as malas já a gerente estava de volta com um tabuleiro de chá.

«Não se esqueçam. Se precisarem de alguma coisa, é só chamar.»

Foi uma visita atarefada. Tínhamos ido à Cornualha fazer um espetáculo de caridade a favor do Save the Children Fund num salão de escola em St Austell, onde também nos iam entregar um cheque para a mesma causa. Houve alguns momentos de pânico quando o Laurie descobriu que o homem que organizara tudo e fizera os arranjos não estava contactável no número de telefone que nos tinham dado. Tivemos visões aterrorizadas de termos feito toda esta viagem para nada, quando o Ramanov interveio com um conselho sensato.

«Contactem a estação de rádio. Eles encontram-no.»

«Genial», disse o Laurie e, de facto, pouco mais de uma hora depois do SOS ter passado na rádio local, o organizador telefonou-nos.

Enquanto estávamos na Cornualha, havia uma sessão que eu tinha de fazer. Aparentemente, havia uma rapariga que tinha tentado de tudo para conseguir uma sessão. Chegara a escrever para o *Jim'll Fix It*. Não me senti capaz de a recusar depois disso, especialmente estando na zona, por isso convidei-a a vir ter comigo.

Pois apareceram três: a Phyllis, que escrevera a carta, e mais duas raparigas, a Pat e a Nicola. Foi uma grande confusão, com pessoas do espírito a querer falar com todas elas, mas conseguimos resolver a maior parte. Descobriu-se que o marido da Phyllis, o Peter, tinha morrido

subitamente de ataque cardíaco enquanto jogava badminton e que o Peter era parente da Pat.

«É a minha irmã», disse ele.

Os pais do Peter, Bertram e Ivy, também voltaram para dizer olá e depois comecei a ouvir uma palavra estranha. Parecia mesmo «Catshole». Tentei ignorar, mas continuavam a enviar-ma. Bem, não sabia o que pensar. Parecia-me um bocado grosseiro, mas como insistiam tanto, decidi arriscar.

«Olhem, não sei o que fazer com isto», admiti, «mas estou a ouvir qualquer coisa como Catshole. Não sei o que significa…»

«Sim, Catshole!», exclamou a Pat deliciada. «É um lugar. Morávamos lá!»

Pareceram bastante satisfeitas com a sessão, mas não havia tempo para demoras, tínhamos de ir para St Austell. Troquei de roupa para o vestido longo, voltei para o carro e partimos por estradas estreitinhas com margens verdes e altas de ambos os lados. Continuava a chover. Se continuar assim, vou precisar de barbatanas em vez de vestido longo, pensei eu. Já tinha desistido há muito de me preocupar com o cabelo. Com tempo húmido fica como o de um boneco de trapos e eu devia parecer qualquer coisa que o gato arrastou para dentro. Mas em St Austell isso não importou nada.

Tivemos uma noite maravilhosa, gerou-se tanto amor naquele edifício escolar que, se o tivéssemos ligado à rede nacional, teríamos iluminado toda a Cornualha!

Tinham-se esforçado imenso com o palco e estava magnífico. Deviam ter esvaziado seis floristas. Havia vasos e vasos de narcisos e grandes cestos de flores para eu oferecer. Brilhava num dourado intenso mesmo com as luzes baixas e, quando os projetores acenderam, estava radiante.

Ninguém ficou de fora. À medida que o público entrava, ofereciam-lhes cravos brancos e a mim deram-me um lindo ramo de rosas amarelas.

A atmosfera foi maravilhosa desde o início e as vozes fluíram. Uma em particular ficou-me na memória porque foi uma lição para todos nós.

Um rapaz chamado Richard veio, muito perturbado por ter tirado a própria vida. Procurava a Lynne, disse, e o Stephen era filho da Lynne.

Uma mulher avançou logo.

«Sou a Lynne», disse ela, «o Stephen é meu filho e o Richard é meu filho no espírito.»

«O Richard está muito perturbado», comecei com tacto.

«Sim, Doris», disse a mulher, «ele deu um tiro em si próprio.»

Parecia bastante composta, por isso continuei.

«Ele tem uma rapariga com ele.»

«Sim, deve ser a minha filha, ela afogou-se.»

Parei, sem querer acreditar em toda a tragédia que estava a ouvir. «E acabou de se juntar a eles outro jovem que acabou de passar para o outro lado e… Oh meu Deus, não me digam que ele também se matou…»

«Sim», disse a mulher, «é o meu sobrinho, o Kevin. Tirou a própria vida há três dias.»

O horror cresceu. Vieram mais e mais nomes e a mulher reconheceu-os todos, recitando as suas tristes histórias uma a uma: «Oh sim, ele tirou a própria vida, ela fez o mesmo…» Até que no fim eu quase não conseguia falar. Que tragédia algumas pessoas sofrem, pensei, e no entanto o rosto daquela senhora estava sereno e ela conseguia sorrir.

«Tal como tu, Doris, vou vivendo um dia de cada vez», disse ela, «deve haver uma razão para isso.»

Tive de admirar tanta coragem. Que atitude maravilhosa. Ela tinha toda a razão, claro, mas na mesma situação não sei se eu teria força para simplesmente confiar e acreditar que tudo acontece por uma razão.

Houve grande amor e desprendimento nessa noite. Mais tarde ouvi o nome Maria.

«Quem é a Maria?», perguntei.

«Sou eu», disse uma senhora italiana, descendo para o microfone.

Trouxe o filho dela e, enquanto falava com ele, senti que me punham na mão qualquer coisa fria e com nós. Era um rosário.

«Ele pôs-me um rosário na mão», disse eu, «por isso sei que tu puseste um com ele.»

A Maria desfez-se em lágrimas. «É isso, era só o que eu queria saber», soluçou aliviada, perfeitamente contente por se afastar e deixar outra pessoa ter a sua vez agora que tinha a única prova que lhe mostrava que o filho continuava perto.

A mesma atitude altruísta tocou toda a gente. Fizeram um sorteio de uma boneca linda durante a noite e mais tarde, quando eu estava a tomar um chá numa das salas de aula, a vencedora pediu se podia vir falar comigo.

Entrou, com lágrimas a correr-lhe pela cara, a magnífica boneca nos braços.

«Doris, a minha filha só tem dezasseis meses, é muito nova para isto», disse ela, «gostava que ficasses com ela para o Save the Children Fund.»

A boneca era requintada, toda vestida de organza prateada, mas pensei que uma criança preferiria uma boneca que pudesse despir. Por isso, quando chegámos a casa, pedi a uma amiga habilidosa que fizesse um conjunto de roupa e roupa interior que se pudesse tirar e pôr outra vez, para eu oferecer a boneca à unidade de medula óssea do Westminster Hospital, para alguma menininha assustada brincar.

Houve mais surpresas maravilhosas em St Austell. Quando a demonstração terminou, duas criancinhas subiram ao palco carregando entre elas um cheque gigante de 2000 libras, exatamente como os cheques gigantes dos prémios da lotaria que se veem na televisão. Entregaram-mo para o Save the Children Fund e depois foram-se embora, só para voltarem com a Tracey, uma menininha que mal conseguia com o peso de uma enorme caixa de guloseimas da Cornualha, e o Stephen, o menininho, trazendo um conjunto de pequeno-almoço de cerâmica da Cornualha. Presentes da Cornualha para eu guardar.

Depois um senhor levantou-se e disse que tinha escrito um poema especialmente para mim. Chamava-se Basil Thorne e subiu ao palco para o ler. Era assim:

Os encantos místicos e mágicos da Cornualha
Recebem-te, Doris, de braços bem abertos,
Precisamos do teu dom para fortalecer aqueles
Em cujo peito ainda repousam dúvidas.
Queremos saber mais do poder que vem de dentro,
Que recebes dos nossos parentes e amigos,
Acreditamos firmemente e sabemos que é verdade,
Que os Espíritos transmitem os seus pensamentos através de ti.
Os nossos dons são muitos, variados e livres,
Todos ramos diferentes da mesma árvore,
Temos todos de tirar o máximo proveito dos dons que temos
E usá-los para fortalecer os fracos e os tristes.
Uma coisa é certa, nem sempre escolhemos
O caminho certo para melhor usar os nossos dons,

Esperamos que a tua visita ajude de alguma forma
A esclarecer as coisas para o nosso povo hoje.
E agora, querida Doris, apressemo-nos a dizer
Que é maravilhoso ter-te connosco hoje,
Esperámos tanto tempo, por isso escuta, rogamos-te,
Esperamos que da próxima vez venhas ficar mais tempo.

Depois entregou-me uma cópia, tudo lindamente escrito em papel creme espesso e amarelo. Mas não acabou aí. Quando o Basil saiu do palco, duas jovens, Karen Retallick e Norma Arthur, subiram para me cantar uma canção que elas próprias tinham escrito e composto. Era uma canção especial de boas-vindas e o refrão dizia: «Boas-vindas da nossa parte, povo da Cornualha, à terra das pasties e do clotted cream.» *(Pasteis salgados e creme coalhado)*

Quando terminaram, tinha os olhos tão cheios de lágrimas que mal conseguia ver o palco. Senti-me completamente emocionada. A viagem tinha sido longa e cansativa, mas o amor que me mostraram em St Austell valeu cada quilómetro.

E exatamente quando estava a sair do salão, um homem debruçou-se da plateia e disse: «E o Don Lane Show, Doris?»

Parei, surpreendida. O Don Lane Show estava tão longe dos meus pensamentos que tive a certeza de que tinha ouvido mal.

«Como disse?»

«O Don Lane Show», repetiu o homem, «a última vez que te vi, Doris, foi na Austrália!»

Não consegui evitar sorrir. Que mundo pequeno. Tinha vindo até à Cornualha para me lembrar do dia em que tudo começou — quando apareci no Don Lane Show na Austrália.

Quando voltámos ao hotel, a gerente tinha-se certificado de que as luzes estavam acesas na vila, a mesa posta com carnes frias e salada e havia sacos de água quente a aquecer as nossas camas. Foi o final perfeito para uma noite perfeita.

Para completar, na manhã seguinte, quando estávamos a partir, a chuva parou mesmo e o sol saiu. A baía estava toda azul e cintilante enquanto nos afastávamos e vi o que pareciam pinguins pretos e brancos a balouçar na água.

Pinguins? pensei. Na Cornualha! Mas quando nos aproximámos, eram rapazinhos com fatos de surf preto e branco a fazer surf!

Parecíamos passar muito tempo na estrada naquela primavera e nem quero pensar nos quilómetros que fizemos. Cruzámos e recruzámos o país de uma ponta à outra e, além da noite de caridade em St Austell, pediram-me para falar num jantar literário em Yorkshire.

Fomos subindo e subindo pelos pântanos até os ouvidos nos estalarem e eu mal ousava olhar pela janela porque tenho medo de alturas.

«Quando disseste Yorkshire, Laurie», comentei ao passar mais um precipício, «pensei que querias dizer uma cidade qualquer.»

«Eu também», disse o Laurie.

Mas acabámos num belo hotel antigo perdido nos pântanos. Era um sítio encantador, todo em vigas e grandes lareiras com lenha, e houve tempo para uma sesta nos quartos antes do jantar.

Às sete e quarenta e cinco descemos para o bar onde toda a gente se encontrava e não queríamos acreditar no que víamos. As pessoas estavam apertadas, ombro com ombro, e traziam mesas extra para a sala de jantar. Como conseguiram meter tanta gente lá dentro não sei, mas o Robbie, que conduz o nosso Daimler, estava tão encostado que só conseguia usar a mão esquerda! Conseguiu apanhar uma ou duas cenouras quando passavam, contou-nos depois, mas foi mais ou menos tudo!

O Johnny Morris era o outro convidado nessa noite. Esperávamos que ele contasse histórias de animais, mas em vez disso cantou a Floral Dance, o que foi certamente uma mudança. Não se associa o Johnny Morris a cantar.

Depois foi a minha vez. Mais cedo, enquanto me preparava, tinha ouvido o nome Cocklin e, embora não soubesse o que as pessoas do jantar literário iam achar de mim, perguntei se estava alguém presente que conhecesse o nome.

«Sim, sou eu», gritou uma senhora surpreendida. «Sou a Sra. Cocklin.»

Estava lá com o marido, que aparentemente viera com a maior relutância.

«Vou passar uma noite fora», dissera ele, «mas é tudo treta.»

Bem, estava eu a conversar com a Sra. Cocklin quando de repente uma voz feminina nos interrompeu.

«Ah, já agora», disse eu, «tenho aqui uma senhora chamada Lizzie que quer falar com o teu marido.»

O homem ao lado dela, um pouco corado pelo vinho e pelo calor que toda aquela gente gerava, levantou-se com uma expressão atónita.

«Não acredito nisto. Disse à minha mulher no caminho para cá que, se houvesse alguma hipótese de a minha mãe voltar, ela voltaria, mas não havia. E aqui estás tu a contactá-la. Nunca ninguém lhe chamava Elizabeth. Era sempre Lizzie.»

Estávamos lançados. Um rapaz chamado Ashley voltou para a mãe dele. Depois veio uma Sra. Turner.

«Quem é o Ronnie, vivo?», perguntei.

«O Ronnie é o meu marido», disse ela com uma voz tão surpreendida que acho que suspeitou que o Ronnie me tivesse passado um bilhete por baixo da mesa ou coisa assim.

Continuou e continuou e era quase meia-noite quando conseguimos escapulir-nos para o quarto. Mal tinha tirado os sapatos quando bateram à porta. Era o organizador.

«Desculpe, Sra. Stokes, mas tem de autografar livros. Há uma fila enorme.»

Por isso lá voltei e autografei livros até à uma da manhã. Foi o jantar mais longo da minha vida!

Um ou dois meses depois havia outra viagem maravilhosa na agenda, desta vez para Portsmouth. Infelizmente, quando lá chegámos, estava muito cansada — mas a culpa foi minha.

A visita a Portsmouth coincidiu com o jantar-dança do Psychic News. Ora, normalmente, exceto por trabalho, o John e eu quase nunca saímos. Viajamos tanto e vamos a tantos eventos por dever, por assim dizer, que gostamos de passar o tempo livre estendidos em casa. A última coisa que queremos nas nossas noites livres é vestir-nos a rigor e sair para a cidade!

O jantar-dança do Psychic News, porém, é a única exceção do ano. É a oportunidade de encontrar os velhos amigos, pôr a conversa em dia e descontrair se nos apetecer, e nunca faltamos. Este ano em particular ia ser divertido, eu sabia, porque o Russell Grant ia estar lá e o Derek Jameson era o convidado de honra e ia fazer o discurso e, conhecendo o sentido de humor do Derek, tinha de ser hilariante.

Pois passámos um tempo fantástico. Dancei todos os bailes e só saímos no fim, embora fôssemos diretos para Portsmouth depois. Os pés

matavam-me quando saímos. A culpa foi inteiramente minha, claro, mas como disse ao público no dia seguinte, quando rapazes bonitos e jovens nos convidam para dançar na minha idade, temos de aproveitar quando podemos!

Se tivéssemos podido partir logo, não teria sido tão mau, mas foi aí que descobri que tinha esquecido os meus comprimidos. Os meus comprimidos são vitais. Tenho de os tomar todos os dias da minha vida porque me removeram a tiroide depois de ter sido ferida por um doente quando era enfermeira de saúde mental.

Por momentos pensámos que teríamos de voltar a casa para os ir buscar, mas depois o Laurie teve uma ideia genial.

«Vamos passar no hospital. Dão-te alguns, Doris.»

O hospital ficava mesmo ali ao virar da esquina e disseram que sim, não havia problema, mas eu precisava de ver o médico. Lá fomos nós, todos janotas, eu de vestido longo e o John de fato elegante, e sentámo-nos nas urgências meia hora. Já passava largamente da meia-noite, mas estávamos tão excitados com a dança que estávamos bem acordados.

Por fim o médico chamou-me.

«Na verdade, nem precisava de a ver», confessou ela, «mas já a ouvi na rádio e na televisão e queria conhecê-la!» Mas arranjou-me os medicamentos e finalmente partimos.

Bem, pensei, mais hora e meia e estaremos quentinhos e confortáveis no hotel. O que só mostra como nos podemos enganar mesmo sendo médium!

Pouco depois de sair de Londres, demos com um acidente grave na estrada e ficámos ali parados mais de uma hora enquanto esperávamos que as ambulâncias e os reboques limpassem tudo.

Coitado de quem levou esta noite, pensei. Não se podia queixar. Ficávamos ali sentados, gratos por estarmos salvos.

Chegámos finalmente ao hotel às quatro da manhã. Quase aos tropeções de cansaço, o John e eu entrámos no quarto e fomos recebidos por um grande cesto de fruta de boas-vindas e uma carta endereçada a Doris Stokes.

«Meu Deus, quem sabe que eu estou aqui?», disse eu ao John. «Só cá estamos duas noites.»

Mas não era uma carta angustiante a implorar uma sessão, era apenas um bilhetinho do contabilista-chefe a agradecer-me os livros porque tinha gostado imenso deles.

Como era de esperar, pagámos a nossa noite aventureira sentindo-nos particularmente lentos quando nos levantámos. Bem te está direito, Doris, disse para mim própria. Se te pões a dançar a noite toda como se tivesses dezoito anos, o que é que esperavas! Mas à medida que a hora do espetáculo se aproximava, deixou de ter graça.

Não sei mesmo como vou fazer isto, pensei enquanto ia a contragosto preparar-me. Mas quando comecei a sintonizar-me, na casa de banho como faço sempre na esperança de apanhar alguns fragmentos para pôr a bola a rolar no teatro, entrou um menininho. Tinha cerca de dez anos, cabelo claro, e trazia uma t-shirt com letras na frente.

«Olá, querido», disse eu enquanto secava a cara.

«Kittiwick», disse o rapaz, e «Sylvia», e um pouco mais tarde, mesmo antes de se ir embora, «Brent».

Não conseguia perceber se era um lugar ou um nome, mas quando ele desapareceu, pus a cabeça de fora da porta da casa de banho e chamei o John.

«Podes ajudar-me a lembrar-me, amor? É para esta noite. Kittiwick, Sylvia e Brent.»

«Kittiwick, Sylvia e Brent», repetiu o John. «Não parece grande coisa.»

«Não, eu sei, mas era um menininho e aposto que a mãe dele está na plateia esta noite.»

A caminho do teatro nessa noite, parámos num semáforo e um carro vermelho encostou ao nosso lado. Havia quatro jovens lá dentro e, quando nos viram, começaram a gritar «Olá, Doris!» e a acenar com os bilhetes. O semáforo mudou, o carro vermelho arrancou à frente e de repente apareceu na janela traseira uma grande folha de papel que dizia:

«Adoramos-te, Doris!» e, ainda a acenar e a gritar, os miúdos guiaram-nos até ao teatro.

Depois de uma receção tão calorosa, fiquei surpreendida por encontrar o gerente do teatro um pouco frio. Não conseguia entender. Já tinha estado em Portsmouth antes e tudo correra bem, mas este gerente em particular não estava lá na altura, por isso talvez não soubesse. Ou talvez estivesse

simplesmente aborrecido por ter de trabalhar ao domingo. Fosse o que fosse, senti que não parecia assim tão contente por nos ver.

Felizmente o público não parecia partilhar os sentimentos dele. Quando entrei no palco, não se limitaram a aplaudir, bateram com os pés e gritaram. E mais, a Sylvia estava na plateia e o significado da visita do menininho tornou-se claro.

A Sylvia morava em Kittiwake Close, tinha perdido o filho de dez anos, Matthew, e o amigo dele chamava-se Brent. Voltei a trazer o Matthew quando me sintonizei e toda a história trágica veio ao de cima.

A Sylvia tinha ido às compras e o Matthew implorara para ficar sozinho a brincar com o amigo. Algum tempo depois de a mãe ter saído, o Matthew decidiu que queria qualquer coisa de casa e, impulsivamente, tentou trepar por uma das pequenas janelas abertas no topo da janela principal.

«Fui tão mau. Tão mau», disse o Matthew, agora arrependido. De alguma forma escorregou com a cabeça presa na janela e partiu o pescoço.

«A mãe não voltou a casa desde então», contou-me o Matthew, «mas tem todas as minhas fotografias penduradas.»

Não percebi como isso era possível, mas a Sylvia confirmou que era verdade «Oh sim. Uma amiga foi buscá-las para mim», disse ela.

Quando saí depois da primeira parte, o gerente era outro homem. Pôs-me os braços à volta e deu-me um grande abraço.

«Foi maravilhoso», disse ele, «da última vez que tivemos alguém como tu aqui foi embaraçoso e pensei que esta noite seria igual, mas que diferença. Foi maravilhoso.»

E lá veio o serviço de chá de prata para o meu chá do intervalo e tudo ficou bem. Estava aceite.

O resto da noite correu igualmente bem. Durante todo o tempo estive um pouco intrigada porque continuava a ouvir o nome Daisy mas ninguém o reclamava. Depois, na altura das perguntas, uma velhinha veio ao microfone perguntar sobre a irmã Maisie.

De imediato percebi.

«Não era Daisy que eu estava a ouvir, era Maisie!», exclamei e logo a Maisie voltou.

«Passei para o outro lado com um tumor no cérebro», disse ela, «e agora a minha irmã tem a mesma coisa.»

A irmã estava preocupada com o sofrimento que poderia ter de passar, mas a Maisie acalmou os seus medos.

«Não te preocupes, é tão fácil como escorregar em manteiga vir para aqui», assegurou-lhe ela, «e eu estarei lá para te dar a mão.»

O rosto da velhinha iluminou-se. «Agora já não tenho medo. Não se a Maisie estiver comigo.»

A outra surpresa agradável foi que a Joan Scott Alan estava na plateia, sem eu saber. Nunca tinha conhecido a Joan, mas tinha dado uma mensagem à filha dela durante uma demonstração em Nottingham no ano passado. Tinha dado à filha o nome completo da Joan, o facto de ela tratar de doentes mentais e que escrevia poesia linda inspirada pelas pessoas do espírito.

A filha, Pauline, ficou tão impressionada que telefonou à mãe no dia seguinte e a Joan escreveu-me, enviando uma cassete com alguns dos seus poemas. Eram realmente lindos e publiquei um dos meus favoritos no meu último livro.

Algures no fundo da minha mente, suponho que tinha registado que a Joan morava perto de Portsmouth, mas não tinha notícias dela há algum tempo e nem me passou pela cabeça quando entrei no palco. Fiquei absolutamente encantada, porém, quando veio uma mensagem para ela e ela veio ao microfone e pudemos encontrar-nos pela primeira vez.

«Joan, estão a dizer-me que te aposentaste da enfermagem», disse eu.

«Sim, Doris, aposentei-me.»

«Mas continuas a escrever os poemas.»

A Joan sorriu. «Sim, na verdade trouxe alguns esta noite para te dar. Há um especial que dediquei a ti.»

Mas as pessoas do espírito ainda não tinham acabado.

«Dizem-me que deves concentrar-te na poesia mas esquecer a música», repeti. Parecia um pouco pena porque a Joan anteriormente punha música nos poemas, mas talvez estivesse a gastar energia vital na música quando a parte importante do seu trabalho eram as palavras.

«Ah, percebo», disse a Joan, talvez um pouco desapontada.

Ainda assim, depois deixou-me um monte de poemas e, como sempre, eram absolutamente lindos.

Este é o que ela me dedicou:

O Intervalo
O meu breve encontro na terra
Foi agridoce — tive de procurar
Não suportava a dor e o sofrimento
Que sabia que daria mas não em vão.
O sacrifício que tive de fazer
Para ajudar esta alma a seguir o seu caminho
A dor atroz, o sofrimento silencioso
Tantas almas falariam através dela.
Fiz a minha viagem até à terra
Sozinha ela deu-me à luz
Agarrei-me com amor ao seu peito
Para descansar em doce serenidade.
O amor de mãe envolveu o ar
Ela lavou-me e cuidou de mim com carinho
Nenhum amor maior poderia ser dado
A uma pequena alma enviada do céu.
Orgulhosamente me exibiu
A avó ria — e depois afastava-se
«Vais mimar essa criança», repreendia muitas vezes
A resposta da mãe era um abraço mais apertado.
O seu amor emanava da alma
O amor de mãe que não se controla
Eu sabia a dor que ela teria de suportar
Quando me tirassem dos seus cuidados.
Cantava-me canções de embalar à noite
Eu agarrava-me a ela com toda a força.
Sabia que o intervalo era breve
Perdoa-me, mãe — beijo-te os pés.
Durante muitos meses ela caminhou sozinha
Com olhos pesados e coração de pedra
A sua alma angustiada gritava de dor
John Michael, por favor volta outra vez.
Os seus gritos foram ouvidos, as suas mágoas partilhadas
As pessoas daqui cuidaram realmente
Mas todos sabiam que um dia em breve
Os dons que ela tinha floresceriam plenamente.

Encontrei-a nos sonhos dela à noite
Para lhe mostrar que eu estava bem
Rastejei para ao lado dela, vi-a dormir
O seu rosto lindo fez-me chorar.
Querida mãe, tenho tanto orgulho de ti
De todas as coisas amorosas que fazes
Tantas almas confortas e trazes
Os coros celestiais cantam para ti.
Por favor, posso ser perdoado
Por te deixar para ir para o céu
As obras do Pai temos de fazer
E alguns são os poucos especialmente escolhidos.
Quando o teu trabalho terreno estiver concluído
Serás mais do que bem-vinda na minha casa
Terás tempo para parar e olhar
E compreender exatamente o que partilhámos.
Até esse dia, querida amiga, querida mãe
Eu vigio-te e guardo-te como ninguém
A tua vida terrena será sempre
Um caminho de amor e serenidade.
Antes de ir fico tão triste
Por não ter incluído o pai
O papel que ele desempenha e o amor que partilha
Não é esquecido lá em cima.
Minha mãe, serás sempre
Uma verdadeira companheira para mim
O amor que deste no meu intervalo
Está a ser-te devolvido.
E agora a minha história foi contada
Vai em paz até envelheceres Ajudas o
Reino a chegar E eu tenho orgulho de ser teu filho.

Gostaria de poder dizer à Joan o quanto este poema significa para mim. Leio-o vezes e vezes sem conta até as lágrimas me correrem pela cara. É a história da perda do meu bebé John Michael, contada do ponto de vista do John Michael e, se conseguir viver à altura das palavras desse poema, ficarei muito satisfeita comigo própria. A Joan captou

perfeitamente a maneira como tento viver a minha vida, para que a minha família do outro lado não tenha vergonha de mim quando eu chegar. Claro que muitas vezes falho, mas pelo menos tento.

Um dos meus outros favoritos do maço que ela me entregou mostra uma grande compaixão pelos pais de crianças com deficiência:

Lamento de um Pai/Mãe
Toquem os sinos Bem alto das colinas
Nasceu uma criança
Os nossos corações transbordam
De amor e orgulho e alegrias incontáveis
Que beleza perfeita para contemplar
Vemo-la crescer
Com corações tão cheios
De amor e carinho
Mas ela não é parva
No momento em que ambos nos afastamos devagarinho
Daquele berço bonito onde ela repousava
Um grito ecoa
Uma mão gelada aperta-nos o coração
Aquele grito é algo completamente diferente
Um som diferente — o que poderá ser?
A nossa filhinha está quase a fazer três anos
Vemo-la brincar
Porque não anda?
Todas as outras crianças parecem falar.
Com o coração pesado procuramos conselho
E descobrimos que esta alma pagará o preço
Dizem-nos em tom suave
Que esta criança nunca poderá ficar sozinha.
Ó Deus, os nossos corações gritam de dor
O que fizemos para
Te desagradar
Para criarmos uma criança em vão?
O bom Deus ouviu o nosso grito e disse
Silêncio agora, levem a vossa filha para a cama
Depois escutem o que vos digo — deixem-me explicar

Estas crianças são os meus dons preciosos
Não é para vos causar dor.
Se pararem e pensarem bem
O meu dom especial enviei-vos
Para vos ensinar as coisas simples da vida
E acima de tudo ela está protegida da luta.
O mundo é um lugar tão ganancioso
Onde homem luta contra homem
E o ódio enfrenta o ódio.
Os nossos bens materiais exibimo-los com orgulho mas quando partimos para onde vão eles?
Para serem transmitidos?
E assim continua
NÃO isso é meu
NÃO é para a tia Rosa.
Já ouviram tudo isto antes?
Pois agora bato à vossa porta
O meu dom especial vos dou para que aprendam com ela a viver.
Uma vida plena e muito doce
Com o rosto voltado para cima sentada aos vossos pés
Com amor que derrete o coração mais duro
Tomem esta criança à parte
Vejam-na tentar falar e cantar
E depois agradeçam a Deus por tudo.

Os poemas da Joan são sempre uma grande alegria de ler e fecharam-me aquela noite maravilhosa de forma perfeita. Quando a demonstração terminou, o público enlouqueceu.

Havia tantos aplausos, bater de pés e acenos de lenços que quase me puxaram do palco. Olhei para as filas ondulantes de rostos que gritavam, todos os 2000, e não importava o quão exausta tinha estado antes — soube que estava a fazer a coisa certa. Estava no caminho certo, a fazer o trabalho para o qual nasci.

CAPÍTULO 12

Não queria acreditar no que via quando abri o jornal.

BATALHA DAS SUPERESTRELAS PSÍQUICAS gritava a manchete gigantesca espalhada por duas páginas e por baixo vinha uma reportagem sobre demonstrações minhas e da médium Doris Collins como se fôssemos arquirrivais a lutar pela supremacia.

Foi irritante porque é completamente falso. A Doris Collins e eu conhecemo-nos há anos. Chegámos mesmo a partilhar o prémio de Espiritualista do Ano do Psychic News. A Doris é uma médium muito boa e eu respeito-a. Os nossos estilos são diferentes, tal como duas pessoas quaisquer que trabalham no mesmo campo trazem as suas personalidades distintas para o trabalho, mas não há certamente necessidade de «batalha». Há mais do que trabalho suficiente para nos manter ocupadas, a nós e a Deus sabe quantos outros médiuns, pelo resto das nossas vidas.

Mais do que tudo, a notícia foi uma desilusão. O jornalista tinha vindo a uma reunião pública nos Fairfield Halls, em Croydon, e tínhamos tido provas maravilhosas. Trouxe dois pares de gémeos, incluindo um que tinha passado para o outro lado depois de um parto prematuro. A pobre mãe entrara inesperadamente em trabalho de parto durante férias na Grécia e perdera os dois bebés.

«Estás de luto, querida, porque os deixaste na Grécia», disse eu. «Voltaste para casa e deixaste lá os teus bebés.»

«É verdade», soluçou ela.

«Pois não os deixaste, querida, porque eles estão aqui contigo agora. Duas menininhas e estou a ouvir os nomes Amy e Donna.»

«Foi assim que lhes chamei!», exclamou ela e todo o seu rosto se iluminou.

Pouco depois ouvi o nome Stephen.

«Quero um menino chamado Stephen», disse eu. «Do nosso lado da vida.»

E, para minha surpresa, um menininho, com não mais de oito ou nove anos, veio a correr para o palco.

«Sou o Stephen», gritou ele, enquanto atrás dele a mãe tentava acompanhá-lo.

Era uma voz masculina com quem eu estava a falar e, como a mulher não parecia ter idade para ter um filho adulto, pensei que devia ser o pai do Stephen.

«É uma voz de homem, querida», disse-lhe eu, «uma voz jovem.»

«Sim, é verdade. Perdi o meu marido quando o Stephen tinha apenas seis meses», disse ela.

«O meu pai sabe quem eu sou, o meu pai sabe que eu estou aqui?», perguntou o Stephen, aos saltinhos.

«Sabe, sim, querido», garanti-lhe eu e, para o provar, o pai disse: «Diz-lhe que eu sei do Simon. É um grande valentão.»

«É mesmo», concordou o Stephen. «Aliás, deu-me um olho negro na semana passada.»

«Pois enfrenta-o, filho», disse o pai, «e se não conseguires bater-lhe, dá-lhe um pontapé. Só é preciso enfrentar um valentão uma vez.»

O Stephen ficou ali a absorver tudo, a cabeça de lado. Era uma alma adorável, muito à moda antiga e bem-falante.

«Ele gosta do Tim, porém», continuou o pai.

«Conheces algum Timothy?», perguntei. «O teu pai diz que se dão bem.»

«Oh sim, é um bom rapaz», disse o Stephen.

Depois o pai começou a falar de outros membros da família. Mencionou a Kitty, mas antes que a mãe do Stephen pudesse responder, o Stephen adiantou-se outra vez. «Está a falar da tia Kit, mamã.»

«A Kitty é muito boa para ele», disse o pai.

«Bem, na verdade não a vejo muitas vezes», disse o Stephen, «mas quando a vejo é muito boa para mim.»

No fim da mensagem disse ao Stephen: «Como é uma ocasião muito especial porque nunca viste o teu pai, vou dar-te o grande arranjo de flores do centro para levares para casa. O teu pai diz-me que a tua mamã tem carro, por isso ela consegue transportá-lo.»

Então o Stephen subiu ao palco e saiu aos tropeções com o arranjo de flores que era quase do tamanho dele.

Pensei que tinha sido a última vez que via o Stephen, mas depois da demonstração terminar, quando eu estava a relaxar no camarim, bateram à porta. Era o Stephen a trazer-me uma única flor do ramo.

«É para te dizer que te amo», disse ele.

Pus-lhe os braços à volta. «Eu também te amo», disse eu. E de repente houve um grande flash e olhei para cima e vi que o fotógrafo do jornal ainda lá estava, a tirar fotografias.

«Há um fotógrafo a tirar-nos fotografias», sussurrou o Stephen.

«Sim, eu sei», disse eu, «vamos sair no Sunday Mirror.»

Os olhos do Stephen arregalaram-se. «A sério? Vamos? Que giro!»

Ele ficou entusiasmado com a ideia e ansioso pelo dia em que o jornal saísse. Eu também esperei com ansiedade para ver as fotografias de nós os dois e da florzinha.

Mas quando o dia chegou não havia menção ao Stephen nem fotografia. Em vez disso, apenas esta parvoíce da batalha das superestrelas psíquicas. Foi uma pena tão grande e consigo imaginar como o Stephen deve ter ficado desiludido.

Devo dizer, para ser justa, que os jornais são na sua maioria muito simpáticos comigo e já tive artigos lindos. É estranho ver-mo-nos como os outros nos veem e algumas das descrições fazem-me rir. O John Slim, do Birmingham Evening Post, foi muito simpático e tinha uma maneira divertida de escrever…

«Ela solta uma gargalhada repentina e rouca que atinge o quarto de hotel como meia centena de quilos de cascalho atirados de um balde…», escreveu ele, «Doris Stokes… é uma mistura maternal de humildade e bom humor que transporta o seu generoso volume com a implacabilidade de um couraçado benevolente…»

O John e eu rimo-nos às gargalhadas com aquela.

«Quando começam a descrever-te como um couraçado, está mesmo na hora de fazer dieta!», suspirei eu.

Uma entrevista que me deixou ansiosa foi com a Jean Rook do Daily Express. Parecera muito simpática ao telefone, mas eu ouvira dizer que podia ser muito cortante por escrito e não conseguia imaginar o que diria de mim. Se quisesse, seria bastante fácil fazer um artigo a gozar com espíritos e fantasmas.

A Jean tinha uma agenda muito apertada e, com uma coisa e outra, acabou por vir entrevistar-me na minha cama de hospital. Tive de ir para o hospital uns dias para exames — como tenho de fazer regularmente desde que tive cancro — e a Jean obviamente não achava grandes as minhas hipóteses porque escreveu depois:

«A Sra. Stokes estava deitada na cama, pálida como o seu négligé de cetim creme. E parecia demasiado perto, para meu conforto, do Limiar que ela diz atravessar com a mesma naturalidade com que a maior parte de nós passa de uma divisão para outra.»

A única coisa que a Jean não queria era uma sessão. Ergueu uma grande barreira e foi muito enfática em que não queria falar com ninguém. Era estritamente uma entrevista. Ainda assim, ela era grande amiga da Diana Dors e, enquanto lá estava, a Diana apareceu.

«A Jean é muito boa a ténis, sabias?», disse ela.

Isso abalou um pouco a Jean, acho eu. Afinal, a Diana nunca soubera que a Jean jogava ténis e, na verdade, tornara-se tão entusiasta do jogo que estava a mandar construir um court de ténis em casa.

Depois disso, mantive-me sobretudo nas perguntas, mas às vezes aconteciam coisas que eu não conseguia evitar. A Jean ficou muito tempo e até esperou enquanto eu ia a um exame em particular. No regresso ao quarto senti a Diana comigo.

«Ó Di — podes ir ver os resultados por mim?», pedi, porque era esse o exame que me preocupava.

Ela desapareceu num instante e momentos depois estava de volta. «Está tudo bem, miúda. Estás limpa», disse ela.

De volta ao quarto, sorri à Jean. «Está tudo bem. Agora posso relaxar e tomar um chá. Estou limpa. A Diana acabou de me dizer.»

A Jean pareceu algo duvidosa e não comentou, mas mais tarde o médico passou por lá.

«Está tudo bem, doutor, já sei os resultados», disse-lhe eu alegremente, «estou limpa.»

Ele sorriu. «Sim, está.»

Depois, mesmo quando ela já se ia embora, fiz o mesmo outra vez. Mais cedo ouvira o nome Eileen e de repente voltou ligado a um homem que passou muito rapidamente com um ataque cardíaco.

Não significava nada para a Jean, mas o fotógrafo ficou pálido.

«O nome da minha mãe é Eileen e o meu pai morreu de ataque cardíaco há sete meses», disse ele, trémulo.

«Pois diz à tua mãe que o teu pai está bem agora, querido», disse-lhe eu.

Depois disso, não conseguia imaginar o que a Jean escreveria e fiquei um pouco nervosa até o jornal sair. Mas não precisava de me preocupar.

Foi isto que ela escreveu:

Médium Rara Faço uma trapalhada quando os espíritos estão todos a tentar falar comigo ao mesmo tempo, diz Doris Stokes

Mesmo para os céticos, a Sra. Doris Stokes é o fenómeno psíquico definitivo.

Poucas pessoas neste mundo — mesmo com um pé no próximo — conseguem encher o London Palladium com lotação esgotada de 2000 lugares, mais pessoas em pé. E nem um olho seco na plateia que chorava, aplaudia e delirava.

A Sra. Stokes é uma central telefónica incorporada para o Outro Mundo. Afirma falar com os mortos. Liga-os aos parentes vivos. Recebe mensagens do Grande Desconhecido como um serviço de atendimento.

Para multidões em luto, esta espiritualista de 65 anos é o antídoto para a ferroada da morte. É a Vitória, num vestido de noite bordado de 100 libras, sobre a sepultura.

Acreditem ou não em uma única palavra do que ela diz que os mortos lhe contam, a sua entrega é impressionante. Rejeita todo o hocus-pocus à luz de velas e ambientes sombrios. O público recebe apenas uma dona de casa bem iluminada, rechonchuda, grisalha e com permanente, a falar para um telefone imaginário com os entes queridos que não estão perdidos.

Dá aos pais desolados de um jovem de 17 anos, que morreu de ataque cardíaco, toda a conversa que eles querem ouvir: «Muda aquela fotografia a cores que tens dele, querida — ele não gosta, diz que o cabelo não está bom.»

Stokes é a médium completamente moderna. Vai atuar três noites de domingo no Palladium este verão — já esgotado.

Conforto Nem os Frankie Goes to Hollywood provocam maior corrida aos bilhetes do que Doris Vai para o Outro Lado e Volta.

Quando nos encontrámos na semana passada no Guy’s Hospital, em Londres, para uma rara «sessão privada», a Sra. Stokes estava deitada na cama, pálida como o seu négligé de cetim creme. E parecia demasiado perto, para meu conforto, do Limiar que ela diz atravessar com a mesma naturalidade com que a maior parte de nós passa de uma divisão para outra.

Sobreviveu a 13 operações ao cancro. «Quando disse ao Dick Emery que tinha perdido um peito, a tiroide, o útero, um grande pedaço de intestino e o ovário direito, ele brincou: “Doris, querem-te no Outro Lado

mas tens demasiado trabalho para fazer, por isso estão a levar-te aos poucos".»

Acrescentou: «Não estou preocupada com os exames de hoje. Levei a Diana Dors comigo à radiologia e ela já verificou os resultados e disse-me que estou limpa. Por isso agora podemos fumar um cigarro e relaxar», disse, acendendo o seu Menthol.

Saberia a Sra. Stokes que era a véspera do aniversário da morte da própria Diana Dors de cancro? (o meu primeiro deslize — não alimentem a médium com informação). Saberia ela que eu viera pedir-lhe que evocasse a Diana (deslize dois — não mostrem à médium a vossa jogada e deem-lhe algo a que se agarrar).

Diretamente do azul que ela diz ser o céu, a Sra. Stokes fixou-me com os seus olhos cinzento-nuvem anormalmente grandes e disse: «A Diana diz que és uma jogadora de ténis fantástica.»

A Diana, embora a amiga mais próxima em vida, nem sabia que eu jogava ténis. E ninguém além da minha família e da empresa de construção sabe que acabei de dar entrada para um court de ténis duro.

Ponto para a Miss Dors e a Sra. Stokes.

Posso ver a Diana? «Não, e eu também não», disse a clariaudiente (em oposição à clarividente) que apenas ouve os mortos. «Ouço-a neste quarto tão claramente como na noite em que ela morreu, quando eu nem sabia que estava no hospital.»

Como reagiu a Di à notícia da própria morte?

Estava zangada quando chegou lá, como a Noele Gordon há duas semanas — tinham lutado tanto para ficar cá em baixo. A Diana também estava zangada quando o Alan se suicidou (o marido da Diana Dors, Alan Lake, deu um tiro em si próprio cinco meses após a morte dela).

Riu-se «Vieram juntos ter comigo e ela contou-me como ele o fez — pôs a espingarda entre os joelhos e equilibrou-a debaixo do queixo. Não parava de dizer: "Como pudeste deixar o nosso bebé? (o filho deles, Jason, agora com 16). Porque não tiveste coragem de ficar com ele?" Sabes como ela era direta em tudo.

Quando ele lhe disse "Era como um pássaro sem asas, sem ti era impossível", ela perdoou-lhe tudo.»

O que se usa no Outro Lado? «O que te apetecer. De certeza que não se usam asas nem um lençol branco e se faz "Uuuuh!" para assustar as pessoas até à morte.»

«Para QUÊ?», disse eu astuciosamente. Um deslize psíquico, riu-se esta filha de uma romani nascida em Grantham que «morava do outro lado da rua da Primeira-Ministra».

«A Margaret ficou muito perturbada uma noite porque ouviu uns miúdos à porta da igreja sussurrar: "Lá vai o Jesus Arrasteiro" — pensou que falavam do pai dela, que era pregador leigo. Disse-lhe para não se preocupar, que falavam de mim.

Preocupava-me, porém. Tentava esconder o que ouvia e via — porque quando era jovem conseguia fazer as duas coisas. Ainda consigo ver crianças-espírito — porque perdi quatro e amo-as tanto.»

Quando o seu filho que sobreviveu mais tempo, John Michael, morreu com cinco meses, ela e o marido curador, John, aceitaram o seu dom indesejado. «Eu REALMENTE NÃO queria saber, queria ser normal e comum. Às vezes ainda digo aos espíritos para "irem à vida deles" se começam a sussurrar-me ao ouvido numa festa.»

As luzes azuis que são tudo o que ela consegue ver dos espíritos a tremeluzir acima da plateia, alguma vez brilham zangadas?

«Oh, brilham, querida, dizem-me para "anda lá com isso, mulher" quando eu baralho os fios, e eu cometo erros quando estão todos a tentar falar ao mesmo tempo», disse a psíquica cuja maior força é admitir fraqueza, mesmo a pais desesperados, com: «Não, estou a adivinhar. Não aceites isso. Estou a fazer uma grande trapalhada, não acredites no que estou a dizer.»

«E às vezes zangam-se com Este Lado. O caso mais desagradável que tive foi uma viúva toda de preto, a soluçar "é o meu marido Jim, passou para o outro lado na semana passada", e o Jim a gritar-me no outro ouvido: "A maldita hipócrita, está sentada ao lado do namorado com quem me traía quando eu estava no hospital."»

Conversa Há seis anos, começou a atrair grandes plateias das suas soirées com os espíritos e somas enormes dos seus quatro livros autobiográficos. «Gosto do dinheiro. Acabei de comprar uma casa nova», disse ela.

Agarrei a sua carne ambiciosa. Nada se materializou exceto uma modesta moradia de 50 000 libras.

A sua muito falada limusina é alugada: «Porque tenho de esticar o corpo para aliviar as dores.» Os seus 1000 libras de cachet de Um Será Contigo Doris Stokes, caro de produzir, vão para caridade.

«Quem é o Pepe?», disse ela. «Oiço um cão a ladrar!» «Peri», disse eu. O meu poodle perdido há 15 anos. «Não morto, querida, a saltitar por todo o lado.»

Já estava a conversar, quase sem parar, há duas horas. E nem sempre comigo e com o fotógrafo, sozinhos com ela no quarto.

«Quem é a Eileen?», perguntara ela uma hora antes. Agora disse: «Tenho aqui alguém que morreu muito subitamente de ataque cardíaco. Está ligado à Eileen de que falei antes.»

O pai do meu fotógrafo, Barry Gomer, morreu de ataque cardíaco há sete meses. O nome da mãe dele é Eileen. Nem eu sabia, até 10 minutos antes de sairmos do jornal, qual o fotógrafo que iria comigo. Nem o nome da mãe dele.

«Pois diz à tua mãe que ele está bem, querido», disse ela. Houve um longo silêncio. Para o espantado Barry não era o fim.

Os meus espíritos desanimaram. Era onde eu queria que ficassem. «Tens uma barreira erguida contra mim, querida», disse a mulher que, numa das suas raras visões, alega ter visto o Tommy Cooper erguer-se do corpo quando ele caiu, a morrer, em direto na televisão.

Tenho uma cerca eletrificada, pensei em silêncio (talvez ela leia a tua mente, como uma palma). Quando o meu adorado pai morreu, há 16 anos, fez-me jurar por tudo menos pela Bíblia que nunca tentaria contactá-lo.

«Porque é que estou a ouvir "estufa de inverno"?», disse ela de repente. Sabia que tinha acertado. Quantos jornalistas têm uma "conservatory" em vez de uma estufa comum ou um túnel?

E porque escolheu a minha mãe precisamente esta semana, depois de quarenta anos na nossa casa de família em Yorkshire, para mandar restaurar a adorada, mas agora desfeita, conservatory vitoriana do meu pai?

«Tenho a certeza de que conseguiria fazer contacto numa sessão em tua casa», disse a Sra. Stokes radiante, agora iluminada como o sol a atravessar o vidro. «Mas eu sou apenas a ponte, não consigo fazer se tu não quiseres e ele não quiser.»

«Não queremos», disse eu, falando antes que o pai amolecesse e trocasse uma palavra com a Sra. Stokes.

Prefiro falar com ele eu própria, em silêncio. E por muito que ainda o adore, numa data mais tardia.

Daily Express Segunda-feira, 6 de maio de 1985

Sim, de um modo geral não me posso queixar. Os jornais têm sido muito justos comigo. Só um artigo me deixou verdadeiramente furiosa e nem era sobre mim. Era sobre a Diana Dors e o Alan Lake. Um texto muito mau, cheio de insinuações de que a Diana e o Alan não se amavam. Que o Alan andava com outras mulheres e que a Diana tivera um caso no último ano de vida.

Fiquei furiosa quando li. Como podiam dizer coisas tão terríveis sobre duas pessoas maravilhosas que já não estavam cá para se defenderem? E o Jason? Já não sofrera ele o suficiente sem ter de ler coisas tão horríveis sobre os pais?

Quanto mais pensava nisso, mais zangada ficava. Não conseguia acreditar. A Diana estava demasiado doente no último ano para se interessar por um caso e quanto ao Alan — era um sedutor, era assim que ele era, mas não queria dizer nada com isso. Adorava a Diana.

Fiquei tão perturbada com tudo aquilo que não consegui comer durante dois dias e, no fim, o Ramanov deu-me uma descompostura.

«Filha, assim não pode ser», disse ele severamente. «Estás a desperdiçar a tua energia e a ficar doente. Tens trabalho para fazer e outros que dependem de ti.»

Tinha razão, claro, mas o Ramanov tem sempre razão.

Ultimamente tem passado bastante tempo comigo. Estamos a atravessar uma fase difícil com o Terry e, embora o público não imagine pelo meu sorriso no palco, a vida em casa tem sido muito dura por vezes.

No ano passado o Terry teve um acidente terrível. Podia ter morrido, mas teve sorte e escapou com uma concussão grave. Pareceu recuperar muito bem, mas logo depois do Natal começou a parecer doente. Desenvolveu dores de cabeça violentas, não tinha energia e, de repente, sem motivo aparente, explodia em acessos de raiva terríveis.

Houve várias cenas tristes em casa antes de descobrirmos o problema. O choque do acidente desencadeara diabetes de açúcar e o corpo dele estava completamente desequilibrado. Entretanto, os meus nervos ficaram em frangalhos e por vezes fugia para o quarto a chorar. Mas não estava sozinha. O Ramanov estava sempre lá.

«Porque tem de acontecer isto agora?», solucei eu uma noite. «Logo quando tudo está lindo e temos esta casa maravilhosa. Porque tem de ser estragado?»

«Eu nunca te prometi sol o caminho todo, pois não?», disse o Ramanov. «Aprende com isto. Há muitas lições aqui.»

Bem, tentei e acho que aprendi a ser mais tolerante. Tentei compreender porque é que o Terry tem estes acessos de mau humor e, pouco a pouco, fomos guiando-o. Desde que siga a dieta, deve ficar bem.

Não quero que pareça que o Ramanov gere a minha vida, porque não gere. O mundo espiritual não faz isso. Se tens um problema, tens de tentar resolvê-lo tu própria, mas se já tentaste tudo o que te ocorreu e nada resultou, então uma oração ao mundo espiritual costuma ser respondida.

Muitas vezes me voltei para o Ramanov em desespero e disse que não adiantava, que tinha tentado tudo e estava no limite. Podes ajudar? E na manhã seguinte acordava com uma ideia nova na cabeça que acabava por ser a solução do problema. Mas tens de ajudar-te a ti própria. Não adianta dizer «Preciso de 1000 libras. Por favor, Deus, faz um milagre.» Só ajudam se virem que fizeste genuinamente o teu melhor.

Embora não dirija a minha vida, o Ramanov faz-me certamente saber se me estou a desviar do caminho. Se começo a ficar demasiado materialista, ele guia-me de volta e mostra-me onde estou a errar.

Agora que, pela primeira vez na vida, tenho algum dinheiro, seria tão fácil desviar-me. Costumava ser uma grande idealista. Dizia que as coisas materiais não importam e, na verdade, não importam — mas, apesar disso, é bom ter um quarto bonito para relaxar e uma casa linda para voltar e não vou fingir que não é.

Seria mentira se dissesse que não é agradável ter uma casa com jardins bonitos e poder olhar pela janela e dizer «isto é nosso».

As pessoas no parque de caravanas dizem que não percebem. Porque raio nos estamos a sobrecarregar com tudo isto na nossa idade. Mas eu digo: tu já tiveste isso, querida. Já tiveste a tua casa bonita, sabes como é. Eu nunca tive. Sempre vivi em apartamentos de ex-combatentes ou casas pré-fabricadas ou casas alugadas onde tinha de pedir licença para fazer sessões ou receber pessoas. Agora posso fazer o que quiser. Talvez seja tarde na vida, mas pelo menos posso dizer que o consegui.

Uma coisa que achei maravilhosa foi que, quando saiu o artigo sobre a minha casa na Woman's Own, não recebi uma única carta a invejar a minha sorte. Toda a gente escreveu a dizer como era linda e que eu merecia. Também acho que mereço! Trabalhei muito e sei o que é não ter dois tostões para juntar. Acho que mereço um pouco de conforto agora.

Claro que de nada serve ser o cadáver mais rico do cemitério, como o Ramanov não se cansa de me lembrar, por isso faço muitas atuações de caridade e dou o máximo que posso e dá-me um enorme prazer fazê-lo. É tão bom poder finalmente ajudar as pessoas de forma prática.

Canso-me e desanimo com o trabalho por vezes e pergunto-me se estou louca a andar de um lado para o outro pelo país na minha idade, mas o Ramanov encontra lições para mim nas coisas mais pequenas.

Um dia, no início da primavera, os pedreiros limparam um monte de entulho ao lado da entrada da nossa casa e, quando fui ver, encontrei um grupo de pequenos crocos que tinham estado soterrados pelos tijolos. Estavam magoados e maltratados, mas tinham lutado por entre todo aquele lixo e estavam a florir corajosamente. E enquanto os admirava ouvi a voz do Ramanov ao meu ouvido.

«Vês o que te tenho dito há tanto tempo», disse ele. «Enquanto mantiveres a chama viva, por mais magoada e maltratada que estejas, podes sobreviver, tal como estas florzinhas frágeis conseguiram abrir caminho por entre os tijolos para dar beleza ao mundo.»

As palavras dele voltam-me muitas vezes à mente quando estou a queixar-me de cansaço e também quando falo com alguém devastado pela dor. O espírito humano é magoado e maltratado pela dor tal como os crocos foram maltratados pelos tijolos, mas se conseguirmos manter viva essa centelha de amor, vamos ultrapassar. E saibam que a dor não é uma coisa má. É o dom de cura de Deus para nós, porque nos permite chorar. Sem chorar, a amargura ficaria dentro de nós e deixar-nos-ia doentes.

Sei que é fácil para mim dizer, mas verdadeiramente ninguém escapa à dor — nem mesmo uma médium que sabe com certeza que os entes queridos continuam a viver e fala com eles todos os dias. As lágrimas correm porque já não os podemos tocar. É a presença física que nos faz falta.

Embora eu saiba com certeza que há outro mundo, se acontecesse alguma coisa ao John, passaria exatamente pelo mesmo. Choraria e choraria porque já não podia abraçá-lo. Isso é a dor e ninguém pode carregar essa cruz por nós. Mas se soubermos que Deus ou o nosso guia está lá para nos dar a mão, conseguimos passar por ela.

O Ramanov aparece nos momentos mais inesperados. A 8 de maio de 1985 estávamos a celebrar o 40.º aniversário do Dia da Vitória na Europa e era uma ocasião extra especial para o John e para mim porque era também

o dia em que ele voltou do campo de prisioneiros de guerra. Ganhou um casaco de couro novo e lindo com isso!

Enfim, lá estávamos a brindar um ao outro com chá quando o Ramanov interrompeu.

«Tudo isto é muito bonito», disse ele, «mas enquanto celebram a paz, há guerras a decorrer por todo o mundo. Enquanto não aprenderem a viver como irmãos e a amar-se uns aos outros, não terão paz.»

Fez-me parar e pensar. As pessoas estão sempre a dizer: se há um mundo espiritual, porque não fazem eles mais para parar as guerras e a violência? Mas a minha mãe e o meu pai não governavam o país quando viviam cá, porque haveriam de poder governar agora só porque foram enviados para o mundo espiritual? E, afinal, são as pessoas que cá estão agora que fazem as guerras.

Como o Ramanov já disse antes: «Deus deu-vos um mundo lindo para viver e vejam o que estão a fazer com ele.»

Não adianta queixarmo-nos. Fomos nós que criámos os problemas e temos de os resolver.

Quando regressei de St Austell trouxe um cartaz que diz: «Qualquer ato de bondade, por mais pequeno que seja, nunca é desperdiçado!» e tenho-o na parede. É tão verdadeiro. Se toda a gente seguisse esse conselho, os pequenos atos de bondade levariam a atos de bondade maiores e estaríamos bem encaminhados para nos amarmos uns aos outros.

Sei que é verdade — tal como o inverso também o é. Pequenos atos de falta de bondade podem ter um efeito de ondulação e causar muito mais dano do que o ato mesquinho original.

Lembro-me de fazer uma demonstração na SAGB há pouco tempo e, assim que entrei no palco, senti que algo não estava bem. Pois foi uma noite terrível. Dei as mensagens erradas às pessoas erradas e não conseguia compreender. Não tinha uma noite tão má há anos.

Isto aconteceu mais ou menos na altura em que estávamos com dificuldades com o Terry e perguntei-me se os traumas em casa me estariam a afetar. Fosse o que fosse, sabia que tinha estado péssima e pedi desculpa às pessoas presentes. Foram muito queridas e disseram que estava tudo bem, mas eu sabia que eram só gentis. Não estava nada bem e eu sabia-o.

Dois dias depois recebi um bilhete de uma senhora que estivera na plateia. Dizia o quanto lamentava que eu tivesse ficado insatisfeita com a

noite. Não fomos hostis contigo, foi o homem à porta, disse ela. Aparentemente as portas abriram às cinco e quarenta e cinco embora a demonstração só começasse às sete e aquele homem gritava com as pessoas, mandava-as calar e não as deixava levantar para ir à casa de banho ou buscar um copo de água.

Naturalmente não gostaram, criou-se hostilidade e raiva e a noite ficou estragada para toda a gente.

Aquele pequeno ato de falta de bondade estragou as coisas para mais de cento e cinquenta pessoas e muitas delas provavelmente perderam a oportunidade de contactar entes queridos — uma oportunidade que esperavam há meses.

Tenho feito muitas demonstrações públicas ultimamente e, na maior parte delas, felizmente, o ambiente tem sido maravilhoso. Faz toda a diferença. É o amor no ar que traz as pessoas do espírito para perto e quanto mais amor se gera, mais contactos temos.

Têm vindo coisas extraordinárias. Uma noite em Woolwich estava a falar com uma mãe do outro lado que tentava confortar o marido e a filha, que estavam devastados pela dor. Deu-me vários nomes e pormenores familiares e depois a filha explicou como tinham ido àquela reunião.

A mãe dela tinha-me visto no ano anterior numa demonstração em Londres e ficara obviamente impressionada.

«No sábado antes de morrer, disse que se voltasse através de alguém seria da Doris Stokes», disse a filha. «Fez-me prometer que comprava bilhetes para este espetáculo e que vinha com o pai.»

«Comprámos os bilhetes para ela», disse o pai atónito, «e ela veio.»

Num registo mais leve, estava a falar com um rapazinho que morrera num acidente. Conversava com a irmã, que estava perfeitamente feliz e achava tudo natural.

«E havia um Sr. Barns ou Burns», disse o rapaz, «era um verdadeiro porco.»

A irmã riu-se. «Ah, deve ser o médico-legista. Sim, era!»

Mas as palavras seguintes dele foram abafadas pelo grasnar de um papagaio.

«Bom menino, Joey. Bom menino, Joey. Quem é o menino bonito?», gritava ele e eu não conseguia ouvir mais nada.

«Podem fazer o papagaio calar-se um minuto?», pedi às pessoas do espírito. Depois virei-me para o público.

«Alguém reconhece um papagaio chamado Joey?»

Uma rapariga jovem avançou logo. «É o papagaio da minha mãe.»

«Pois ela trouxe-o consigo, querida.»

«Toma uma Guinness, toma uma Guinness», murmurou o papagaio ao meu ouvido e eu desatei a rir.

«Nunca lhe ensinaram a dizer isso! Está a dizer toma uma Guinness, toma uma Guinness!»

A rapariga assentiu. «É verdade. O pai chegava bêbedo a casa e era o que o papagaio dizia.»

O público, claro, adorou.

Tenho de dizer que as minhas visitas a teatros têm sido muito mais agradáveis ultimamente graças a uma loja maravilhosa de que ouvi falar em Forest Hill, Londres. Há alguns anos, como conto a toda a gente, fiz uma mastectomia e até passarmos por algo assim não fazemos ideia dos problemas que causa.

Por exemplo, ficamos como um pássaro com uma asa só, especialmente quando temos o meu tamanho, e é muito fácil perder o equilíbrio se não tivermos cuidado porque o peso já não está distribuído uniformemente. Temos de pensar duas vezes em todo o tipo de coisas do dia a dia, como entrar na banheira. Entrar pelo lado errado e podemos ir de cabeça — como me aconteceu há uns meses. Para piorar, não tínhamos barras de apoio na banheira, por isso não conseguia sair. Fiquei ali deitada com as pernas no ar, sem saber se havia de rir ou chorar!

Subir ao palco era outro problema. A prótese que me deram no hospital pesava uma tonelada e era muito quente, especialmente sob os projetores. Quando chegava a casa, os músculos doíam-me e descobria que tinha transpirado tanto que estava encharcada.

Já me tinha mais ou menos resignado a aprender a viver com aquilo quando alguém me falou desta rapariga em Forest Hill que ia ter de fechar a loja porque não conseguia ganhar o suficiente para viver. Aparentemente vendia soutiens especiais para senhoras como eu e tinha almofadas especiais de lã de cordeiro para pôr dentro.

Parecia exatamente a pessoa que eu procurava e descobri que presta um serviço maravilhoso.

Às vezes experimenta setenta soutiens para garantir que o ajuste fica absolutamente perfeito. Mediu-me cada pedacinho e, se servia num sítio e noutro não, tirava-o e experimentava outro. Passou imenso tempo, a ajustar

aqui e ali. Que diferença do hospital, onde simplesmente passam uma fita métrica à nossa volta e nos dão um soutien, um saco e um pedaço de espuma cheia para pôr dentro — e pronto.

E mais, esta rapariga não cobra pelo serviço, apenas pelos artigos que vende. E quando alguma das suas clientes vai a um casamento ou ocasião especial, levam toda a roupa à loja — vestido, sapatos, tudo — e experimentam tudo com o soutien para garantir que fica bem.

Isto é que eu chamo fazer o trabalho de Deus e será uma tragédia se ela tiver de desistir por falta de dinheiro.

CAPÍTULO 13

«Doris», disse o jovem ao microfone, «pouco antes do meu avô morrer, há sete anos, tivemos uma discussão terrível. Disse-lhe para ir morrer. E ele morreu. Tem-me pesado na consciência desde então. Acha que ele me culpa?»

Era a hora das perguntas. O curto espaço que abre a segunda parte das minhas demonstrações públicas e aquele rapaz obviamente esperara a noite toda para fazer a pergunta que o atormentava há sete anos.

«Oh, pobrezinho», disse eu. «Claro que ele não te culparia. Não guardaria qualquer rancor. Todos dizemos isso quando somos jovens, não é? Ele acabou de vir e diz: “Eu era um bocado chato.” Mas tem velado por ti desde então e diz que estiveste mesmo em baixo e que ele te levantou e agora estás a correr bem. Aquela discussão não faz diferença nenhuma. Continua a amar-te.»

Na hora das perguntas perguntam-me todo o tipo de coisas, mas os mesmos temas aparecem vezes sem conta, por isso achei que poderia ser útil reunir alguns exemplos de perguntas e respostas de demonstrações recentes. São este tipo de coisas que as pessoas querem saber:

P. A minha amiga ainda tem as cinzas do pai e não sabe onde as deve colocar. O que deve fazer?

R. Já nos perguntaram coisas bem esquisitas! Ele diz: «Não me interessa nada, querida, eu estou aqui.» Se te faz feliz, acho que ele gostava de rios, podes espalhá-las na água. Mas deixa-o ir em liberdade com amor e ele voltará com amor.

P. A minha pergunta é sobre a senilidade. Se as pessoas são senis antes de passar para o outro lado, lembram-se do que lhes aconteceu quando chegam lá?

R. Não, porque não são responsáveis pelos seus atos. Quando chegam ao outro lado vão para o hospital e são cuidadas com amor até ficarem bem. Não se lembram dos pormenores da passagem. Quando voltam costumam dizer: «Fiquei muito difícil no fim.»

P. Se um assassino vai para um plano diferente no outro lado, o que acontece a quem comete suicídio?

R. Estão doentes da mente, por isso vão para um hospital especial onde são tratados até ficarem bem. A pessoa de quem falas estava num carro, não era, querido?

P. Sim.

R. Está aqui e acabou de me dizer: «Estava no carro debaixo de umas árvores e encontraram-me», disse ele. Tinha discutido com alguém e queria assustá-los.

R. Pois está aqui agora, querido, e está melhor. Está bem agora. Não está no fogo do inferno nem nada disso.

P. A minha filhinha morreu com dois anos. Quem cuida dela? Ainda brinca?

R. Sim. Está feliz, querida. Não deixam que nada magoe as crianças-espírito. Até as mantêm afastadas da nossa dor. Uma mãe-espírito cuida delas. Tens uma avó lá e é ela que está a cuidar da tua filhinha. Quando não há familiares próximos do outro lado, uma rapariga que passou para lá sem conhecer as alegrias da maternidade recebe a criança para cuidar.

P. É possível ver alguém depois de morrer? Vi várias vezes e disseram-me que estava a imaginar. Acho que o magoei porque lhe disse que não aguentava mais e não o vi desde então. Fiz mal?

R. Se fosse errado, querida, já me teriam abandonado há anos porque, quando era jovem, ficava tão farta das pessoas do espírito que dizia: oh, vão-se embora, deixem-me em paz. Acho que te estão a dar tempo para te ajustares e, se tens capacidade psíquica, tens de usá-la, querida. Se voltar a acontecer, diz: Olá, como estás?

P. A minha amiga perdeu o marido em 1983. Morreu de uma doença rara. Agora querem abrir o corpo. É a coisa certa a fazer?

R. Ele acabou de chegar. Acho que tinha a ver com o cérebro, não era? Porque ele diz: «Fui como um bebé».

P. Sim, é verdade.

R. Diz que não faz mal nenhuma o que fizerem ao corpo dele e que, se ajudar outra pessoa, deixem lá seguir com isso.

P. Perdi o meu filhinho há cerca de dois anos. Mudei-me daquele apartamento, mas dizem que a menininha que lá entrou agora aponta para sítios onde não há nada e que as coisas se mexem. Pode ser o meu menino?

R. Sim. A menininha vê-lo. As crianças são psíquicas até aos dez ou onze anos. Ele limita-se a entrar e sair para ver o que se passa na antiga casa dele.

P. No ano passado a minha irmã passou para o outro lado. Pouco antes de morrer, teve uma discussão com o meu irmão e perguntamo-nos se ela o perdoou.

R. Claro que perdoou. Passou de forma muito trágica, muito rápida, não foi? Foi um vírus e em 48 horas estava tudo acabado, diz-me ela. Não chores, diz ela, porque está bem e claro que não guarda rancor. Todos nos zangamos de vez em quando, mas não significa nada.

Parece que apanhas mais pessoas que passaram para o outro lado há pouco tempo. Isso significa que é mais difícil para as pessoas voltarem se passaram há muito tempo?

R. Não é mais difícil, querida, é só que quando alguém acabou de passar, os familiares ainda estão de luto e eles querem tranquilizá-los. Ficam perto para os confortar. Mas ainda na outra noite tive uma rapariga cuja mãe passou quando ela tinha três anos e voltou para falar com a filha vinte e sete anos depois!

P. Se tivermos cartão de dador de rim e deixarmos partes do nosso corpo a alguém na Terra, isso atrasa a nossa progressão no espírito?

R. Oh não, querida. Meu Deus, espero que já tenham as minhas partes embrulhadas e etiquetadas! Tiraram-me tantos pedaços, querida. Se ainda sirvo para alguém já não sei, mas o John e eu pusemos no testamento que tudo o que puder ser usado, pode ser usado. Não faz diferença nenhuma para nós lá. A minha mãe só tinha um olho. Perdeu-o ao nascer, mas quando vi a minha mãe no mundo espiritual não percebi logo o que era diferente — depois reparei que tinha dois olhos.

Podem pôr-me no caixote do lixo quando eu for, que para mim não faz diferença nenhuma. Eu já cá não estou.

Nunca parece falar com pessoas estrangeiras em reuniões públicas, porquê?

R. Falo sim. Ainda na outra noite tive uma senhora de Chipre, mas concordo que falo mais com britânicos em demonstrações públicas. Acho que é porque tenho dificuldade em pronunciar nomes estrangeiros e leva muito tempo, é melhor guardá-los para sessões privadas em que tenho mais tempo.

P. Se uma criança não nasce na Terra, a que idade cresce no mundo espiritual?

R. A idade que teria se tivesse vivido aqui. Vai crescer e será trazida de volta para ver a mãe e, quando ela passar para o outro lado, reconhecerá imediatamente o filho ou a filha, mesmo que nunca a tenha visto na Terra.

P. Se perdermos um bebé, o que acontece quando a pessoa que cuida dele fica demasiado velha para o fazer?

R. Não ficam, querida. Há sempre alguém para cuidar deles e, quando atingires a idade que devias ter atingido, não envelheces mais.

P. Estava à espera de adotar um bebé quando a minha avó passou para o outro lado. Ela sabe que eu tenho o meu filho agora?

R. Claro que sabe. Vem ver-te regularmente.

P. Na noite em que a minha avó morreu, eu estava no quarto e ela disse que havia mais alguém na sala e que não queria essa pessoa lá. Quem era?

R. Alguém do mundo espiritual que veio buscá-la. No minuto em que vês isso, sabes que estás prestes a bater as botas! A tua avó provavelmente diria «levem-no daqui», porque não queria ir naquele momento.

P. Se tivermos mais do que um marido, com quem ficamos?

R. Se os amaste igualmente, vais ter com ambos porque não há ciúmes. Mas se não se deram bem na Terra, provavelmente não quererão ver-se outra vez, por isso não o farão. Vais para onde está o amor.

P. Como se desenvolve o poder psíquico?

R. Toda a gente tem uma centelha psíquica, mas em alguns é mais forte do que noutros. Às vezes é herdado e às vezes interessamo-nos por coisas psíquicas e simplesmente acontece. Entra num bom círculo de desenvolvimento — saberás de um através da igreja espiritualista mais próxima. Ou, se isso não te servir, senta-te com dois ou três amigos em amor e harmonia e oferece-te ao serviço.

P. Se mandarmos abater um animal, somos responsáveis mesmo que seja pelo bem do animal?

R. Não, querida. Espero que alguém faça o mesmo por mim se eu estiver a sofrer e nunca for melhorar. Mas os animais também vivem e estão saudáveis e felizes do outro lado. Voltarás a encontrar os teus animais de estimação.

P. Celebram aniversários do outro lado?

R. Sim. Têm sorte. Têm duas celebrações: o dia em que nasceram na Terra e o dia em que chegaram ao mundo espiritual.

P. Posso já fazer um pedido para trabalhar com animais lá?

R. Oh sim, querida. Há sempre pobres animais que são abatidos porque não são desejados ou que morrem em acidentes e também são tratados do outro lado. Dizem-me que tens agora um cão chamado Sammy.

Sim e adoro-o perdidamente!

P. Se eles nos observam do outro lado, entram no quarto ou observam de outro sítio?

R. Estás preocupada com a tua privacidade, querida? Não nasceriam bebés se toda a gente pensasse assim. Não, respeitam a nossa privacidade. Vêm quando envias amor. Se pensares «que lindo, oxalá fulano estivesse aqui para ver» — eles vêm.

P. Se estamos todos aqui para aprender, o que têm as pessoas na Etiópia para aprender?

R. Receio não poder responder a isso, querida. Muitas vezes também me perguntei. São os que estão no poder que têm culpa. Mas o resto de nós pode aprender com o sofrimento das pessoas na Etiópia. Vê o Bob Geldof. Ele foi lá e ficou tocado pelo que viu. Isso vai tê-lo mudado para melhor.

P. Temos todos um guia espiritual?

R. Sim, cada um de nós. Alguém do outro lado oferece-se para abdicar da sua própria progressão no mundo espiritual para nos guiar mesmo antes de os nossos corpos serem concebidos. Estão à espera e o nosso espírito está à espera de vir à Terra e, quando voltamos, o guia volta. Podes chamar-lhe consciência ou instinto ou palpite, mas é o teu guia espiritual a tentar levar-te pelo caminho certo.

P. Perdi a minha filha no ano passado e quero saber se eu chegar aos noventa, ela ainda lá estará quando eu passar ou terá seguido em frente?

R. Não, querida, leva centenas de anos. Não importa a idade que tenhas, ela saberá que és a mãe dela. Não importa quanto tempo tenhamos de esperar, voltaremos a ver os nossos filhos. O laço de amor é eterno.

P. Tenho estado de luto profundo há onze meses e pergunto-me se essa dor impede a pessoa de progredir no mundo espiritual?

R. Bem, sim, lamento dizê-lo, torna mais difícil. Tens de os deixar ir em liberdade com amor para que possam voltar com amor. Todos temos de passar por um período de luto, mas entristece-os ver-nos infelizes.

P. A cura é hereditária?

R. Bem, herdei o meu dom do meu pai, que era cigano romani, por isso acho que a cura também pode ser hereditária. Basta quereres ajudar as pessoas e, se o dom estiver lá, virá.

P. A minha mãe não teve uma vida muito feliz, mas eu tenho uma vida muito, muito feliz e quero partilhá-la um pouco mais com ela, mas tenho medo.

R. Bem, a mim assustou-me no início, querida, mas na verdade não há nada a temer. É tão natural como respirar. A tua mãe estará perto de ti, diz-lhe apenas olá e põe uma flor ao lado da fotografia dela com o teu amor.

P. Perdi recentemente cinco familiares e pergunto-me se estão juntos. Também dói ao meu pai porque o amo tanto?

R. Estarão juntos e dói ao teu pai ver-te infeliz. Não podes viver com o teu pai no mundo espiritual, pois não, querida? Tens a tua própria vida para viver e a tua própria família em que pensar. Não deves enviar todo o teu amor com o teu pai. Ele está feliz na nova vida, mas o teu luto entristece-o.

Como podem ver, as perguntas vêm de todos os tamanhos e feitios e cada hora de perguntas é ligeiramente diferente, mas estes são os tipos de perguntas que me fazem mais frequentemente. Talvez a tua esteja entre elas.

CAPÍTULO 14

O outro dia estava a abrir o correio, como faço todas as manhãs logo ao acordar, quando abanei um envelope e dele caiu uma fotografia desbotada. As pessoas enviam-me muitas vezes fotografias dos seus filhos-espírito para a minha parede, mas soube imediatamente que esta era diferente. Era antiga e desfocada, nada parecida com as fotografias coloridas brilhantes que tiramos hoje. Curiosa, peguei na lupa para olhar melhor e de repente o rosto da minha querida mãe velha saltou-me aos olhos. Olhei para a fotografia encantada. Mostrava três senhoras vestidas ao estilo dos anos vinte ou trinta a caminhar por uma rua em Skegness e eu conhecia-as todas: Winifred Webb, Florrie Hodson e a mãe. A mãe e duas amigas dela estavam claramente a desfrutar de umas férias, ou talvez um dia de passeio no resort balnear mais próximo.

As pessoas perguntam-me muitas vezes porque publiquei fotografias do meu pai em livros anteriores mas não da minha mãe. Bem, não é porque amasse menos a mãe — é só porque quase não há fotografias dela. A mãe só tinha um olho, perdeu o outro ao nascer num parto com fórceps e passou a vida com uma pala feia. Sempre teve um pouco de vergonha e, consequentemente, quando alguém tirava uma máquina fotográfica, a mãe saía na direção oposta. Era extremamente relutante em ser fotografada, para dizer o mínimo, e agora quase não há fotografias para nos lembrar dela.

Foi por isso que fiquei tão emocionada por receber a fotografia de Skegness e desde então mandámo-la ampliar.

Dá para ver, só pelo modo como o chapéu da mãe está puxado para baixo na testa, o quanto ela odiava aquela pala e tentava escondê-la. No entanto, quando a vi no mundo espiritual, tinha dois olhos, bons como novos. Lá perdemos todas as nossas deficiências e a mãe livrou-se daquela pala para sempre.

Ultimamente as memórias da minha família têm-me invadido porque acabei de voltar de Lincoln, que é quase terreno natal. Na verdade, deveria ter sido mesmo terreno natal, mas tivemos tantos problemas com os arranjos para uma demonstração em Grantham que mudámos tudo para Lincoln, mais abaixo na estrada. Já mencionei antes os problemas com os cambistas de bilhetes e algumas pessoas que ficaram com vinte bilhetes enquanto outras não tinham nenhum. No fim, havia tanto mau ambiente que eu não conseguia trabalhar naquela atmosfera, por isso organizámos

autocarros e transportámos todos os que queriam ir para Lincoln e de volta, e os lucros da noite foram para os deficientes mentais.

Tivemos um quarto lindo em Lincoln com vista para a catedral, que é iluminada à noite — uma visão muito bonita. O único problema era que as pessoas subiam continuamente pela escada de incêndio ao lado do nosso quarto para tirar fotografias. Na primeira manhã acordei alarmada, convencida de que uma multidão tinha entrado no quarto. Felizmente o quarto estava vazio, mas quando corri o cortinado deixei-o cair rapidamente outra vez.

Uns turistas particularmente empreendedores tinham trepado pela escada de incêndio até ao telhado plano mesmo à nossa janela e estavam a tirar fotografias da catedral dali! Tive de andar aos saltinhos com os cortinados corridos até eles se irem embora!

Depois de todo o alvoroço com bilhetes, autocarros e mudança de local, estava um pouco apreensiva com a noite, mas o mundo espiritual não me desiludiu. Quando estamos preocupados com alguma coisa, eles aparecem sempre em força. Na casa de banho — onde vou sempre para ter um pouco de privacidade! — ouvi o nome Maisie Bolton, de The Pastures, Barrowby. Era a mãe da Maisie.

«Eu era médium como tu, Doris», disse ela. «O meu guia chamava-se Topsy.» Queria desejar feliz aniversário à filha, disse, porque era o aniversário dela na semana seguinte.

Bem, quando subi ao palco e tentei encontrar a Maisie Bolton de The Pastures, Barrowby, descobri que a mãe dela se enganara na Maisie — ou Mavis, como o nome acabou por ser, eu ouvira mal — ela não estava lá. Tinha adoecido e dera os bilhetes a uma amiga próxima.

A mãe dela ficou bastante chateada. Disse-me que o nome dela também era Doris, como o meu, cruzou os braços e instalou-se para uma boa conversa e não deixou mais ninguém entrar durante algum tempo. No fim, concordou em deixar outras pessoas do espírito terem a vez com a condição de a amiga da Mavis levar flores para o aniversário dela.

«E diz-lhe que é verdade o que eu costumava dizer sobre a vida depois da morte», acrescentou como despedida, «estou aqui agora e é exatamente como eu dizia.»

Depois de a Doris desocupar a linha, vieram todos: um marido que deixara um chapéu trilby no roupeiro e se queixava porque gastara dinheiro num fato novo mesmo antes de passar, a mãe que sabia que a filha

comprara um carro novo com 250 libras de desconto e se preocupava com o neto, um rapaz adorável que «não se aplicava», uma rapariga jovem que passara com leucemia e sabia que a irmã usava o seu sweater azul favorito mas não conseguira calçar os sapatos dela porque eram pequenos demais, uma mãe que se queixava de a família ter posto flores artificiais ao lado da fotografia dela em vez de frescas, um menininho que deixara 4,75 libras na conta da caixa económica e assim por diante…

Num momento tive um contacto para a família Richardson. Estavam todos sentados em fila, cerca de doze, e apanhei quase todos os nomes: Donna, Diana, Deborah, Peggy, Alan…

Foi maravilhoso. Uma noite fantástica para mim e para os deficientes mentais.

No dia seguinte partimos para Bridlington, onde íamos fazer dois espetáculos e passámos um tempo muito animado! O tempo finalmente mudara e deslizávamos pelo campo de Lincolnshire banhado por um sol quente. Tinha-me esquecido de como Lincolnshire pode ser bonito. Passámos por campos inteiros de ouro brilhante que pensei serem de mostarda, mas depois o Tony Ortzen, que me apresentou no palco, disse: «Viram aqueles campos todos de colza?»

«De quê?», perguntei, horrorizada.

«Colza», sorriu ele, «é assim que se chama.»

«Bem, nós sempre lhe chamávamos mostarda», disse-lhe eu, «acho muito mais bonito.»

E enquanto passávamos pelas estradas secundárias, vi de repente um nome que fez os anos rolarem para trás. Scampton. A minha primeira estação quando estava nas WAAFs.

«Ó Robbie, abranda um minuto», disse ao motorista. «É a minha antiga estação. Será que nos deixam dar uma vista de olhos e ir até à dispersão?»

Era o lugar onde, numa aurora fria de há muito tempo, ouvira um jovem aviador assobiar *The Lord's My Shepherd* enquanto subia para o avião e soubera com absoluta certeza que ele não voltaria. Sim, Scampton era o lugar onde pela primeira vez me reconciliara com o meu poder psíquico. O coração bateu-me mais rápido só de olhar.

Tinha sido modernizada, claro, mas os antigos alojamentos para casados onde tínhamos sido aquarteladas ainda lá estavam. Dormíamos em tendas naqueles tempos, mas íamos aos alojamentos dos casados para nos

despirmos e prepararmos para sair e para esperar os autocarros que nos levavam às tendas para a noite.

O Robbie parou o carro. «Vou perguntar se podemos dar uma volta», disse e dirigiu-se à guarita, mas infelizmente não foi possível. Aparentemente era preciso escrever com antecedência e marcar. Muitas vezes pergunto-me se, tendo pensado em perguntar eu própria, teria feito diferença. Afinal, tendo estado nas forças armadas, sei como fazer a pergunta e a quem perguntar. Mas enfim, não pensei nisso na altura e quando pensei já era tarde.

Desiludidos, seguimos caminho, mas a magnífica ponte do Humber quase compensou. Era uma visão maravilhosa, estendendo-se e estendendo-se sobre a água castanha. Uma proeza de engenharia incrível.

No nosso hotel à beira-mar em Bridlington, a senhora da receção ficou completamente confusa com a nossa chegada.

«Em que regime querem ficar?», perguntou ela.

«Regime?», disse o Laurie. «O que quer dizer?»

«Bem, querem jantar ou só cama e pequeno-almoço?»

«Oh, acho que amanhã à noite não queremos jantar», expliquei eu. «Estaremos no teatro, mas esta noite…»

«Certamente a Doris Stokes pode pedir o que quiser», interrompeu o Laurie.

«Oh, bem, sim — se preferirem», mas a senhora pareceu um pouco desanimada, como se preferisse ter tudo acertado com antecedência.

Estávamos na zona dos grandes comilões, claro, e quando serviam uma refeição, rapaz, serviam mesmo uma refeição. Não era de admirar que a comida fosse a primeira coisa que perguntavam.

Estranhamente, porém, nem vimos um pudim de Yorkshire, não que eu possa comer disso hoje em dia. Mas quando era miúda, o pudim de Yorkshire era uma grande enchente. Comíamos pudim de Yorkshire com molho antes do prato principal ao domingo. Depois um bocadinho de carne rodeado por uma montanha de legumes e, para terminar, pudim de Yorkshire outra vez com compota ou açúcar e vinagre. Era uma refeição boa e farta e suponho que as pessoas mais velhas ainda o comem assim.

Telefonámos para o teatro logo depois de chegar só para confirmar os arranjos e encontrámos a gerente muito perplexa.

«Recebemos uma chamada de dois padres», disse ela. «Perguntaram se queríamos que viessem ao teatro caso acontecesse alguma coisa. Não soube o que dizer. O que acha? Costuma ter padres lá?»

«Não, querida, a não ser que tenham comprado bilhetes», disse eu, «mas não se preocupe. Dê-me os números de telefone que eu trato disso.»

Bem, o primeiro padre estava de férias, por isso não podia estar assim tão preocupado, mas o segundo estava em casa.

«Olá», disse eu, «fala Doris Stokes. Percebi que se ofereceu para vir ao teatro. Quer dizer que quer subir ao palco comigo?»

«Oh não», disse ele, «quis dizer se queriam que eu viesse limpar a influência maligna depois.»

«Influências malignas!», repeti. «Do que raio está a falar?»

«Bem, às vezes acontece, já tivemos pessoas como a senhora antes, deixa influências malignas no local e temos de ir limpar.»

«Posso garantir-lhe que comigo não haverá nada disso», disse eu com firmeza. «Mas se está mesmo tão preocupado, porque não vem ao palco comigo e avisa as pessoas e deixa que decidam por si próprias.»

Bem, também não gostou dessa ideia, mas acabou por ser uma longa conversa. Citou-me a Bíblia e eu citei-lhe a Bíblia, mas não estávamos a chegar a lado nenhum.

«Olhe», disse eu por fim, «vou-lhe dizer o que faço. Dou o seu nome e número de telefone para que, se alguém tiver problemas depois de me ver, possa ligar-lhe para ajuda.»

Houve uma pequena pausa. «Oh, eh — acho que não seria boa ideia», disse o padre.

«Não? Pois é disso que está a falar, não é? Ou quer apenas a glória de entrar no teatro e fazer todo o número da bênção? Pensei que estava preocupado com as pessoas.»

«Estou.»

«Bem, então dou-lhes o seu número», disse eu. E dei mesmo.

Mas senti-me um pouco triste quando desliguei o telefone. Porque acham que é errado trazer alegria, força e conforto às pessoas, não sei. Depois de algumas demonstrações, o amor no ar é tão denso que quase se vê. Como pode isso ser mau?

Não houve tempo para pensar nisso, porém, porque tínhamos prometido fazer uma entrevista para a Radio Humberside. Hesitei no início

porque tinha medo que fosse longe, mas não, disseram que tinham um estúdio em Bridlington, podíamos fazer dali.

Pois acabou por ser a emissão mais engraçada que já fiz. O endereço que nos deram era na frente marítima e paramos diante de um edifíciozinho estranho, uma mistura entre um café degradado e uma barraca. Ao lado havia um parque de diversões e mesmo colado ao edifício um barco-baloiço gigante balançava para a frente e para trás cheio de pessoas a gritar desalmadamente.

«Isto não pode estar certo», disse o Laurie, olhando para o sítio espantado.

«Tenho a certeza de que foi aqui que nos disseram para vir.» Havia uma rapariga num quiosque de informações turísticas lá fora, por isso perguntei-lhe.

«Oh sim», disse ela, «há um estúdio aqui. Podem entrar. Dou-vos a chave.»

«A chave?», perguntei, a voz a subir num guincho. «Não está lá ninguém?»

«Não», disse a rapariga.

Bem, não queríamos acreditar no que víamos. Abrimos a porta e demos com um estúdio «faça-você-mesmo». Era mesmo rádio por números. Havia uma lista de instruções: Um. Sentem-se confortavelmente. Dois. Peguem no telefone. Três. Marquem este número… Quatro. Coloquem-se em frente ao microfone…

Estávamos histéricos. Quase a chorar de tanto rir, marquei o número e uma rapariga jovem atendeu.

«Oh olá, Doris», disse ela. «A energia está junto à porta. Agora carreguem naquele botão. Ponham os auscultadores…» e assim continuou.

O sítio tinha vidros duplos e estava um calor insuportável naquele dia, por isso escorámos a porta com um balde para entrar um pouco de ar e, entre gargalhadas, lá começámos a emissão. A meio, ouviu-se um grande estrondo. Uma rapariga lá fora dera um pontapé no balde.

«Desculpem!», gritou ela, «mas queremos usar o telefone na outra sala e não podemos quando esta porta está aberta.»

O Laurie quase caiu da cadeira. «Não acredito nisto», ofegou ele. «É câmara escondida, não é? Não é real!»

E por cima de tudo, mesmo com a porta fechada, vinham os gritos do barco-baloiço.

Não sei como foi o programa, mas só posso dizer que não me ria tanto há séculos!

Num registo mais triste, foi enquanto estávamos em Bridlington que chegou a notícia da morte do Roy Plomley. Estávamos a preparar-nos para ir ao teatro e a televisão estava ligada na sala ao lado quando de repente reconheci a voz do Roy Plomley.

«O Roy Plomley está na televisão», gritei ao John e saí da casa de banho para ver. Mas era apenas uma gravação e depois anunciaram que o Roy tinha passado naquela manhã.

Fiquei muito triste porque ele é um homem tão gentil, tão amoroso. Um verdadeiro cavalheiro à moda antiga. Quando mostraram a lista de estrelas que tinham estado no Desert Island Discs senti-me muito humilde e muito orgulhosa por ter sido convidada. Na verdade, fui uma das últimas convidadas do programa. O Roy fará muita falta, não só à família, mas aos milhões de ouvintes e aos colegas da BBC. Agora ele sabe que o que eu dizia era verdade e espero que tenha uma vida feliz do outro lado. Bem, sei que terá, porque foi sempre um homem tão atencioso e adorável.

Houve mais diversão e confusão quando chegámos ao teatro nessa noite. Os camarins e tudo o que era bastidores ficava na cave e, quando se abria a porta da rua, em vez de andar para a frente, descia-se diretamente, por uma escada de pedra estreita e sinuosa sem corrimão. Assustou-me de morte, claro, e tinha a certeza de que ia partir o pescoço, mas consegui.

Parecia mesmo o pátio do Casey. Quando chegou a hora de subir ao palco, lá ia eu a segurar o vestido longo à frente e o John a segurá-lo atrás, a subir aos tropeções aqueles degraus íngremes, um à frente do outro, como um cavalo de pantomima avariado! E quando cheguei ao palco e me sentei, quase voei para a plateia! O Laurie é muito exigente com a limpeza e dera um polimento extra ao assento de couro que puseram para mim. Ficou lindo, mas estava escorregadio como vidro e passei a noite toda com os pés bem apoiados no chão para não escorregar de rabo para a plateia!

Felizmente os dois espetáculos em Bridlington foram um sucesso. Já mencionei num capítulo anterior o Paul Hewson que veio falar comigo no quarto do hotel, mas houve muitos outros bons contactos. Houve um marido que mencionou as 79 libras que a mulher ganhara no bingo. Houve a Susie de dez anos que morrera num acidente de viação. «Eram quatro e meia e eu estava a correr, depois bum… Não foi justo. Tinha acabado de ir ao dentista e odeio o dentista. Nem valia a pena…» Houve também uma

mensagem intrigante sobre qualquer coisa enrolada na biqueira de uma meia.

«Encontraste dinheiro na biqueira de uma meia, ou ela costumava esconder dinheiro numa meia? Tem a ver com uma meia», expliquei.

«Sei o que é isso», disse a jovem ao microfone. «Quando era pequena éramos muito, muito pobres e eu esperava qualquer coisa no Natal. Pegaram numa meia velha, encheram-na de papel amachucado e escovas velhas e coisas assim, a brincar!»

Também me encontrei com dois antigos consulentes, só que um deles agora falava-me do outro lado.

«É o Barry», disse uma voz masculina, «e eu conheço-te.»

Percebi então que ele devia ter vindo a uma sessão, mas conheço tantas pessoas que não reconheci a voz. O Barry disse que estava com a Amanda e à procura da Margaret. Quando a Margaret veio para a frente, reconheci-lhe o rosto. A dela foi uma das sessões do Forty Minutes que nunca chegou ao ecrã. Tinha vindo com o marido Barry na esperança de contactar a filha Mandy que estava no mundo espiritual. Mas agora parecia que uma nova tragédia acontecera, porque o Barry também estava no mundo espiritual.

«Oh não, ele tirou a própria vida, querida», disse eu horrorizada. «Só quer dizer que lamenta muito. Tinha-a chateado dois dias antes e ela fez beicinho», disse ele, «mas não foi por isso.» E explicou que tinha medo de ser despedido. «Já fui despedido uma vez, depois arranjei outro emprego e pensei que ia perder esse também. Não tive coragem de enfrentar…»

Acima de tudo, queria que a mulher soubesse que não fora por causa dela e que ainda a amava.

Na hora das perguntas veio um menininho adorável. Tinha só dois palmos e olhou para mim no palco e disse: «Li os teus livros e gostaria de perguntar se há lugar para toda a gente lá em cima ou se temos de seguir em frente?»

Bem, expliquei que leva centenas de anos para seguir em frente e que parece haver lugar para todos e ele voltou a trotar para o lugar, mas no fim do espetáculo voltou com o livro para autografar e ergueram-no para o palco para eu lhe dar um grande abraço.

Nessa noite deram-me uma ovação de pé e, por entre os aplausos e gritos, detetei um cântico familiar: «Doris Stokes… Doris Stokes…» Olhei para a varanda e lá estava a rapariga que mostrara ao John o recorte de

cartão que roubara da sessão de autógrafos meses antes. Tinha vindo com um grande grupo de amigos mais o recorte e estavam lá em cima a agitá-lo acima das cabeças enquanto cantavam. Pouco a pouco o resto do público juntou-se ao cântico até todo o teatro oscilar ao ritmo de «Doris Stokes! Doris Stokes!»

Foi um momento mágico.

Acabou por haver uma recordação mais duradoura de Bridlington e daquela noite maravilhosa do que as minhas próprias memórias. Quando cheguei a casa havia uma carta à minha espera da Kathy Nicholson, que estivera na plateia:

Cara Doris, senti que tinha de lhe escrever para lhe agradecer do fundo do coração por trazer o meu filhinho Steven para falar comigo ontem à noite. Tudo o que disse sobre o acidente dele e como o puseram numa máquina para ajudar a respirar, e o facto de que teria ficado como um vegetal se tivesse sobrevivido, foi tudo tão exato. A personalidade dele veio tão real e sinto tanto amor por si por causa do que fez por mim. Gostaria só de dizer, Doris, que logo no início da demonstração deu uma «Sra. Roberts», depois num momento disse «Kathy» ou «Katharine» e mais tarde disse «Caravana», mas depois disse «Oh, não sei o que é tudo isso» e havia um grupo de senhoras à frente a reconhecer as suas mensagens.

Não me levantei na altura porque estava um pouco confusa, mas acredito firmemente agora, Doris, que o meu pai, Arthur Roberts, estava a tentar falar comigo. Passou para o outro lado há quase 18 meses e sempre procurei conforto na crença de que o Steven e o avô estavam juntos no mundo espiritual porque eram muito chegados.

O meu nome é Kathy e neste momento vivemos numa caravana até mudarmos para a nossa casa nova. Ficaria muito contente se aceitasse um pequeno presente meu. A cassete que envio gravei-a no ano passado. Sabe, eu toco trompete e o meu pai tinha muito orgulho de mim e dediquei a cassete a ele. Nunca chegou a ouvi-la enquanto esteve na Terra e sei agora que ele sabe tudo sobre eu ter gravado a cassete e também que ele e o Steven gostam de a ouvir no mundo espiritual.

Os meus mais sinceros votos de felicidade para si e para o seu querido marido, John,

Com os melhores cumprimentos Kathy Nicholson (nascida Roberts)

Bem, toquei a cassete e é absolutamente linda. A Kathy é uma rapariga muito talentosa e a música dela tem-me dado grande prazer. E

mais, quando fecho os olhos e ouço o Danny Boy e todos os outros velhos favoritos, volto àquele palco em Bridlington rodeada por uma grande parede de amor.

Os leitores que chegaram até aqui perceberão que aconteceram todo o tipo de coisas maravilhosas desde o meu último livro! A mais emocionante de todas, porém, foi ser apresentada à Princesa Anne quando ela inaugurou a nova Unidade de Medula Óssea no Westminster Hospital.

Como mencionei em Uma Multidão de Vozes, a revista Woman's Own lançou uma campanha para construir a unidade como parte do seu apoio ao Save the Children Fund. Bem, angariaram mais de um milhão de libras, creio eu, e eu consegui contribuir com 12 000 libras dos meus próprios espetáculos de caridade, o que foi maravilhoso. A unidade foi construída e a 6 de junho foi inaugurada pela Princesa Anne, que é presidente do Save the Children Fund.

Naturalmente, estava ansiosa por aquela cerimónia há meses e meses. Já tinha a roupa escolhida. Ia usar um vestido estilo mandarim nas cores espirituais de azuis e lilases rodopiantes.

Depois, precisamente no dia antes da cerimónia, tive um pequeno AVC. Fiquei horrorizada; não tanto pelo meu estado físico, mas pelo facto de poder perder a apresentação e também duas atuações que tinha marcadas em Brighton logo a seguir. O meu braço direito estava desajeitado e quase inútil e quando tentava falar saía um gaguejar terrível.

«De maneira nenhuma podes subir a um palco e falar com as pessoas», disse o meu maravilhoso médico quando finalmente consegui gaguejar o que me preocupava. «Não deves fazer trabalho nenhum. Mas não vejo porque não possas ir à apresentação. Far-te-á bem porque vais gostar e não tens de fazer nenhum trabalho. Depois, porém, quero-te no hospital para exames.»

Com tristeza, tive de cancelar as atuações em Brighton, mas consegui arrastar-me até ao Westminster Hospital e ainda bem que o fiz.

Cuidaram maravilhosamente de mim. O Professor Hobbs veio receber-me à porta e arranjou uma enfermeira para ficar comigo o tempo todo. Depois levaram-me para a sala de reuniões e deixaram-me sentar numa cadeira destinada a uma dama de honor até a Princesa Anne chegar.

Ela estava deslumbrante. Não sei como descrevê-la: chique, elegante, imaculada — nada capta bem o aspeto dela. Usava uma saia creme com um

casaco azul-marinho e o cabelo apanhado, encimado por um chapéu creme com pintas azul-marinho.

É realmente uma rapariga encantadora. Muito magra e direita, com uma expressão séria até sorrir, e então é como magia. Todo o rosto se ilumina com tal radiância que se vê como ela é realmente bonita.

Fui a última a ser apresentada. À minha frente estavam outros angariadores de fundos: a Miss Jackie Berger, a Pauline e a Brendan McAleese da Irlanda do Norte e depois eu. Tinha pavor de cair ou fazer alguma parvoíce antes de ela chegar até mim e, à medida que ela avançava pela fila, o meu coração batia tão alto nos ouvidos que pensei que toda a gente na sala devia ouvir. E depois, lá estava ela.

«Tenho o prazer de apresentar Doris Fisher Stokes, ma'am, que é médium, escreve livros e tem trabalhado incansavelmente para o Save the Children Fund», disse Iris Burton, editora da Woman's Own, enquanto eu tentava fazer uma pequena vénia.

A Princesa olhou diretamente para os meus olhos, de modo que o resto da sala desapareceu.

«Perdeu algum filho com isto?», perguntou ela, referindo-se às doenças do sangue que seriam tratadas.

«Não, ma'am», disse eu, «perdi quatro filhos quando era jovem, mas adoro crianças, por isso tento fazer o que posso.»

Ela sorriu. «Parece um pouco cansada.»

Também era observadora. «Bem, não trabalho tanto como a senhora, ma'am.»

«Oh, para mim é um bocadinho diferente!», disse ela com um sorriso enviesado, como quem diz que tudo está preparado para ela. Não tem de trabalhar como eu.

E depois acabou e ela dirigiu-se à plataforma para os discursos. Acho que talvez não prestei tanta atenção aos discursos como devia, porque estivemos de pé o tempo todo. O presidente ofereceu uma cadeira à Princesa Anne, mas ela disse: «Não, fico de pé», e por isso toda a gente teve de ficar de pé também.

Pareceu interminável. Encostei as costas à parede e não sabia se devia estar com as pernas juntas ou afastadas para me equilibrar. Continuou e continuou e a sala ficou muito quente, mas a Princesa Anne nem se mexeu uma vez.

Toda a gente se mexia um pouco e até o homem na plataforma se abanava discretamente com o programa atrás das costas da Princesa. A Princesa Anne, porém, não mexeu um músculo, não transpirou. Ficou simplesmente de pé, descontraída, atenta e fresca como se houvesse uma brisa agradável.

Olhei para ela e pensei: meu Deus, isto é linhagem, isto é treino real. Não se compra o que aquela rapariga tem.

A cerimónia continuou. A Princesa descerrou uma placa comemorativa azul e ouro e foi-lhe oferecido um ramo de flores e um prato por uma menininha e um menininho.

O menino acabou por ser o Mark, o primeiro rapaz a ter um transplante de medula óssea com sucesso. Estivera no Dorchester quando lançámos a campanha e lembrou-se de mim. Desceu a corda azul que nos separava e veio dar-me um abraço.

«Fiz bem?», perguntou ele. Tinham-lhe dito para fazer uma vénia e ele baixara rapidamente a cabeça.

«Fizeste lindamente», disse-lhe eu.

Depois fomos para um chá com buffet e o querido Professor Hobbs arranjara para levar uma mesa para mim com o meu próprio empregado e empregada para me trazerem as coisas para não ter de estar na fila.

O Sr. e a Sra. McAleese da Irlanda do Norte estavam na minha mesa e achei-os um casal maravilhoso. Tinham perdido o filhinho antes da unidade ser construída, mas continuaram a angariar dinheiro para que outras crianças pudessem ser salvas. E conseguiram apesar do Brendan estar desempregado.

Não devia estar a trabalhar, claro, mas enquanto conversávamos ouvi de repente o nome David e uma vozinha de menino disse qualquer coisa sobre a irmã.

Não quis precipitar-me até ter a certeza, por isso perguntei inocentemente à Pauline se tinha mais filhos.

«Oh, sim, uma menininha», disse ela.

Pronto, devia estar a falar com o filho dela.

«Quem é o David?», perguntei.

«É o nome do meu menino!», disse ela.

«Diz-me que tiraste um sweater vermelho da gaveta dele outro dia e enterraste a cara nele.»

Ela ficou atónita. «Sim, fiz isso há dois dias. Mas ninguém sabe. Nem ao Brendan contei.»

«Pois o David estava contigo, querida», disse eu.

Tive de ter cuidado para não entrar numa sessão completa, claro, mas consegui dar-lhe mais algumas palavras de conforto, incluindo o facto de o David saber que a irmã estava com a tia Marie enquanto os pais estavam em Londres.

Estranhamente, juntou-se a nós um jovem muito simpático que angariara muito dinheiro na Alemanha. Chamava-se Flight Lieutenant John Foster e trabalhava para o Ministério da Defesa. Quando lhe contei da minha visita a Scampton, disse que pena não me ter conhecido lá.

«Podia ter-te feito entrar», disse ele. «Basta dizeres se houver algum sítio onde queiras ir que eu arranjo», e deixou-me o número de telefone.

Eram uma malta descarada na nossa mesa. Queriam fumar, por isso gritaram: «A Doris Stokes quer fumar!» E imediatamente trouxeram um cinzeiro.

Depois, um pouco mais tarde, alguém quis ir à casa de banho. Saiu e descobriu que não podia passar porque a Princesa Anne vinha a descer as escadas. Voltou e disse: «A Doris Stokes quer ir à casa de banho das senhoras!»

«Isso pode ser», disseram eles.

Claro que tive de ir, mas uma senhora loira colou-se atrás de mim.

«Porque fizeste isso?», perguntei-lhe, «eu podia ter esperado.»

«Bem, eu também queria ir», disse ela, «mas ninguém me conhece. Toda a gente te conhece a ti!»

Depois do chá, o Professor Hobbs veio buscar-me para ver a unidade. Tinha lido no programa que a unidade continha sete cubículos especiais, cinco dos quais de fluxo laminar, cada um com o seu próprio sistema de filtro que banha o doente com ar sem germes. Havia também uma cozinha estéril e uma sala de utilidades.

Parecia muito impressionante, mas era ainda mais quando se via. Havia todos aqueles filtros e grandes bolhas sem germes.

«Põe a mão ali, Doris», disse o Professor Hobbs e, quando fiz o que ele pediu, senti um grande jato de ar estéril a empurrar-me a mão.

Havia um menininho na unidade que já fizera o transplante e não precisava de ficar isolado.

«Este é o Matthew», disse o Professor Hobbs.

«Olá, Matthew querido», disse eu. Era um menino adorável de cerca de três anos que estava deitado na cama com a cabeça nos joelhos do pai. O cabelo começava a crescer-lhe de novo como uma penugem por toda a cabeça.

«A barriga está a descer, não é, Matthew», disse o Professor Hobbs. «Tinha uma barriga grande há pouco tempo.»

«Que sorte a tua», disse eu, «eu tenho uma barriga grande e a minha não vai descer!»

Havia um fotógrafo por ali e perguntou se eu podia deitar-me na cama com o Matthew para a fotografia.

«Sim, tudo bem», disse o Professor Hobbs.

«Posso sentar-me na cama contigo, Matthew?», perguntei.

«Sim.»

«Posso dar-te um grande abraço?»

«Sim», disse ele outra vez, por isso, claro, dei.

Só faltava entregar a boneca da Cornualha, agora chamada Anne e resplandecente num vestido e touca de veludo vermelho com roupa interior e cuequinhas e sapatos e meias que tudo se tirava e, depois, era hora de ir embora.

De repente percebi que estava exausta, mas não trocaria aquilo por nada deste mundo.

E aqui estou eu na minha cama de hospital, um pouco maltratada e dorida, a tocar a cassete da Kathy para me animar. Os médicos abanam a cabeça e dizem-me que devia abrandar, mas estou ocupada a fazer os exercícios do braço e a cantar para recuperar a voz. Estou determinada a voltar a andar em breve.

Claro que não estou a ficar mais nova e não sei quanto tempo mais tenho, nenhum de nós sabe, mas tenho uma sensação estranha de que ainda há qualquer coisa que tenho de fazer. Não consigo imaginar o quê, porque já fiz sessões privadas, demonstrações públicas, televisão, rádio e entrevistas a jornais. No entanto, ainda sinto que há algo que devo fazer.

Sem dúvida que o mundo espiritual me mostrará o que é a seu tempo — e quando descobrir — serão os primeiros a saber!